

**Universidade do Estado do Pará
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado**



Maria do Socorro Pereira Lima

**Práticas Educativas na Amazônia
Cenários, objetos e dizeres de leitura dos
ambulantes do Centro Comercial de Belém-Pará**

**Belém
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Maria do Socorro Pereira Lima

**Práticas Educativas na Amazônia
Cenários, objetos e dizeres de leitura dos ambulantes
do Centro Comercial de Belém-Pará**

Dissertação apresentada ao Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia - área de concentração: Diversidade lingüística e educação na Amazônia, sob a Orientação da Prof^a. Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva.

**Belém
2009**

Dados Internacionais de catalogação na publicação
Biblioteca do Centro de Ciências Sociais e Educação da UEPA

Lima, Maria do Socorro Pereira

Práticas educativas na Amazônia: cenários, objetos e dizeres de leitura dos ambulantes do centro comercial de Belém-Pará/ Maria do Socorro Pereira Lima; Orientador, Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva, Belém, 2009.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2009.

1. Leitura 2. Trabalhadores Autônomos 3. Educação I. Título.

CDD: 21 ed. 372.4

Maria do Socorro Pereira Lima

Práticas Educativas na Amazônia Cenários, objetos e dizeres de leitura dos ambulantes do Centro comercial de Belém - Pará

Dissertação apresentada ao Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia - área de concentração: Diversidade lingüística e educação na Amazônia, sob a Orientação da Profª. Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora

(Orientadora)
Profª. Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva (UEPA)
Doutor em Semiótica e Linguística Geral
Universidade de São Paulo – USP

(Examinadora)
Profª. Dr. Laura Maria Silva Araújo Alves (UFPA)
Doutor em Psicologia da Educação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

(Examinadora)
Profª. Dr. Josebel Akel Fares (UEPA)
Doutor em Comunicação e Semiótica
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

(Examinadora)
Profª. Dr. Denise de Souza Simões Rodrigues (UEPA)
Doutor em Sociologia
Universidade Federal do Ceará – UFCE

A vida é assim, há pessoas que nos colocam no mundo e outras que colocamos, mas só isso não basta! Nesse 'corredor' humano, todos queremos ser felizes, e sou muito feliz, muito feliz mesmo!

Mas ninguém pode ser feliz sozinho. Por isso, aos primeiros, **meus pais, Lauri e Luzia** e **meus 11 (onze) irmãos**; aos segundos, **meus filhos, Karol e Júnior**, razão da minha felicidade, dedico este trabalho!

A Deus!

Aos meus queridos filhos, meus pais e irmãos, minha maior torcida.

À Direção do CCSE, Professora **María José Cravo**.

À Professora Dr. **Ivanilde Apoluceno** e ao Professor Dr. **Emmanuel Cunha**, coordenadores do mestrado, no período do curso.

Ao grupo Base de Formação de Professores da SEME/Belém, pelo incentivo de todos. Apoio técnico e profissional dispensados, em especial, por todos os momentos em que precisei recorrer às habilidades técnicas das professoras **Maricilda** e **Valéria** e apoio fraterno das amigas **Vania** e **Lúcia**.

Aos trabalhadores ambulantes do centro comercial de Belém, que se dispuseram a participar deste estudo e ao Sr. **Raimundo de Oliveira Moraes**, presidente da Associação dos Trabalhadores Ambulantes do Comércio de Belém, pelas informações disponibilizadas e auxílio constantes durante as entrevistas.

À professora Dr. **María do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva**, minha orientadora, por haver me aceitado como sua orientanda e ter iluminado o foco investigativo da pesquisa, graças a sua competência e criatividade; pela condução rigorosa no processo desta caminhada; por acreditar na minha capacidade, embora soubesse das minhas limitações; pelo companheirismo, diálogo estabelecido e dedicação total nos momentos mais difíceis; pela amizade e respeito construídos. Muito obrigada!

À professora Dr. **Josebel Akel Fares**, minha Bel e a de muitos outros, doutora, mestre e amiga, que sorri com os olhos para a cultura amazônica e não vê tempo ruim para incentivar a realização de trabalhos que valorizam saberes oriundos dessa cultura, sobretudo, os que resistem e repousam na sabedoria popular. Bel, os seus ensinamentos começam pelo seu eterno sorriso. Estava escrito nas estrelas que nos

encontraríamos por outras razões. Que bom que foi por esta! Muito
obrigada por tudo!

À Professora Dr. **Denise Simões**, mais que doutora, mestre, que, com a sua sabedoria, nos ensina a reconhecer e a valorizar saberes oriundos “do homem do povo”, que vive e produz cultura nas camadas sociais desfavorecidas dessa imensa Amazônia. Professora Denise, seu conhecimento de socióloga e seus gestos humanos me motivaram e me encorajaram na realização deste estudo, acrescido do seu carinho destinado a minha pessoa. Muito obrigada!

À professora Dr. **Laura Maria**, por haver aceitado, tão educadamente, o convite para compor a minha banca, tanto de qualificação quanto de defesa; pelas indicações e leituras, que me auxiliaram nos procedimentos metodológicos referentes às entrevistas; por suas pontuais palavras de reconhecimento a este trabalho. Muito obrigada!

A todos os meus professores do mestrado, em especial às Professoras Dr. **Socorro França** e Dr. **Nazaré Cristina**, companheiras de todos os momentos, sempre disponíveis a ajudar e a compartilhar com sugestões de leitura importantes, além dos divertidos momentos que passamos juntas na pesquisa do PROCAD. Obrigada pela amizade construída!

Aos colegas da 3ª turma de mestrado, especialmente ao companheirismo e inesquecíveis momentos de convívio das amigas **Claudene, Giza, Socorro Padinha, Roseane e Vivianne**. Ao **Nícolás e Jorginho**, funcionários do PPGED, pela presteza e disponibilidade em ajudar.

À **Secretaria Executiva de Educação (SEDUC/PA)** pela bolsa-mestrado concedida durante os 24 meses de curso.

Por fim, expresso a minha gratidão a **todos** que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Quando chego aqui (*comércio*), arrumo tudo, depois eu sento e fico lendo o jornal. Quando chega freguês, atendo, volto a ler de novo. O jornal é uma leitura muito útil pra nós trabalhadores. É um meio de comunicação pra gente que não tem tempo de ver televisão.

(D. Nazaré- trabalhadora ambulante).

RESUMO

LIMA, Maria do Socorro Pereira. **Práticas Educativas na Amazônia**: cenários, objetos e dizeres de leitura dos ambulantes do Centro comercial de Belém – Pará. Mestrado em Educação – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2009. 180 f.

Esta investigação, de abordagem qualitativa, se configura num tipo de estudo em perspectiva histórica. Objetivou analisar os sentidos construídos pelos trabalhadores ambulantes do Centro comercial de Belém/PA, no que se refere aos objetos que circulam e lêem nesse cenário. Inicialmente, nos propusemos a identificar os objetos que circulam no cotidiano desse comércio, e, destes, os presentes nas práticas de leitura deles; registrar como os eventos de leitura dos ambulantes se convertem em processos educativos relacionados à categoria profissional dos que nesse espaço trabalham; e analisar, à luz do aporte teórico metodológico proposto, como e quais sentidos os ambulantes entrevistados constroem sobre os objetos que lêem. Correlacionadas a esses objetivos, as questões que nortearam o percurso investigado foram: que objetos estão neste cenário dos ambulantes? Como se convertem esses objetos de leitura, em processos educativos à categoria e em que situações?; e como os ambulantes constroem sentidos aos objetos que lêem e em que condições? Participaram da pesquisa oito trabalhadores ambulantes, quatro do sexo masculino e quatro do feminino. Os procedimentos teórico - metodológicos partiram de três vertentes: da História Cultural, da História Oral e da teoria da Análise do Discurso da Escola Francesa. Os dados foram produzidos por meio de entrevistas, registros fotográficos de eventos, objetos e cenas de leitura, permeados pelas histórias de leituras dos ambulantes e analisados à luz do aporte teórico selecionado. Os resultados indicam que o Centro comercial de Belém é um espaço de produção cultural, onde práticas de leitura se dão diariamente, em tempo e modos diferentes, em que, aos objetos lidos, são construídos sentidos porque estão relacionados às condições social e histórica dos ambulantes, além dessas inferências, significar uma forma de se educarem para se constituírem profissionais perante o Estado. Por fim, podemos afirmar que são leitores, mesmo que ignorados pelo censo educacional, reafirmando a hipótese inicial que indica outro modelo de pesquisa, se de fato, se quer saber quem é leitor.

Palavras-chave: Educação; discursos; trabalhadores ambulantes; objetos de

ABSTRACT

LIMA, Maria do Socorro Pereira. Educational Practices in the Amazon: scenario, objects and slogans reading the street to the commercial center of Belém - Para Master of Education - University of Pará, Belém, 2009. 180 f.

This research uses a qualitative approach, it sets a type of study in historical perspective. Attempted to analyze the meanings constructed by workers walking to the commercial center of Bethlehem / PA, in the case of moving objects and read this scenario. Initially, we set out to identify the moving objects in daily life such trade, and of these, the present practice of reading them; register as the events of reading street turn into educational processes related to the professional category of those who work in this area; and analyze, in light of the theoretical methodology proposed, how and which way the hawkers interviewed build on the objects they read. Correlated with these objectives, the questions that guided the route were investigated: that objects are in this scenario the street? How to convert these objects to read in the educational category and in what situations?, And as street construct meanings to objects that read and under what conditions? The participants were eight street workers, four male and four females. Procedures theoretical - methodological departed from three aspects: the Cultural History of Oral History and theory of discourse analysis of the French School. Data were generated through interviews, photographic records of events, objects and scenes of reading, permeated by reading stories of street and examined under the theoretical framework selected. The results indicate that the commercial center of Bethlehem is a space of cultural production, where reading practices are given daily, on time and in different ways in which to read objects, meanings are built because they are related to social and historical conditions of the street in addition to these inferences, meaning a way to educate professionals to form, to the State. Finally, we can claim to be readers, even ignored by the educational census, confirming the initial hypothesis that indicates another type of research, if indeed, one wonders who is the reader.

Keywords: Education; speeches, street workers, objects reading.

LISTA DE FIGURAS

SEÇÃO I		
Figura 1	População estudada.	30
Figura 2	Metodologia e amostra.	31
Figura 3	Principais conceitos utilizados.	32
Figura 4	Quem são os leitores de livros no Brasil.	33
Figura 5	Frequência de leitura por tipo de suporte.	34
Figura 6	Livro mais importante na vida dos leitores.	35
Figura 7	Não leitores estão na base da pirâmide social.	36
Figura 8	O que os brasileiros estão lendo.	37
Figura 9	Lugares onde os leitores costumam ler.	38
Figura 10	O livro, o conforto e a expressão de prazer.	39
Figura 11	Um homem lendo no lixão, em um jornal, uma coluna sobre economia	40
Figura 12	Um erudito lendo em seu gabinete.	41
Figura 13	Mapa da cidade de Belém.	50
Figura 14	Planta do Centro Histórico da cidade de Belém (recorte do mapa da cidade).	51
Figura 15	Porto pesqueiro de Belém. Ao fundo, o Mercado do Ver-o-Peso.	51
Figura 16	O Mercado de Ferro, na doca do Ver-o-Peso (século XX).	52
Figura 17	Panorama da cidade de Belém, no início do século XX.	53
Figura 18	Fachada da Livraria Tavares Cardoso (início do século XX), na Rua Conselheiro João Alfredo.	53
Figura 19	Loja Paris N ^o América (início do século XX – <i>Belle Époque</i>).	53
Figura 20	Fachada do Banco do Estado do Pará, na rua Conselheiro João Alfredo.	54
Figura 21	<i>Point</i> de encontro na Praça dom Pedro II, atual Av. Portugal (início do século XX – <i>Belle Époque</i>).	54
Figura 22	Corredor do mercado informal da Rua Conselheiro João Alfredo.	55
Figura 23	“Tenda árabe”- barracas padronizadas.	56
Figura 24	Armazéns e estabelecimentos comerciais, em frente à Praça Mauá (século XX). A presença de ambulantes é discreta.	56
Figura 25	Rua Conselheiro João Alfredo, esquina da Trav. Frutuoso Guimaraes.	56
Figura 26	Presença de trabalhadores e clientes no mercado informal.	57
Figura 27	Prédios históricos na Rua Conselheiro João Alfredo.	57
Figura 28	Camelôs na sobrevivência pirata.	58
Figura 29	Rua Conselheiro João Alfredo, esquina da Av. Portugal.	58
Figura 30	Rua dos Mercadores (século XX), atual Rua Conselheiro João Alfredo.	58
Figura 31	Leitura de jornal no comércio.	59
Figura 32	Leitura do jornal. Veículo de informação local, nacional e internacional, no comércio.	59
Figura 33	Jornal , letreiros, CDs e DVDs como objetos de leitura constante no cotidiano do comércio.	60
Figura 34	A Bíblia entre os produtos à venda.	60

Figura 35	Planta baixa de ordenamento das barracas na Rua João Alfredo, proposta pelos ambulantes à Prefeitura de Belém.	61
Figura 36	Letreiro com anúncio de lanches e preços.	62
Figura 37	Letreiros com propagandas de concertos de relógios e outros.	63
Figura 38	O uso da linguagem fática para o consumo de água de côco.	63
Figura 39	Mercado da informalidade no Centro Histórico de Belém.	65
Figura 40	O trabalhador que vende e lê.	69
Figura 41	Autônomo livre para ler.	71
Figura 42	Da instabilidade profissional à realização do sonho formalizado.	73
Figura 43	Vendedora que vê na informalidade o começo para o acesso ao mercado formal.	74
Figura 44	Centro comercial de Belém: espaço de intensa movimentação de pessoas de todos os lugares do país e do mundo.	75
Figura 45	Ambulantes que quando não trabalham, lêem.	76
Figura 46	A Bíblia e demais produtos evangélicos.	76
Figura 47	DVDs e CDs: marcas da sobrevivência no mercado informal.	76
SEÇÃO II		
Figura 48	Uma trabalhadora lendo o jornal, pela manhã.	86
Figura 49	Cena de leitura do jornal no comércio de Belém.	87
Figura 50	Destaque para a cena de leitura do caderno policial.	87
Figura 51	A presença da Bíblia na vida do ambulante.	88
Figura 52	Memorial de leitura com fatos históricos da categoria de trabalhadores ambulantes.	89
Figura 53	Acervo de fotografias com fatos históricos dos ambulantes.	90
SEÇÃO III		
Figura 54	Propaganda de compra e venda de jóias.	115
Figura 55	Endereço de lojas de crianças.	115
Figura 56	DVDs de programas infantis.	116
Figura 57	Propaganda de serviços esotéricos.	118
Figura 58	Propaganda de prestação de serviços espirituais.	118
Figura 59	Leitura do jornal em horário de movimentação.	119
Figura 60	A leitura da Bíblia no tempo do leitor.	120
Figura 61	A formalidade do livro no mercado informal.	121
Figura 62	Leitura de folhetos bíblicos.	122
Figura 63	Lista de produtos e preços de alimentos.	123
Figura 64	Panfleto com propaganda de roupas.	124
Figura 65	Propaganda de serviços especializados.	124
Figura 66	Folhetos bíblicos e produtos evangélicos, à venda no comércio.	145
Figura 67	A Bíblia como objeto de leitura de todos os momentos na vida dos ambulantes.	148
Figura 68	Prática de leitura da Bíblia.	149
Figura 69	A Bíblia como suporte de proteção.	149
Figura 70	Leitura diária da revista Deus Conosco, em favor de um bom dia de trabalho e busca de proteção.	150
Figura 71	O jornal aguardando a trabalhadora atender o freguês.	152
Figura 72	Leitura silenciosa e cheia de coletividade.	154
Figura 73	Práticas de leitura na comunidade de leitores ambulantes	154

Figura 74	Práticas de leituras do jornal na formação de uma comunidade de trabalhadores.	155
Figura 75	A presença de revistas no cotidiano dos ambulantes.	
Figura 75	O interesse do trabalhador pelo esporte.	156
Figura 76	Práticas de leitura como produção cultural dos ambulantes.	158
Figura 77	Vestígios de escolaridade na vida dos trabalhadores ambulantes.	161
Figura 78	Prática de leitura em voz alta.	163
Figura 79	Prática de leitura silenciosa.	163
Figura 80	Práticas de leitura não escolares.	166
Figura 81	Práticas de leitura de livros auto-reflexivos.	167
Figura 82	DVDs de programas de computador e Bíblia.	169
Figura 83	Cópias de DVDs e CDs evangélicos, à venda no Comércio.	170
Figura 84	Letreiros com propagandas de serviços do mercado formal.	171
Figura 85	Panfleto com propagandas de confecções.	171
Figura 86	A concentração para ler as notícias.	174

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.	Quanto á naturalidade	66
Quadro 2.	Quanto à idade	67
Quadro 3.	Quanto ao estado civil	67
Quadro 4.	Quanto à posse de moradia	67
Quadro 5.	Quanto ao nível de escolaridade	67
Quadro 6.	Perfil socioeconômico e grau de escolaridade dos ambulantes sujeitos da pesquisa	70
Quadro 7.	Ambulantes e objetos de leitura na infância	129-130
Quadro 8.	O que liam os ambulantes na adolescência em que situações?	135-136
Quadro 9.	Objetos de leitura/citações	137

SUMÁRIO

Minha Aruanda coletiva		15
SEÇÃO I – Arquitetura ambulante		27
1.1	ÀS MARGENS DE OUTRA CIDADE	28
1.2	‘LÁ EM BAIXO’: UM CENÁRIO DE BARRACAS E TABULEIROS DOS ‘CORREDORES’ HUMANOS	49
1.3	ARQUITETOS DOS CORREDORES DOS AMBULANTES	64
SEÇÃO II – Arquitetura dos dados		77
2.1	A OBSERVAÇÃO ICONOGRÁFICA	78
2.2	A HISTÓRIA ORAL	91
2.3	A ANÁLISE DO DISCURSO	105
SEÇÃO III – Dos dizeres sobre objetos de leitura		113
3.1	ARQUITETURA DO DIZER: OBJETOS E DISCURSOS DOS AMBULANTES	114
3.2	<i>STATUS</i> DOS OBJETOS ENTRE OS AMBULANTES	142
3.2.1	Dos textos religiosos	143
3.2.2	Dos jornais e revistas	150
3.2.3	Da leitura de livros	158
3.2.4	CDs e DVDs	166
3.2.5	Panfletos e letreiros	168
Para dizer é preciso não-dizer		176
Referências		182
Apêndice		189
1- Roteiro de entrevistas		
2- Termo de autorização e cadência dos dados dos sujeitos		

Minha Aruanda coletiva

Quero abrir minha Aruanda, meu passado e meu presente para que ela deixe de ser apenas minha e se torne de todos, pois para mim nada existe de meu: a própria vida é um bem coletivo.

(Eneida de Moraes)

Não pude fugir de ‘abrir minha Aruanda’, neste trabalho que reúne uma análise dos sentidos construídos, pelos trabalhadores ambulantes do Centro Comercial de Belém/PA, sobre os objetos que lêem e em que condições o fazem. Não haveria palavras mais adequadas que as de Eneida de Moraes, esta mulher, que, justamente por ser escritora, sabe como ninguém que é comum relacionarmos às nossas produções um artifício para falar de nós mesmos, e o desejo vão além de nós, e, neste caso, de mim.

A motivação que me levou a elaborá-lo advém da tecitura de muitos fios, cujo ponto de partida se situa na minha origem, quando, em meio a eventos de um Brasil moderno, marcado pelas estruturas urbana e industrial de um capitalismo “selvagem”, os personagens lutavam para transformá-las.

Nesse cenário, em Abaetetuba, cidade do interior do Pará, situada à margem direita da foz do rio Tocantins, onde nasci e vivi até a fase da adolescência, em meios aos coloridos brinquedos de miritis, me constitui leitora, por meio da escola e incentivo da família, em vista da leitura ser um bem cultural necessário para quem vive numa sociedade grafocêntrica e a que todos devem ter acesso.

Nestas palavras introdutórias não cabem tudo, mas é impossível não falar da minha primeira leitura, que coincidiu com esse mesmo cenário conflituoso em que eu vivia. Era um livro de capa azul, com letras douradas, que repousava, junto a outros, numa estante da casa de uma amiga como peça de decoração. Não era grosso e nem fino, mas me seduziu, no início da minha adolescência, aos doze anos.

O fato de não pertencer a uma família de tradição acadêmica me tornara uma leitora curiosa e com certa liberdade para ler o que era ou não autorizado, na época. No desabrochar da minha adolescência, tive acesso a muitas leituras, mas essa, a do livro da capa azul com letras douradas, me marcou, e, por isso me obrigo a revelá-la, pois foi o ponto de partida para o meu ingresso no mundo dos “letrados”. *Olhai os lírios do campo*, obra do modernista Érico Veríssimo, ficou marcada na minha memória.

Curioso ou não, não foi a narrativa centrada nas vicissitudes de *Eugênio*, o personagem principal, em plena crise de valores éticos e, ao mesmo tempo, desejoso de conhecer-se, de construir-se como indivíduo que me impressionou. O que, de fato, atravessou comigo a baía do Guajará, rumo a Belém, para seguir meus estudos, foi a sensibilidade da personagem *Olívia*, cujas palavras do discípulo Mateus ressoam na minha memória nos momentos mais difíceis. Dizia *Olívia* ao inseguro *Eugênio*, nos momentos em que este não aceitava sua origem humilde e fazia desta condição um martírio para a sua vida: *Considerai os lírios do campo. Eles não fiam nem tecem e, no entanto, nem Salomão em toda a sua glória se cobriu como um deles (6: 28 29)*.

Como *Eugênio*, também tive uma origem simples. Ao contrário dele, que se tornara um homem cujo dilema se centrava em torno de bens materiais e acabara por se tornar amargo e infeliz, eu, particularmente, buscava, nas pequenas coisas, uma forma utilitária de reagir e ser feliz. A leitura foi uma dessas “coisas simples” que se intensificaram quando conheci *Olívia*. Aprendi com *Olívia* a dar valor à vida, a conviver com o diferente, a me tornar mais humana. *Eugênio*, só conseguiu despertar para a vida quando perdeu *Olívia*, para sempre. Mas um dia ele se reergueu a partir dos ensinamentos deixados por ela, nas lembranças e nas cartas.

A verdade é que essa primeira leitura de livros, - pois na escola líamos os textos que os professores escreviam no quadro -, de fato, me fez operar a mais preciosa oportunidade de aprender a pensar. Encontrei, nessa narrativa modernista, uma personagem de traços realistas com os quais passei a me identificar e a agregar outras leituras, que me levaram a construir sentidos próprios. Atravessei a baía de Guajará aos quatorze anos, para morar em Belém e, assim, outros fios foram emendados à costura que eu iniciara quando criança.

Essas leituras, mesmo com vínculos ‘aparentemente tradicionais’, se davam pela descoberta e pelos efeitos de sentidos que elas me causavam e ainda causam, distintamente das que me foram apresentadas na escola, e que, sob as condições impostas, também as lia e aceitava, sempre reagindo com o “silêncio significante”.

Dos quatorze aos dezoito anos, antes de ingressar na graduação, exercia clandestinamente a função de Dora, personagem do filme Central do

Brasil, do cineasta Walter Sales. Escrevia “cartas de amor” encomendadas pelas minhas colegas que comigo moravam no mesmo pensionato. Elas enviavam aos namorados que haviam deixado em seus lugares de origem. No conteúdo dessas cartas, abusava dos poemas de Alberto Caeiro, Fernando Pessoa e Vinícius de Moraes

Às vésperas de prestar o vestibular para o curso de Letras da Universidade Federal do Pará, conheci Pablo Neruda e fiquei impressionada com suas metáforas, e a ele devo o tom metafórico das minhas produções. Ainda não havia arrematado a costura, porém, a graça foi se perdendo quando os fios da necessidade intelectual passaram a fazer parte dela. Eles passaram a se sobressair, pois eram obrigatórios no curso de Letras da Universidade Federal do Pará - que conclui com a produção de uma descrição da obra *Angústia*, de Graciliano Ramos, sob a orientação da saudosa Professora Margarida Paiva.

O Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Português, na PUC- MG tinha uma razão profissional. Cursava-o com o a mente desviada para as leituras de imagens da escritora Ângela Lago, ocasião em que comecei a me interessar e a conceber a leitura por meio de outras linguagens, outros suportes.

Após essa Especialização, iniciei, em 1993, a prática docente numa escola pública do município de Belém, o que me colocou em contato com a leitura de textos sobre a cultura amazônica, por meio da disciplina literatura paraense, ocasião em que pude encontrar, nas obras dos autores, vestígios das minhas raízes caboclos. Comparei-me à Irene, menina esperta, cheia de esquisitices, que, como eu, havia vindo do interior. Era a personagem divertida e marcante da escritora paraense Lindanor Celina.

O personagem Mundico, do conto Natal, do escritor Ápio Campos, me fez chorar e, também, aguçar a minha sensibilidade para questões sociais. Havia muitos alunos como o Mundico, que passavam o natal sem motivo para comemorar a data. E o retrato das escolas ribeirinhas da Amazônia, descrito nas lembranças de Biá, personagem de Dalcídio Jurandir, me fez viajar nas lembranças dos meus colegas de escola que moravam nas ilhotas aos redores de Abaetetuba e tinham que viajar de madrugada, em pequenas canoas para estudar na cidade. Mais que isso, Biá está presente na figura de muitas

crianças que caminham pelas trilhas, de difícil acesso da nossa Amazônia, rumo à escola.

Era a vivência minha e dos meus colegas com elementos da cultura Amazônica na obra desses e de outros autores. Essas leituras, no currículo escolar, as via como uma exceção em relação às dos livros didáticos, que os alunos não gostavam, embora fizessem usos para fins escolares. Ao contrário, as leituras dos escritores amazônidas, nos levavam a um encontro com a natureza, confrontando-nos, enfrentando-nos, transfigurando-nos. Era uma diversidade histórica e cultural revelada pelo imaginário humano que transitava nas obras a serem lidas nas escolas.

Não pude mais arredar o pé do destino que me trazia de volta às expressões que revelavam, por meio do saber criativo do caboclo, a magia dos saberes culturais da Amazônia, região tão cobiçada pelos olhos do mundo que almeja seus bens materiais e imateriais. Em 1996, com a reforma curricular no ensino, provocada pela Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a rede municipal de Belém extinguiu a disciplina Literatura Paraense, que, na verdade, era amazônica, a qual nos oportunizava, formalmente, uma relação identitária com as raízes culturais.

A experiência daquelas leituras na escola pública que contextualizavam o contexto social dos alunos por meio das histórias, contos e poesias, de obras dos escritores amazônidas, se aproximava da proposta de Freire (2002), ao afirmar que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. O legado desses autores e vivos na vida de cada leitor oprimido e de meus alunos, que recepcionaram as decisões da lei com o discurso do “silêncio constitutivo indicavam que, para dizer, é preciso não – dizer” (ORLANDI, 2007, p. 24). Isso tudo me inquieta muito, me faz ver que, se a leitura que fazemos não nos é significativa, não nos faz sentido.

Não irei além, nem ficarei divagando neste memorial leitor, mas me é visceral esclarecer que as personagens das leituras e as da história da leitura do Brasil, representadas por mim e meus alunos, me puseram a olhar demoradamente o mundo e a encontrar nele um sentido mais real para a minha vida pessoal e profissional, sem que o considerasse tão perverso, cheio de enganos.

Os conflitos econômicos que marcaram o contexto da minha infância, e que marcam o contexto atual, além do contato direto com o mundo real, aqui investigado, mais uma vez, se assemelham à sonoridade das palavras de *Olívia*, quando dizia que só valem as experiências que fazemos com a nossa própria carne. Então, das memórias à realidade pesquisada.

Às considerações, cabe o entendimento, segundo o qual, se não interrogamos primeiro nossas condições humanas, como interrogaremos as dos outros, como lembra Morin (2001, p. 52): “[...] o humano é um ser a um só tempo plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a identidade originária”. Esse é o artifício do qual nos fala Eneida, a importância de poder repensar a minha trajetória pessoal e profissional e, com ela, objetos, leitores e práticas de leitura, como o objeto deste estudo, em um cenário de trabalhadores ambulantes do Centro Comercial de Belém, capital do estado do Pará.

Pelas mesmas razões, retomo as palavras de Minayo (1997, p. 17) para reforçar essa decisão: “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”. Do seu ponto de vista, os interesses pela investigação de um problema resultam das circunstâncias sociais nas quais o pesquisador está inserido.

Neste sentido, embora a minha formação leitora tenha se configurado ‘tradicionalmente’ por meio de livros, este estudo se deu na contramão desta configuração, por não concordar com a concepção de leitura eleita pelos institutos de pesquisas, e que subjaz aos instrumentos produzidos por estes, e, por meio dos quais, ‘medem’, ‘conceituam’, o leitor e o não leitor, tomando como base **o livro**, enquanto outros suportes de funcionalidade social são ignorados, desprestigiados, deixados à margem, e, assim, uma significativa parcela da população brasileira é definida, considerada ‘não leitora’, porque não lê ‘livros’, e sim outros suportes outros objetos, e mais, em um cenário não escolar.

Para fundamentar essa questão, tomamos o referencial conceitual dessa situação, a pesquisa intitulada ‘Retrato da Leitura no Brasil’, que não adiciona nesse retrato os leitores de suportes variados, incluindo os da Bíblia, por exemplo, que aparece entre os objetos mais citados, justamente por essa pesquisa ter, como parâmetro, a pessoa que lê, pelo menos, 1 livro

considerado 'clássico', a cada três, enquanto quem lê, diariamente, a Bíblia é "não leitor".

Esta incomodação partiu de uma experiência com alunos adultos de uma escola pública, os quais não gostavam de ler os livros da biblioteca da escola, e, ao serem oportunizados a selecionarem suas próprias leituras, as que lhes interessasse ler, se apresentaram com objetos variados, da convivência diária deles, relacionados ao trabalho, à profissão, ao gosto, às reflexões, ao conhecimento, à informação etc.

Isto me levou a refletir sobre o que, de fato, aos alunos interessa e lhes faz sentido ler? Essas reflexões motivaram a ampliar meus conceitos em relação aos objetos de leitura, de forma que passei a entender que, se há objetos que não lhes faziam sentido, não se interessavam em ler e, nem por isso, deixavam de ser leitores; e que nós, educadores, bem relação à escola, precisamos ampliar a história da leitura para outros suportes e sua ressignificação, estaríamos, assim, estendendo a produção, a transmissão e a recepção dos textos, de todos os tipos, usos e formas que lhes sirvam de suporte.

Essas reflexões introdutórias me impulsionaram a ingressar neste mestrado, na linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia, decidida a realizar uma pesquisa na área da leitura, que demandasse analisar o leitor social, aquele que se coloca por inteiro com suas experiências, histórias, paixões e necessidades, no contexto real da Amazônia. Isto, sobretudo, pela forma conceitual a partir da qual são avaliadas a leitura, ao longo da história, os leitores e os objetos a que lêem.

Para não pisar no mesmo chão já alicerçado por muitos trabalhos que rotulam o não domínio da leitura como um dos maiores problemas da educação brasileira, antes de definir bem mais adequadamente este projeto de pesquisa, procurei me certificar certifiquei do volume de investigação na área da leitura e verifiquei uma vasta exploração nos cursos de pós-graduação no Brasil, não só por pesquisadores da área da linguagem, como também da história da educação, da psicologia e da antropologia.

Desse levantamento, em dados apontados nos estudos de Ferreira (2001), 227 trabalhos foram realizados no período de 1980, e mais 181, no período de 1996 a 2000, todos com o temário leitura, sendo que, a maioria,

com foco investigativo nas situações experimentais, em que testes, questionários e atividades planejadas, dão visibilidade às habilidades, aos níveis e ritmos relativos aos processos cognitivos, ou seja, fazem uma abordagem externa da leitura, ou melhor, do domínio da habilidade leitora – estratégias usadas para o aprendizado desta como um processo puramente mecânico.

Em outra direção, este estudo pretendeu, inicialmente, registrar objetos que circulam no cenário dos trabalhadores ambulantes do Centro Comercial de Belém, inseridos num cotidiano mais amplo, que não elucidam o leitor embutido em textos escolares, mas que implique em contribuições próprias à história dos sujeitos leitores no Brasil. Assim, recorri à procura de trabalhos com esse perfil, como uma forma de assegurar sua relevância e a possibilidade de uma investigação, cuja abordagem me propusesse à realização desse estudo, para não correr o risco de pesquisar este campo temático sob uma ótica teórica escolarizada e livresca.

Dos desdobramentos de acervos editoriais, encontrei o trabalho de Bosi (1978) com a *Leitura de operárias*, pioneiro no Brasil, prefaciado por Otto Maria Carpeux, reconhecedor da importância deste tipo de investigação da autora, de forma a colocar em questão o rótulo de leitor, de leitura e de suportes desta, cristalizados no imaginário da sociedade brasileira. Isto se associou à proposta de investigação, na área da leitura, advinda da história cultural, tendo como representantes Certeau (2008); Chartier (1996); Darnton (1992), entre outros, que, em diferentes tendências, demonstram o caráter ambíguo e a importância do livro como elemento de diferenciação social e cultural na sociedade ocidental.

No Brasil, essa “nova” abordagem ganha impulso com os estudos de Abreu (2001, 2003, 2006), pesquisadora no campo da historiografia, quando publica os artigos *Os números da cultura*¹, e *Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura*². No primeiro, ela questiona os procedimentos usados nas pesquisas institucionais que avaliam a leitura no Brasil, e se refere ao

¹ Integra a coletânea do livro **Letramento no Brasil**, publicado pela editora Global, em 2004, contendo reflexões a partir do INAF 2001.

² Integra a coletânea do livro **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**, publicado pela editora Mercado das Letras, em 2001.

INAF³. No segundo, colocam em pauta os objetos de leitura menosprezados socialmente, embora lidos, o que deixa de fora das análises dessas pesquisas um número significativo de leitores no Brasil.

A recorrência a esses autores e a quase inexistência de trabalhos numa abordagem que acessasse a dimensão “interior” da leitura, a partir do próprio leitor, simbolizado pelo o que ele lê a para quê, foi significativo para desviar o olhar do “tradicional” para as práticas de leitura, que se dão no cotidiano de espaço de produção de saberes “não escolar”.

Desse modo, o Centro comercial de Belém se constituiu como *lócus* de um cotidiano, em cujo espaço se dá a produção de saberes, por meio de práticas educativas mediadas, especificamente, pelas leituras dos objetos, dos suportes deste trabalho evidenciando assim um saber instituído de forma diferenciada na que homogeneíza os saberes, e submete o sujeito-leitor a práticas padronizadas de leituras “legitimadas”, sobretudo, pelo objeto livro, e o didático.

Quem concebe a leitura aquela centrada apenas no objeto livro, apregoa o discurso pedagógico segundo o qual os alunos “não gostam de ler” ou que os brasileiros “não lêem”. Este tipo de discurso, deflagrado desde o início do século XX, quando era visível a preferência por publicações outras que não “as grandes obras”⁴, é perpetuado até os dias atuais pela escola tendo como base o livro escolar (didático).

Esse é o marco histórico de partida para a criação de programas de incentivo à leitura de livros no Brasil, sendo, o mais recente, o Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL, integrado por vários institutos que investem em pesquisa sobre a “leitura dos brasileiros”, entre os quais, o instituto Pró- Livro⁵,

³ Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – INAF, que discute o letramento a partir do trabalho de pesquisa realizado pelo Instituto Paulo Montenegro – Ação Social do IBOPE e pela ONG Ação Educativa. A pesquisa centra o seu foco investigativo nas habilidades de leitura dos brasileiros de 15 a 60 anos.

⁴ Fonte: El Far (2006). O cronista carioca João do Rio, nos primeiros anos do século XX, ilustrava em suas crônicas um panorama bastante otimista em relação ao acesso a livros, com base no índice elevado das vendas de livros populares. Entretanto, falas contraditórias, como a publicada por Olavo Bilac, pela baixa venda de suas obras, chegava à outra conclusão: que o Brasil não lia “pela terrível razão de não saber ler”.

⁵ A pesquisa Retrato da Leitura no Brasil, realizada por esse instituto, faz parte de um conjunto de políticas, programas, projetos e ações vinculadas ao Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, lançado oficialmente pelo Estado e pela sociedade civil, em dezembro de 2006, ainda no primeiro mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003 a 2006) com o objetivo de promover o livro, a leitura, a literatura e as bibliotecas no Brasil. A pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil II” abrangeu um universo da população brasileira com cinco anos de idade ou mais, incluindo os analfabetos. Destinava-se, portanto, a diagnosticar e medir o comportamento leitor da população, especialmente com relação aos livros, e levantar junto aos entrevistados suas opiniões relacionadas à leitura”. Uma apresentação da pesquisa

que, em parceria com o IBGE, realizou em 2000 e 2007 a pesquisa Retrato da Leitura no Brasil, já apresentada, como exemplo⁶.

Esse tipo de pesquisa nos permitiu inferir que a concepção de leitura que a subjaz não está associada a um tipo de compreensão sobre a representação simbólica de um signo, verbal e/ou não verbal, e em qualquer suporte e, sim, apenas ao livro, e este mais pelo suporte (objeto prestigiado socialmente, já que objetiva o prazer, o deleite do leitor) evidenciando a confusão de sempre, em que um acaba se tornando sinônimo do outro.

Portanto, os resultados desses institutos que acenam para a leitura no Brasil fazem sentido, pois o que se procura é conceituar um leitor virtual vinculado a padrões de objetos de leitura, o que, para este estudo, se consolida como uma forma de negar os leitores em favor de uma concepção de educação que ensina o aluno a ler para não saber o que dizer na vida.

Dessa perspectiva, para iniciar essa trajetória, elaboramos algumas questões para investigar práticas de leitura no centro comercial de Belém, em eventos com trabalhadores ambulantes, prevendo uma revisão de concepção de leitura, de leitor e de objetos que os levam, dentro ou fora da escola, a construir sentidos ao que lêem.

Assim, se tornou instigante o estudo de práticas de leituras que não submetessem o sujeito a um processo reducionista, que suprime as possibilidades de uma concepção mais ampliada de mundo. Neste sentido, elegemos a questão que orientou o percurso desta investigação, a saber:

- como os ambulantes do centro comercial de Belém constroem sentidos aos objetos que lêem e em que condições esses sentidos se processam em um fazer educativo à categoria?

Diante dessa, outras questões se fizeram pertinentes:

- que objetos circulam no Centro comercial de Belém e quais estão presentes nos eventos e práticas de leitura dos ambulantes?
- como esses objetos se “convertem” em eventos de práticas educativas para essa categoria?

pode ser acessada no *website* do Instituto Pró-Livro. Tratou-se de uma pesquisa quantitativa de opinião, realizada por meio de 5.012 entrevistas por meio de um questionário com 60 questões, diretamente aplicado nos domicílios (60 minutos), no período de 29/11 a 14/12/2007.

⁵ A pesquisa retratos da Leitura no Brasil está disponível para download em: <http://www.prolivro.org.br/ip/l/publier4.0/texto.asp?id=48>, acessado em 07/02/2009.

- em que condições os ambulantes atribuem sentidos a esses objetos?

Tais questões nos permitiram delimitar como objetivo geral analisar os sentidos que os trabalhadores constroem sobre os objetos que lêem e em que condições esses se processam como um fazer educativo para a categoria.

Os procedimentos para analisar o sentido desses objetos para os ambulantes ancoram-se na Teoria da Análise do Discurso (Pêcheux, 1988; Orlandi, 2006, 2007), por possibilitar interpretar que os sentidos, que podemos produzir como leitores de um determinado texto, dependem do imaginário que fazemos do “lugar social” no qual estamos inscritos, a nossa formação discursiva, decisiva na produção daquilo que, para nós leitores, se apresenta como o sentido (Peuchêx, 1988). E como específicos:

- identificar quais objetos circulam no Centro comercial e, destes, quais os presentes nas práticas de leitura dos ambulantes;
- registrar como os eventos de leitura dos ambulantes se convertem em processos educativos para a categoria;
- analisar, à luz do aporte teórico metodológico, os sentidos dados por esses ambulantes ao que lêem.

Ao reconhecer que este estudo desafia as formas reducionistas de pensar a leitura, o mundo e o leitor, o que mostra ser possível uma nova forma de interrogar a realidade, ao tomar como objeto de estudo o menor, o oprimido, o desvalorizado, o cotidiano, isso justifica um percurso metodológico caracterizado por um tipo de estudo na perspectiva histórica, de abordagem qualitativa, com aporte em três vertentes conceituais: os advindos da História Cultural, como: Certeau (2008), Chartier (1990, 1996, 1997, 2000, 2004); os da História Oral (Thompson, 2003) e os da Análise do Discurso, Pêcheux (1981 1990) e Orlandi (2006 2007). Valemo-nos, ainda, de estudiosos da história da leitura no Brasil, em especial Abreu (2001, 2003, 2006), que aguçou este objeto, entre outros.

A relevância desta pesquisa está na possibilidade de instigar práticas de leituras que registrem as possibilidades de uma concepção mais ampliada de mundo em favor de um olhar mais reflexivo às práticas educativas de comunidades outras que não tão somente a escolar, de modo que o tipo de

pesquisas atualmente realizadas pelos órgãos oficiais ressignifiquem seus parâmetros, portanto:

*Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.*

(Thiago de Mello)

Bem como será aquele que nunca teve acesso a um livro, mas teve a vários panfletos nos ‘corredores humanos’, o direito de sair da sombra das estatísticas governamentais negativas e ser chamado leitor. E também o direito de acessar outros suportes, entre estes, o livro. Por fim, e não finalmente, este estudo, em termos estruturais, apresenta, além desta **Introdução**, três seções.

A **Seção I** é destinada à apresentação do tipo de estudo, do contexto e sujeitos, da apresentação das técnicas de produção dos dados. A **Seção II** apresenta as estratégias de observação iconográfica em campo, os aportes metodológicos amparados na História Oral e Análise do Discurso. A Seção III apresenta os dados referentes aos objetos de leitura lidos pelos ambulantes, bem como os que circulam no espaço investigado, a interpretação e análise discursiva desses, as quais feitas com base nos aportes teórico-metodológicos selecionados, tendo como eixo central a Teoria da Análise do Discurso da Escola Francesa. Seguem, ainda, as **Considerações finais**, as **Referências** e os **Apêndices**.

SEÇÃO I – Arquitetura ambulante

1.1 ÀS MARGENS DE OUTRA CIDADE.....

[...] *Com quantos reais se faz uma realidade*
Preciso muito sonho pra sobreviver em uma cidade
Grande, jogo de cintura
Entre estar esperto e ser honesto
Há um resto que não é pouca bobagem [...]

(Parede. Pedro Luís)

O cotidiano dos grandes centros apresenta-se ao olhar de letristas a exemplo de Pedro Luís, entre outros, como uma costura entre pequenas *cenos* e estas configuram os *eventos* do cenário do teatro da vida urbana: *a cidade*, cujo arquiteto é o homem.

Nesse cenário o trabalho ‘informal’ no espaço público possibilita o estudo por meio de expressões imagéticas da cidade e do homem. Com o olhar, e meio escondidos, assim iniciamos este estudo. Para tanto, esta seção objetiva mostrar o tipo de estudo, os aportes teóricos, técnicas e recursos de produção dos dados, bem como a contextualização do cenário e os sujeitos que participaram da pesquisa.

Este estudo, quando se deteve a investigar práticas educativas por meio de leituras, mais especificamente, objetos, leitores e práticas num espaço distinto aos não institucionalizados, procurou se despir de preconceitos e valorizar a diferença para dar status leitor a sujeitos historicamente e privados de tal condição pelo não reconhecimento que não correspondem aos instaurados pelo modelo europeu.

Partimos do ponto de vista de que cada cultura constrói diferentes comportamentos e valores. São pilares que sustentam e justificam a organização de cada sociedade. Na nossa cultura, existe a leitura como valor, mas 75% entre homens e mulheres, segundo as estatísticas governamentais, não sabem ler.

Na verdade, a leitura passou a tornar-se importante quando seus valores se associaram às preocupações com a compra e venda de bens materiais e simbólicos. Em um país sem papel, como o Brasil, no qual predominava o sistema oral da língua, a escrita não se fazia necessária a ler (habilidade) e ler, também não. Então, papel escrito, para quê? Ou seja, não havia razão que a justificasse, porque não interessava, até então, ao sistema socioeconômico dominante.

Mesmo com o advento da “Revolução Industrial”, que obrigava o país a se constituir como nação letrada, aquelas concepções ainda permaneceram predominando. Em meio a esse processo, a idéia de leitura e livro se confunde, um acaba sendo sinônimo do outro. Assim, só se considera leitura se for a do livro. Ou seja, a idéia de leitura quase nunca é associada a um tipo de compreensão sobre a representação simbólica, de um signo, verbal e/ou não-verbal, e em qualquer suporte. Apenas o livro, e este mais pelo suporte (objeto reconhecido como de prestígio), já que objetivava o prazer, o deleite do leitor, que, aliás, eram poucos, porque a maioria, além de não ter direito de acesso a ele, não dominava a habilidade leitora desses signos.

E nas palavras de Chartier (1994), esse sempre procurou estabelecer uma ordem, seja na sua decifração ou pela autoridade de quem o solicitou ou autorizou a sua publicação – autor, instituição, editor, etc., como afirma:

[...] manuscritos ou impressos, os livros também são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis (p. 8).

As palavras desse autor estão associadas às concepções que atravessam a história de leitura no Brasil, quando o objeto livro se sobrepõe a outros suportes de leitura, porque sempre se destacou como objeto de leitura de maior prestígio social (ABREU, 2001, 2003, 2006). Isto provavelmente seja o fato dele ser o objeto apresentado aos alunos como modelo caracterizador e identificador de leitor. Esta tem sido, nas últimas décadas, a grande preocupação da educação no Brasil: incentivar a leitura de livros, em especial os didáticos e técnicos.

Essa resistência em formar uma sociedade de leitores de livros no país, tem fomentado muitos investimentos a esse favor. A exemplo, em 2005, foi publicado pela editora Cultura Acadêmica um volume dos Cadernos da Ibero – América intitulado Políticas Públicas do Livro e Leitura.⁷

Segundo essa política de acesso à leitura, o livro é a forma básica de expressão da identidade dos povos, da acumulação de *“uma parte importante*

⁷ Esse documento discorre sobre a urgência de disponibilizar os livros nos espaços e locais, por meio de bibliotecas públicas em todos os municípios do país. Essa urgência advém dos debates dos países Ibero – Americanos em concordarem que sem leitura não há cidadania, não é possível consolidar o capital social, dialogar com outras experiências no espaço global.

dos conhecimentos e das experiências, pois ele é imprescindível como instrumento que garante a coesão social".⁸ Para celebrar essa iniciativa, que correspondeu ao ano Ibero – Americano da Leitura no Brasil e fez de 2005 uma espécie de marco das mudanças que se avizinham no mundo do livro no país, a proposta foi batizada de *Vivaleitura*, mobilização que reuniu Estado, setor privado e terceiro setor, uma ação sem precedentes na história nacional, em busca de acertar os passos considerados necessários para dar início à grande e inadiável caminhada para mudar a “dura” realidade do baixo nível de leitura que persiste no Brasil.

Esse investimento que soa como o primeiro passo de uma grande caminhada rumo a combater o baixo nível de leitura dos brasileiros coincide com as lamentações e os pesares que soam fortes nos discursos que apregoam do Brasil ser um país sem cultura, simplesmente porque o seu povo não gosta de ler livros. Esta iniciativa, provavelmente, se deva ao tipo de pesquisas institucionais que, ao avaliarem a leitura no Brasil, a associam apenas ao livro.

A respeito disso, Abreu (2003) publicou o artigo *Os números da cultura*, em que contesta a avaliação da leitura feita pelo Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – INAF, que busca avaliar o leitor com base no quantitativo de livros lidos. Nesse artigo, essa autora discorre sobre o fato de ficar de fora das cifras de leitores uma significativa população de leitores de outros suportes, simplesmente porque não se enquadra nos padrões de leitura cristalizados na cultura escolar. Essa contestação nos abriu precedente para investigar a leitura a partir de outras abordagens, outros critérios e, principalmente, outros objetos, ao concordar com sua análise (Idem, p. 33):

Ler os resultados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF) 2001 estimula nossa curiosidade, nosso desejo de olhar para dentro da casa dos outros e ver como vive a maior parte dos brasileiros. Neste caso, trata-se de bisbilhotar a vida cultural das pessoas, permitindo que mexamos nos papéis, nos livros, nas anotações que cada um guarda dentro de casa e no trabalho – o que torna tudo muito mais interessante.

Como observamos nas palavras dessa autora, as concepções de leitura que ainda se centralizam no suporte, sobretudo nos livros ‘escolares’,

⁸ Cf. Políticas públicas do livro. Galeno Amorim (org.). Brasília, Brasil: OEI, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

não podem mais ser aceitas e nem tampouco referendadas como base epistemológica de instrumentos avaliativos sobre leitura no Brasil, em especial porque qualquer discussão sobre o tema em tela há que ser circunscrita nesta sociedade de cultura letrada e não à margem dela, pela ótica do preconceito quanto aos objetos de leitura e ao modelo de leitor, bem como a não distinção entre alfabetização e letramento, de forma que as cifras oficiais, quando investigam a leitura no Brasil, centralizam a análise com vista a ‘combater’ o analfabetismo no país.

No nosso ponto de vista, é preciso que se faça essa distinção, pois ser alfabetizado não é só saber assinar o nome embaixo de um documento, talvez, mas quem assina um documento que conseguiu ler e interpretar não pode ser considerado analfabeto. No entanto, mesmo assim as cifras oficiais revelam dados ‘melancólicos’, quando se busca, no país, desde os primórdios do processo de escolarização, justificar uma nação de analfabetos cuja ‘culpa’ é do sujeito, mas que, no entanto, é letrada.

Em relação a esse estudo, apresentamos alguns indicadores avaliativos da pesquisa realizada em 2007 pelo Instituto Pró-Livro, em parceria com o IBGE, que revelam dados da leitura dos brasileiros, cuja concepção e forma de análise têm como foco o objeto livro e o leitor deste. A população da amostra pesquisada (figura 1) abrangeu um universo de 95, 6 milhões de brasileiros, com mais de 5 anos de idade e moradores das capitais com mais de 30 mil habitantes.



Figura 1. População estudada.

Fonte. Retratos da Leitura no Brasil. Setembro/2009.

A Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, edição (2007) teve como objetivo central diagnosticar e medir o ‘comportamento’ leitor da população, especialmente com relação aos livros, e ‘levantar’, junto aos entrevistados, suas opiniões relacionadas à leitura.

O estudo teve, ainda, os seguintes objetivos secundários:

- conhecer a percepção da leitura no imaginário coletivo;
- definir o perfil do leitor e do não leitor de livros;
- identificar as preferências dos leitores;
- identificar e avaliar os canais e formas de acesso à leitura e as principais barreiras (p. 8).

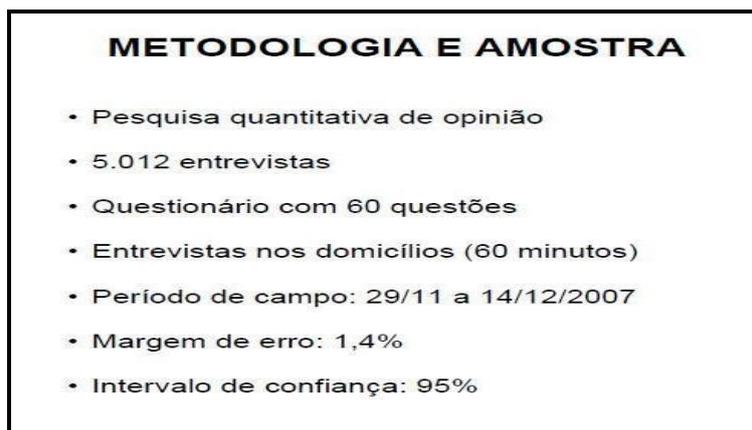


Figura 2. Metodologia e amostra.

Fonte. Retratos da Leitura no Brasil. Setembro/2009.

A pesquisa foi realizada sob uma abordagem quantitativa de opinião, feita diretamente em domicílios, junto a uma população com 5 anos de idade ou mais, por meio de um questionário com 60 questões, totalizando 5.012 entrevistas. Essa amostragem abrangeu todo o território nacional em todas as Unidades da Federação, sendo que 25% delas foram focalizadas (figura 2).

A figura 3 mostra os principais conceitos utilizados, que ao conceituar o leitor pelo quantitativo de livros, bem como o não leitor, coloca em questão a mesma preocupação preconceituosa em relação ao próprio leitor, quanto aos objetos.

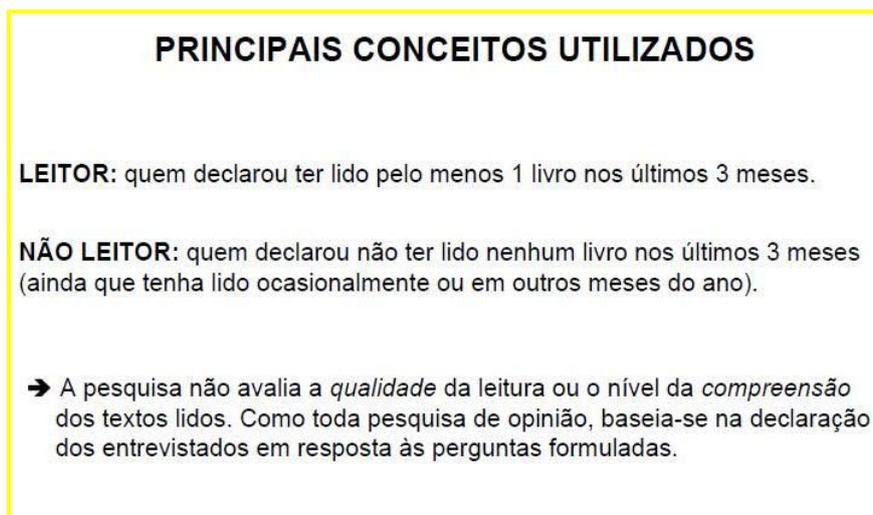


Figura 3. Principais conceitos utilizados.

Fonte. Retratos da Leitura no Brasil. Setembro/2009.

A figura 3 também demarca o tempo de consumo de livros para que o provável leitor se insira no retrato, segundo a pesquisa feita. Ou seja, diante dos conceitos, o entrevistado que lê livros, mas não no tempo determinado pela pesquisa, ainda, assim, não é leitor.

Com base nesses conceitos, a pesquisa revela que 55% da população estudada “estão lendo um livro ou leram um até três meses atrás” (à data da pesquisa), o que corresponde a 3, 7 livros lidos por leitor ao ano. Esses são os leitores. Enquanto que 45% (77, 1 milhões) dos entrevistados não haviam lido nenhum livro nos três meses anteriores à pesquisa e, desses, 6 milhões responderam que haviam lido 1 livro, e 4, 5 milhões deles afirmaram ler a Bíblia. Esses, segundo a pesquisa, são os não leitores, ou seja, não entraram nos ‘Retratos de leitores do Brasil’.

Esses dados, embora quantificados e que definem, de acordo com os objetivos da pesquisa, o leitor e o não leitor, quando apontam que o não leitor lê a Bíblia e, eventualmente, um livro, bem como outros objetos, como já afirmamos, confirma a idéia do perfil de leitor de livros, mesmo que a pesquisa tenha adentrado os lares dos brasileiros, ou seja, saído da escola formal, ela nega esse leitor. Assim, a figura 4, nos mostra o retrato sintetizado da pesquisa que objetivou o leitor de livros:

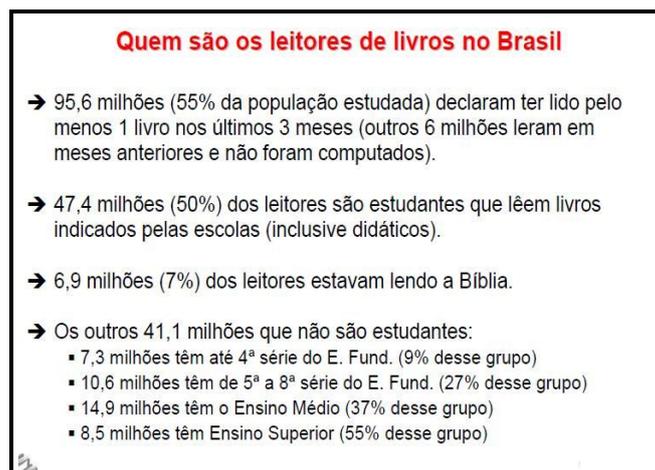


Figura 4. Quem são os leitores de livros no Brasil.
Fonte. Retratos da leitura no Brasil. Setembro/2009.

Como podemos observar que, embora a pesquisa não defina exatamente o tipo de livro que analisa, a Bíblia, nesse aspecto, mesmo sendo um livro, não entrou no rol do imaginário da proposta, cuja representação foi de 6, 9 milhões dos entrevistados.

O que podemos adiantar, com base no trajeto da história, é que não há dúvida de que se busca o leitor do livro. Esse perfil, almejado desde os primórdios do século XX, perpassou e ainda perpassa por quem apresenta uma disposição positiva frente a certos gêneros. E quando a pesquisa se preocupa com a freqüência, não deixa de se reportar ao “habito” de ler com freqüência o que remete ao fato de ser um leitor que busque certos tipos de consumo cultural.

Acerca disso, Abreu (2001, p. 155) elabora uma crítica: “[...] livros lidos por muitos não servem; bons são aqueles que poucos lêem; menos entendem e menos ainda gostam”. Este discurso coincide com os dados mostrados na figura 8 (p. 37), quanto à variedade de suportes que os “não leitores lêem”.

Na figura 5, podemos observar que a população entrevistada lê suportes variados, dentre os quais as revistas, livros em geral, jornais livros indicados pela escola, entre outros, e que a freqüência maior está concentrada diariamente, o que pode resultar num número significativo de leitores, se todos os suportes contassem para a pesquisa.

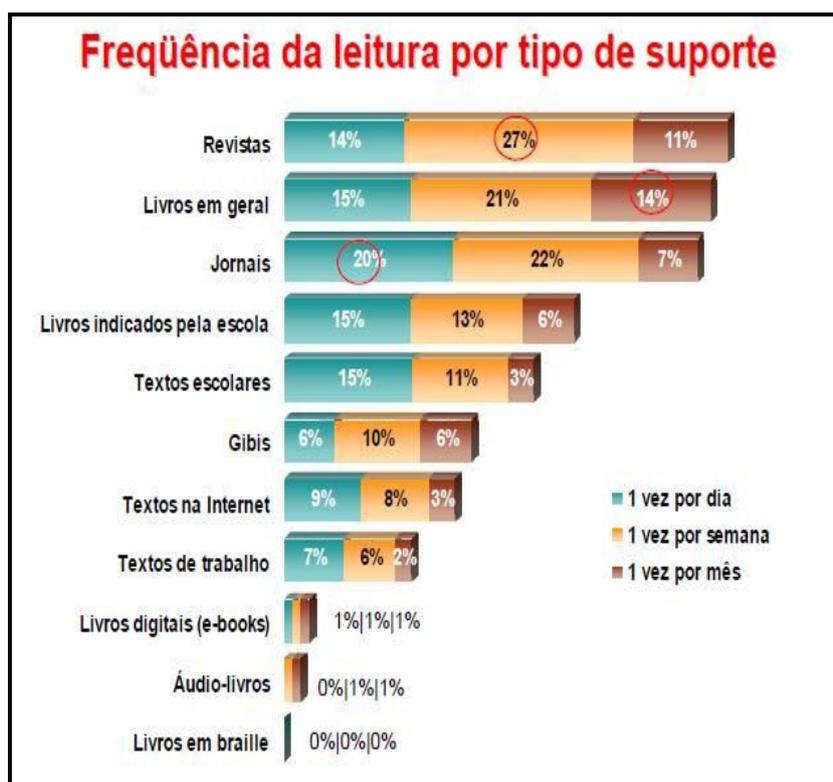


Figura 5. Freqüência de leitura por tipo de suporte.
Fonte. Retratos da Leitura no Brasil. Setembro/2009.

Acerca da Bíblia, em particular, tem sido constante a realização de pesquisas de várias naturezas que a indicam como o objeto mais lido de todos, e, mesmo assim, os que lêem e geralmente a lêem intensamente, além de declararem ser o mais importante de todos, são não leitores.

Isto é uma forma de preconceito, como ressalta Abreu (2203) “[...] Negam-se os objetos, ou as práticas, ou as próprias pessoas que lêem como inapropriados, destituídos de valor” (p. 155). Entendemos, também, que para o Instituto Pró-Livro, a concepção é a mesma, ou seja, não leva em conta o leitor da Bíblia e nem ela como suporte a ser analisado, como podemos observar, na figura 6.

Os dados da figura 6 enumeram os livros mais importantes na vida dos leitores entrevistados, de forma que a Bíblia inicia a lista como o mais importante entre os demais livros de gêneros diversos, inclusive os clássicos da literatura brasileira como Dom Casmurro, Primo Basílio, entre outros.

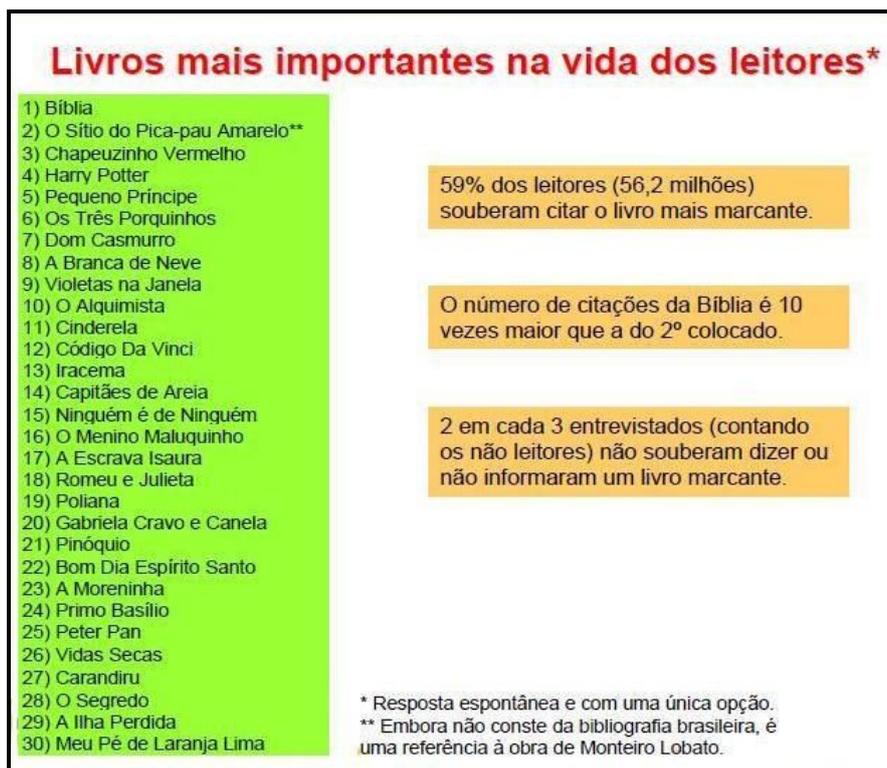


Figura 6. Livro mais importante na vida dos leitores.
 Fonte. Retratos da Leitura no Brasil. Setembro/2009.

Interessante, também, é observarmos que o número de citações da Bíblia (figura 6) ser dez vezes maior que o Sítio do Pica Pau Amarelo, clássico de Monteiro Lobato e, 2 em cada 3 entrevistados, inclusive os não leitores, ou seja, os leitores da Bíblia, não souberam dizer ou não informaram o livro mais marcante. Evidentemente, se a Bíblia é o mais marcante, que outro livro poderia citar o entrevistado?

Em meio a todos os critérios que define o leitor e o não leitor, a referida pesquisa constata a realidade social dos entrevistados (figura 7), enquanto busca pelo leitor de livros. Nos dados (figura 7), os entrevistados ditos “não leitores” estão na base da pirâmide social do país, o que reforça os preconceitos: são não leitores mesmo lendo a Bíblia; a maioria é pobre, pois ganha de 1 a 2 salários mínimos (34%) e estão classificados na classe social D, sem contar com os que estão abaixo dessas médias.

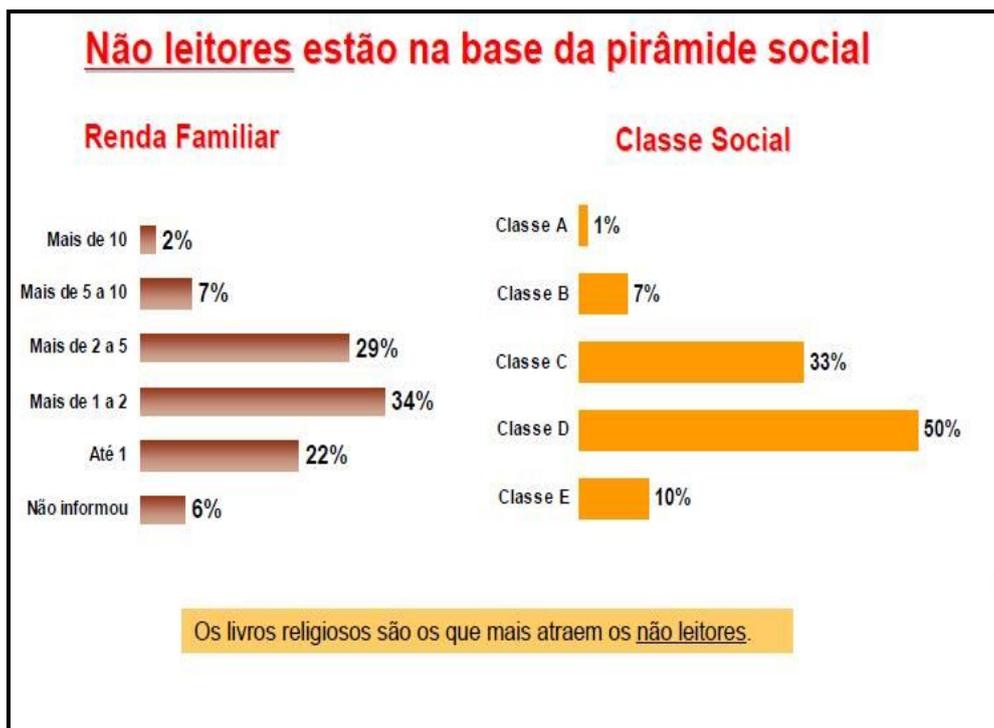


Figura 7. Não leitores estão na base da pirâmide social.
 Fonte. Retratos da Leitura no Brasil. Setembro/2009.

No contraste da situação, os que ganham mais, ou seja, acima de 10 salários mínimos (2%) e, metade desse percentual está na posição social A da pirâmide dos não leitores, o que para a pesquisa, pode significar o motivo do não acesso a livros imaginados, embora esses entrevistados se atraiam mais pela Bíblia e, se é assim, para nós, são leitores porque a lêem.

Isto, portanto, não exige que a situação social dessas pessoas seja perversa para quem vive numa sociedade que se intitula democrática e justa, o que emerge que se tenha emprego e salário digo para que as pessoas acessem e produzam bens culturais pensados socialmente.

A leitura no Brasil se for pensada apenas sobre o enfoque dos livros, certamente que é caminhar na contramão da transformação, pois, se a concepção de leitura se ampliasse, certamente os números seriam outros, pois os demais leitores de outros suportes deixariam a penumbra, não seriam silenciados. Por isso, entendemos que os dados, se analisados nessa perspectiva, alterariam o resultado, pois a própria investigação feita pelo Instituto Pró-Livro, os revelam, embora não os considerem como ideal. Vejamos os dados da figura 8.



Figura 8. O que os brasileiros estão lendo.

Fonte. Retratos da Leitura no Brasil. Setembro/2009.

Os dados da figura 8 revelam o retrato real dos entrevistados pelo Instituto Pró-Livro. E como podemos ver, que diante de uma sociedade grafocêntrica como a nossa, torna-se quase impossível que todos prefiram os livros, sobretudo se não forem estudantes, se já se encontram inseridos em outros contextos discursivos, além do que a pesquisa não revela, exatamente, que tipo de livro analisa, pois separa os da escola de outros não esclarecidos.

Por fim, entendemos que a escola não é o único lugar de se praticar a leitura, mesmo que ela tenha a função de formar leitores, mas ainda age como no início do século XIX, quando a coroa lusitana controlava a leitura dos brasileiros que viveram àquela época, ou seja, delimita o desejo de ler, não considera as várias razões dadas a ler, com nos lembra Chartier:

A leitura não é uma invariante histórica – mesmo nas suas modalidades mais físicas -, mas um gesto, individual ou coletivo, dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do fazer, das concepções da individualidade (2004, p. 173).

Diante dessas palavras, podemos considerar que o mesmo material escrito, encenado ou lido, não tem significado concedente para as diferentes pessoas que dele se apropriam. Logo, o prazer em ler, nem sempre é para todos, premissa que precisa ser repensada como incentivo, sobretudo quando não é significativa ao leitor. Diante dessas considerações que abordam a leitura

sobre outras possibilidades, observemos os dados da figura 9, em relação ao espaço.

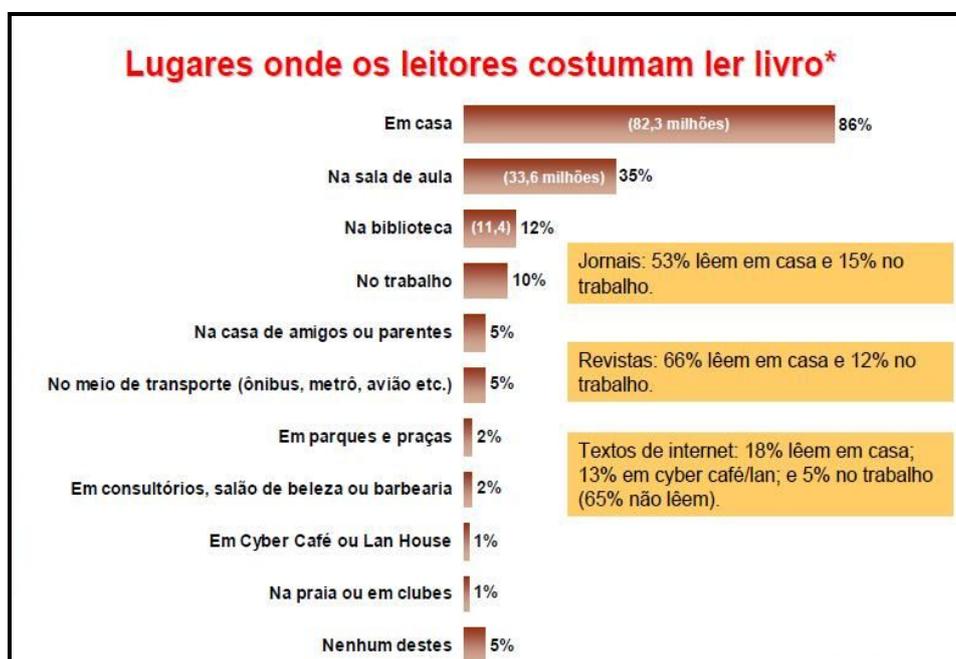


Figura 9. Lugares onde os leitores costumam ler.
 Fonte. Retratos da Leitura no Brasil. Setembro/2009.

O retrato (figura 9) mostra que suportes como jornais, revistas e textos da internet, são lidos em casa ou em outros espaços, o que provavelmente não são lidos na escola, ou na sala de aula, ou biblioteca, mesmo que estes sejam espaços oficiais de leitura, o que pode ficar subtendido, também que o que o leitor lê na escola não se estenda para outros ambientes, a não ser sob as condições exigidas pela própria escola, como por exemplo, fazer um trabalho ou uma prova.

Portanto, retomamos esses dados, dentre tantos outros da pesquisa Retratos da leitura no Brasil porque, em termos de concepção de leitura, em pleno século XXI, é acessar a mesma história, é rever um passado bem parecido com esse presente, cujas concepções de leitor e de leitura sempre estiveram vinculadas aos livros e a escola como espaço oficial onde se “produz” leituras, enquanto que outros espaços, embora existissem e existem, não são reconhecidos pela sociedade como educativos, o que é preciso acontecer, pois, como reflete Abreu:

Eu entenderia por escrita propriamente dita a possibilidade de o sujeito ter o seu próprio discurso. E, se entende por leitura a compreensão, se entende por leitura o acesso a um conhecimento diferenciado, aquele que lhe permite reconhecer a sua identidade,

seu lugar social, as tensões que animam o contexto em que vive ou sobrevive e, a compreensão, assimilação e questionamento, seja da própria escrita, seja do real em que a escrita se inscreve (1995, p. 22).

As palavras dessa autora ressoam óbvias para a forma institucionalizada que se dá, ao longo da história da leitura. O que ela preconiza, é o reconhecimento, o desviar do olhar tradicionalmente pedagógico para o que possa vir a ser leitura, como analisa, em seu artigo: *Diferença e Desigualdades: Preconceitos em Leitura*, no qual ela elabora comentários sobre as denúncias feitas pelos viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil Colônia, que denunciaram as precárias condições da vida intelectual, insultando o desinteresse dos habitantes da Colônia pela leitura. Segundo Abreu (Idem), essa é uma forma de representação ultrapassada, pois quando se pensa a leitura no Brasil se recorre às cenas semelhantes às européias, e, por isso, contesta:

O descobrimento de práticas efetivas de leitura realizadas no Brasil – ou sua negação – tem promovido equívocos desta natureza e fomentando uma mitificação da leitura, associando-a a práticas e objetos como os retratados nas pinturas e fotos [...] com todos os elementos que lhes são agregados: a idéia de conforto, intimidade, saber, tranquilidade, prazer (2001, p. 152).

Acerca do que imprime essa autora, algumas imagens (figuras 10 e 12) podem contribuir para uma reflexão sobre os sintomas de leitura reveladas por essas palavras, pois esse *status* atribuído aos livros tem permitido o difícil encontro da escola com o leitor real, o que lê outros suportes, aquele que é por ele descoberto, porque talvez lhe atribua sentidos próprios.

A figura 10 revela uma jovem sentada num sofá, bem confortavelmente protegida por almofadas,

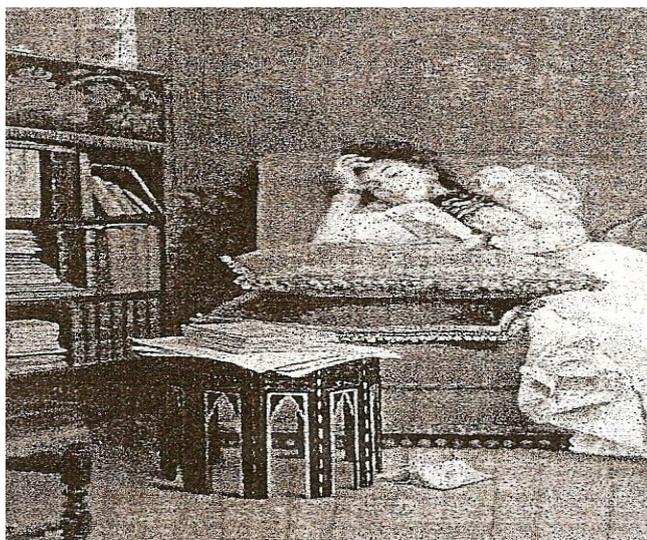


Figura 10. O livro, o conforto e a expressão de prazer.
Fonte: Abreu (2003).

mostrando que a leitura que faz do livro é prazerosa. Este sentimento a escola

tem procurado despertar nos alunos. Entretanto, analisar a leitura nesse entendimento, é impossibilitar a sua compreensão nas suas variações, nas suas diferenças e nas suas dissonâncias. Logo, é importante compreender a leitura numa perspectiva cultural, pois desse modo implica reconhecer “a idéia de leituras no plural e a intenção de buscar indicadores das maneiras de ler” (BOURDIEU, 1996, p. 236).

Tais constatações remetem, também, as palavras de Chartier (1996, p. 8), ao se referir à leitura como produção da instituição escolar:

Entre as leis sociais que modelam a necessidade ou a capacidade de leitura, as da escola estão entre as mais importantes, o que coloca o problema, ao mesmo tempo histórico e contemporâneo, do lugar da aprendizagem escolar numa aprendizagem da leitura, nos dois sentidos da palavra, isto é, da aprendizagem, da decifração e do saber ler em seu nível elementar e, de outro lado, esta outra coisa de que falamos, a capacidade de uma leitura mais hábil que pode se apropriar de diferentes textos (Idem, p. 240).

O que vemos, que do ponto de vista da leitura como produção cultural, delimitar suportes é mitificar a leitura, o que demanda analisar essas questões sobre outras abordagens, e desse modo, a história pode se tornar mais interessante, quando agrega saberes oriundos de práticas reais de leitura, como nos mostra a figura 11, em que um senhor lê um jornal, sentado numa calçada, silenciado, por ler um jornal, ou partes de jornal.

Não olhar para essa forma diferente de ler (figura 11), é negar o leitor real, a prática e o objeto. Isto possa ter precedente quando se chega ao final da primeira década do século XXI à absurda situação que a leitura passa a ser sinônimo de silenciamento, quando o leitor

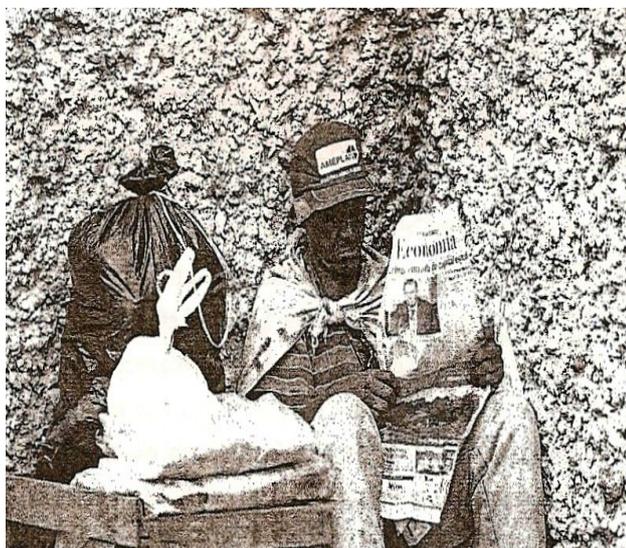


Figura 11. Um homem lendo, em meio ao lixo, uma coluna sobre economia de um jornal.

nesse país, ler na escola para não saber o que diz na vida. Há quanto tempo, práticas como a mostrada na figura 11 é tida como desapropriada pela escola

que silencia as palavras do leitor em favor do texto que pensa ser significativo para ele.

Pensar dessa forma, é ancorar “sua reflexão em uma imagem de certo tipo de sujeito-leitor [...] como um erudito trabalhando em seu gabinete”, segundo Abreu (2003, p. 147 – 50), como o mostrado na figura 12.

Essa é uma das questões que tem provocado, no campo da historiografia, investigar a leitura sob outras abordagens, de modo que ela possa ser compreendida e analisada como prática cultural, numa perspectiva menos rígida e mais flexível.

Historiadores como Certeau (2008); Chartier (1994, 2004); Darnton (1992); Abreu (2003, 2005, 2006), entre outros, desenvolvem pesquisas em perspectivas históricas no sentido de tematizar a leitura a partir do entendimento que não restrinja ao contraste leitor e não leitor, leitura e não leitura, livro e não livro, como historicamente se concebe. Contrário a isso, nasce a abordagem histórica, como uma forma de revisar tais concepções.

A perspectiva histórica é uma abordagem que surgiu em 1929 como um movimento que se

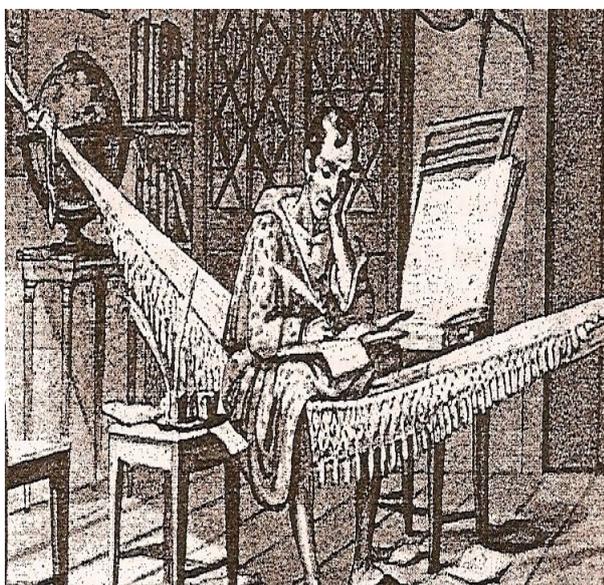


Figura 12. Um erudito lendo em seu gabinete.
Fonte: Abreu (2003).

contrapunha ao paradigma tradicional da história. Inicialmente o movimento tinha como proposta fazer o estudo da história a partir das estruturas sociais e econômicas, o que garantiria ao homem comum ser tratado também como os grandes heróis da história. Esse enfoque foi se ampliando a partir das primeiras gerações da Escola dos *Analles*⁹, pois, ainda estava preso aos princípios da inteligibilidade. Reorientado pela história cultural esses princípios se deslocam para o papel das representações, das idéias e das mentalidades que passam a assumir uma posição fundamental no processo de criação, recriação das práticas sociais.

⁹ Representantes das Escolas dos *Analles*: Marc Bloch, Lucien Febvre, Fernand Braudel e Robert Mandrau.

Esse desafio partiu de Roger Chartier que questionou o caráter rígido que caracterizava os grupos sociais em erudito e popular e os produtos culturais em elite e povo, como ressalta:

Uma sociologia retrospectiva, que durante muito tempo fez da distribuição desigual dos objetos o critério primeiro da hierarquia cultural, deve ser substituída por uma outra abordagem, que centre a sua atenção nos empregos diferenciados, nos usos contrastantes dos mesmos bens, dos mesmos textos, das mesmas idéias (1990, p. 136).

Ao pensar dessa forma, esse autor recusa o pressuposto de que os contrastes e as diferenças culturais estejam forçosamente organizados em função de um recorte social previamente constituído. Assim nasceu a história cultural da sociedade ou uma história cultural dos indivíduos e, nessa perspectiva, vemos a possibilidade da inserção dos sujeitos-leitores silenciados por toda a história, bem como os objetos e as práticas culturais de leituras que acontecem em outros espaços diferentes do escolarizado, possam ser reflexivos aos intitucioanalizados.

Foi no interior dessa abordagem que este estudo denominado *Práticas Educativas na Amazônia: cenário, objetos, e dizeres de leituras dos ambulantes do Centro comercial de Belém – Pará*, surgiu. A prática e o local, de fato, se constituíram como o ponto de partida e o olhar reflexivo ao objeto de estudo, nos levou ao espaço explorado, propício a esse tipo de estudo que analisa a dimensão interna do sujeito que lê.

A recorrência por esse tipo de estudo, se deu, sobretudo, pela visão rigidamente escolar da leitura no Brasil, que ao longo de toda a sua história, vem restringindo o leitor do direito de se contrapor aquilo que lhe é proposto a ler. Vimos, também, nesse foco delimitador, o fortalecimento das divisões de classe existente no Brasil, quando as pesquisas institucionais publicam que é leitor no país quem lê livros e não - leitor quem lê outros suportes. Isto, para nós, significa que quem não está na escola e não compactua mais com a sua rigidez seletiva de suportes, deixa de ser leitor, se é que foi um dia.

Conceber a leitura nesse sentido e enfocá-la, destitui a dimensão histórica do leitor, do objeto de leitura e da própria forma de ler. Em perspectiva histórica e discursiva, a leitura não pode restringir-se a um pólo único, exclusivo para desenvolver as atividades propostas pela escola que leva o leitor a separar as leituras: as da escola e as da vida.

Por conta disso, o estudo em questão, destina-se a contestar a dimensão antidemocrática da leitura, quando forjada pelos que programam uma política cultural de empobrecimento tanto das condições de acesso quanto das condições sociais de sua produção.

Assim, para garantir a legitimação deste trabalho, contamos com três vertentes teóricas para produzir e analisar os dados, pois entre si, discutem dentro de uma mesma abordagem, a qual estuda e analisa o sujeito a partir do seu contexto social e histórico, portanto, vertentes precisas para a produção deste estudo que se quis qualitativo: da história cultural, da história oral e da teoria da análise do discurso da Escola Francesa. Ambas revelam que a leitura, qualquer que seja a maneira de concebê-la, é questionável. Neste caso, há de se considerar que ler é um processo dialético impulsionado por forças diferenciais que acionam a leitura.

Nesse entendimento, invocamos a leitura como “atribuições de sentidos” (ORLANDI, 1988), sendo utilizada indistintamente tanto para a escrita como para oralidade, ao concordarmos que a leitura é uma construção ativa, um fenômeno complexo, composto tanto de indagações e abordagens, quanto de teorias e concepções sobre sua aprendizagem, isto é, a leitura é produzida nas e pelas relações com a linguagem, em que o sujeito ocupa várias posições no texto, entendidos como verbais e não verbais (ORLANDI, 2006).

A recorrência da valorização do leitor a partir das suas leituras foi uma das nossas preocupações. A segunda foi colocar em cena impressos das mais variadas formas, com signos verbais e não verbais que não somente os livros padronizados como os clássicos e/ou os didáticos que integram historicamente uma concepção de leitura institucionalizada e que servem de parâmetros para avaliar a leitura no Brasil, movida pelo desejo de formar uma nação de leitores, moldes que acarretam uma história de lamentações, desde quando o país era Colônia de Portugal e que iniciava, em meados do século XIX um processo de escolarização com essa finalidade.

Tais preocupações atravessam por todos os pontos de discussão deste estudo, que também se inspirou em Darnton (1992) quando ele propõe que uma história da leitura pode ser escrita buscando os registros dos leitores simples, por entender “os historiadores do livro sempre exibiram uma grande quantidade de informação sobre a história externa da leitura (p. 203). Da

mesma forma, Certeau (2008) e Chartier (2004) por proporem uma história de leitura pelo caminho da história cultural dos indivíduos, considerando essencial que os dados de investigação partam de diferentes fontes, em especial, as primárias.

O fato da história da leitura escolar está historicamente envolto por práticas que reiteram o dever e a tarefa propagados por uma metodologia que enfatiza um ensino prescritivo, para os historiadores como Chartier (2004) e Darnton (1992), essa história, nesse aspecto, tem se prestado a uma visão macroanalítica, presa a uma construção de referenciais estatísticos e de padrões sobre determinados materiais de leitura em circulação. No caso deste estudo a visão de história é microanalítica¹⁰, pois priorizou as fontes advindas do próprio entrevistado.

Em relação aos objetivos propostos, optamos pela técnica da Observação associada aos recursos da fotografia, cujas imagens foram feitas com a câmera digital Sony, 6.0 Mega pixels, 3X optical zoom, 2,4" LCD monitor, modelo Cyber-shot. Esta primeira fase da investigação buscou apoio teórico em Triviños (1987) e Vianna (2003), pois seus estudos voltados à pesquisa qualitativa orientam que a técnica da Observação seria a mais adequada, por ser considerada a mais disponível das técnicas de coleta de dados visuais e a que demanda mais tempo, além de exigir maior envolvimento pessoal do pesquisador. Triviños (Idem, p. 153) também afirma que “observar não é somente olhar, mas destacar de um conjunto – objetos, pessoas, etc., algo especificamente, prestando atenção as suas características”.

Quanto ao uso das fotografias como recurso para a produção de dados visuais, nos reportamos aos estudos Uwe Flick (2004) quando esse autor aborda sobre a técnica da Observação que busca dados visuais como as

¹⁰ GINZBURG (2006), em “O queijo e os vermes”, ao valorizar a micro-história, numa linguagem caracterizada pela narrativa, registra o universo mental do século XVI, por meio das idéias do moleiro Menocchio, um homem simples que foi perseguido pela Inquisição, temerosa da clareza e lucidez de suas idéias e visões de mundo, as quais se originavam de um rico imaginário popular, mas que também dialogava com fontes escritas, específicas para as elites. Na obra, Menocchio modela todo o seu pensamento acerca do quadro conjuntural da Europa Ocidental, que na época, se debruçava no fenômeno religioso. Menocchio sabia apenas ler, escrever e somar, mas dada a compreensão do que ele havia lido, argumentava suas idéias com os inquisidores.

¹⁰ Lacerda (2003) em “Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitoras”, em estudos microanalíticos remonta, numa linguagem narrativa, à história da leitura a partir das histórias de leituras de dez escritoras brasileiras, para identificar as leituras que as mulheres do final do século XIX e início do século XX, épocas em que as referidas escritoras viveram ou vivenciaram fatos históricos ou leituras por elas feitas em um tempo que a leitura era prioridade dos homens.

fotografias ou vídeos por se tratar de uma habilidade diária metodologicamente sistematizada e aplicada em pesquisas qualitativas. Para Adler e Adler, (1998) citado por Flick (2004, p. 151), este recurso “reúne não apenas as percepções visuais, mas também aquelas baseadas na audição”, bem como em Macedo (2006) quando ressalta que o *flash* adquire uma semântica no instantâneo fotográfico, imbuído de significados interpretáveis, ao se relacionar com outros dados da pesquisa.

Salienta ainda Macedo (idem, p. 125), que as fotografias “apreendem-se em formas, volumes, cores, movimentos, que adquirem num primeiro momento, estruturas fráscas e significantes”. Desse modo, as fotografias como instrumento e objeto de pesquisa, tanto como tópico quanto como método, assim como os filmes e o vídeo são cada vez mais utilizados como formas genuínas e fontes de dados.

Na visão de Flick,

Nesse tipo de estudo, o material visual para a documentação complementar da cultura e das práticas analisadas é ativado e contrastado com as apresentações e interpretações na forma textual, a fim de ampliar as perspectivas integradas sobre o sujeito. Já se considera que o material visual não apenas é concluído diante de certo pano de fundo teórico, como também é percebido e interpretado a partir de um ponto de vista específico (2004 p. 162).

Esse autor também lembra o pesquisador quando produz dados visuais em pesquisas tem um desejo inicial de ultrapassar os limites da palavra oral e de relato sobre ações a favor da análise das próprias ações em sua ocorrência natural. Outro ponto é o fato de que não há uma única forma de observar os dados visuais. Corroborando a isso André (1995) alerta que todo o cuidado é preciso, pois fotografias que não revelarem as informações não podem ser mais que sugestivas ou impressionistas.

Portanto, compreender a leitura como um processo educativo para os ambulantes e como eles constroem sentidos para os objetos que lêem, utilizamos, também, a técnica da Entrevista (Thompson, 1992), com o auxílio de um roteiro de pesquisa, com questões direcionadas à história de leitura dos entrevistados, ressaltando o que e para que liam e lêem, cujas questões foram elaboradas numa linguagem bem objetiva. Thompson (Idem, p. 263 – 63), orienta quanto às perguntas a serem feitas:

As perguntas devem ser tão simples e diretas quanto possível, em linguagem comum. Nunca faça perguntas complexas ou de duplo sentido [...] evite induzir a uma resposta [...] E sempre que possível evite interromper uma narrativa.

Nessa fase de produção de dados orais, foram entrevistados os oito trabalhadores, sendo quatro do sexo masculino e quatro do feminino e as entrevistas foram gravadas por meio de um aparelho de voz, tipo MP4 Sony - 1 GB. Depois de gravadas, elas foram ouvidas e transcritas manualmente, em seguida, levadas aos entrevistados para conferirem suas falas.

A entrevista foi uma técnica importante para que, neste estudo, ficassem evidentes os objetos de leitura dos entrevistados, mediante as questões que foram encaminhadas no roteiro de entrevistas, as quais partiram dos primeiros contatos dos leitores com os objetos de leitura, o processo de apropriação dessa habilidade e, na atualidade, o sentido do que os leva a ler determinado objeto. A esse respeito, Thompson (1992, p. 25) ressalta:

Os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito do que perguntar. A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias, que, de outro modo, não teriam sido localizados.

No entanto, frente às condições em que trabalham os ambulantes, a possibilidade de documentos escritos tornou-se inviável e as fotografias do cenário das situações de leitura foram consideradas documentos produzidos por ocasião da observação. Além do mais, esta pesquisa não teve caráter autobiográfico, logo não houve necessidade de o entrevistado falar de suas leituras, a partir de alguma fotografia ou algum documento do seu passado. Eles apenas faziam uso da memória para desenvolver algum comentário acerca de suas leituras.

Importa ainda ressaltar a imersão de vozes nas entrevistas, estas muitas vezes silenciadas por mecanismo de poder existentes, como, por exemplo, no controle que vem sendo dado ao leitor sobre a sua leitura, ou seja, quando, ao longo da história da leitura, o silêncio do leitor é desprezado, embora este se manifeste também como discurso, como afirma Orlandi (2007 p. 33) “[...] O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é. Ele

passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugás. Ele recorre por entre as tramas das palavras”.

Evidenciada a importância da entrevista, e da sua utilidade para este estudo, ela acabou por revelar detalhes das histórias pessoais dos entrevistados, os quais interessaram apenas quando se relacionaram com o tema central da pesquisa.

Entretanto, as coisas não foram tão fáceis como haviam sido planejadas, tendo em vista que o primeiro semestre, na região norte é muito chuvoso e, nesse horário choveu intensamente e isso acarretou atraso na produção dos dados. Nessas condições, as entrevistas foram feitas, de acordo com a previsão do tempo em Belém, posto que, em outro horário, pela manhã ou tarde, a partir das 14 horas, o movimento de consumidores é maior e entrevistar nesses horários, comprometeria as vendas dos ambulantes. Assim, passamos a dispor da previsão do tempo para dar conta desse trabalho.

Este estudo se propôs a um trabalho minucioso de campo, e, por isso, no nosso entendimento, não faria sentido generalizarmos o processo da investigação como comumente acontece com pesquisas realizadas em espaços escolares, geralmente numa sala de aula ou com um grupo de professores, por isso cada entrevista aconteceu em condições distintas, sendo iniciadas no dia 28 de março e concluídas em junho de 2009.

Devido a essa especificidade, nos propusemos à descrição de campo que envolve toda a produção dos dados, a qual teve início na fase da observação, concluído com as entrevistas, conforme relatadas, a seguir.

Belém, historicamente, constituiu-se na principal via de entrada na região norte do Brasil, devido à posição geográfica, situada às margens do rio Guamá, próxima à foz do rio Amazonas. Conhecida também como cidade das mangueiras, Belém surgiu da criação do Forte do Presépio, atualmente Forte do Castelo, localizado no bairro da Cidade Velha, o mais antigo da cidade, que com o bairro da Campina compõe o Centro Histórico de Belém, ou mais

popularmente conhecido de às baía de lócus (figura



Figura 14. Planta do Centro histórico da cidade de Belém (recorte do mapa da cidade).

Fonte. BELEMTUR/2009.

popularmente “o comércio Belém”, bem margens da Guajará, deste estudo 14).

Devido a esta localização do Centro comercial, à beira das águas, ancorado feito “... gaiola, engravidado de redes, nas velas e barcos parados, encalhados na saudade....”

(figura 15), que chegam ao porto trazendo peixes e outras mercadorias, algumas pessoas, moradoras da cidade, cresceram ouvindo a expressão “vou lá em baixo”, ao se referir ao complexo que envolve toda a área deste centro e



Figura 15. Porto pesqueiro de Belém. Ao fundo, o Mercado do Ver-o-Peso.

Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2008.

neste o “Ver-o-peso”. “Lá em baixo” refere-se a esta área, à beira da baía do Guajará, a qual abriga um dos “maiores” símbolos culturais e turísticos da

cidade, reconhecido como um, entre outros postais do país que o singularizou: Mercado do Ver-o-Peso, na imagem histórica da figura 16.

Este foi o núcleo inicial, a partir do qual toda a cidade de Belém se expandiu, ainda no século XVII, e que, a partir do século XX tomou novo impulso, influenciado, sobretudo, pelo “progresso econômico” advindo da exploração da borracha (1870 – 1912). Segundo Ferreira (1977), a mudança se deu, não só no

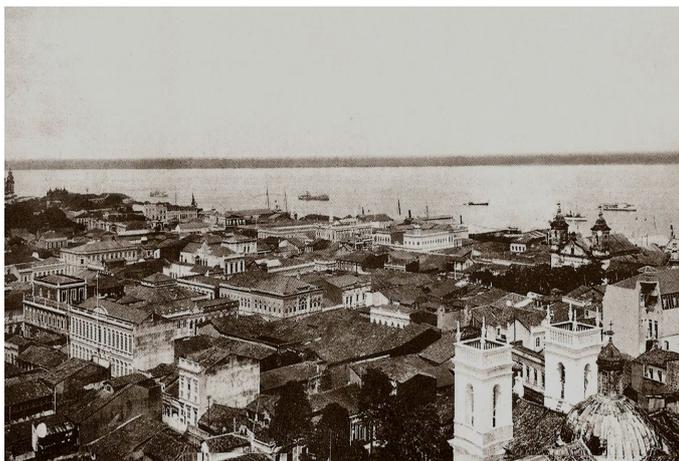


Figura 17. Panorama da cidade de Belém, no início do século XX.
Fonte. Sarges (2002).

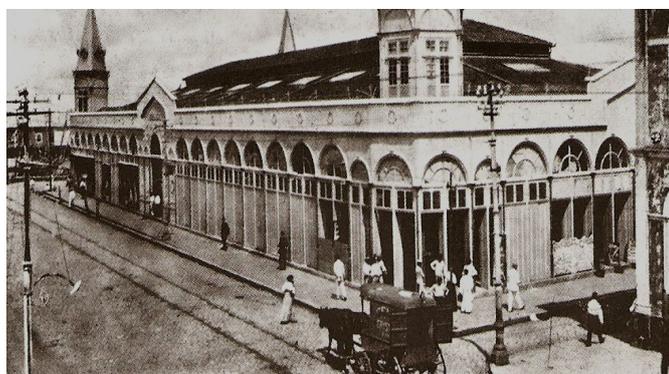


Figura 16. O Mercado de Ferro, na doca do Ver-o-Peso (século XX).
Fonte. Sarges (2002).

crescimento populacional, como, também, numa série de medidas para a reestruturação do espaço urbano, principalmente neste centro histórico da cidade.

De grande valor simbólico para a cidade, o Complexo Histórico de Belém se consolidou, ao longo dos tempos, como palco de acontecimentos que marcaram a história da cidade. No imagético de Penteadó, as primeiras décadas do século XX, assim são descritas e retratadas na figura 17:

O velho centro, com seus velhos edifícios, becos e vilas, sem arborização de espécie alguma, onde se encontravam as principais lojas e armazéns de Belém, o comércio de miudezas em geral, e também vários escritórios [...] (1968, p. 181).

Era um período em que o comércio se destacava como, talvez, um dos únicos *point* de circulação de todas as camadas sociais da metrópole da Amazônia.

O referido Centro Histórico destaca-se como patrimônio arquitetônico, construído em estilo neoclássico, assim como: a Igreja da Sé, o Forte do Presépio (conhecido atualmente como Forte do Castelo), Casa das Onze Janelas, os Palácios Lauro Sodré e Antônio Lemos, o Mercado do Ver-o-Peso, o Teatro da Paz e o Palacete Pinho, segundo pesquisa mais diretamente voltada a esse espaço, advinda de outra área de estudo¹².

No final do século XIX e início do século XX, a cidade de Belém foi marcada por prédios de arquitetura eclética, com elementos construtivos provenientes de diversos estilos e busca, principalmente, de efeitos decorativos aos moldes europeus. Isso caracterizava Belém, na sua *Belle Époque*, como podemos visualizar a fachada da livraria Tavares Cardoso (figura 18) e a loja de tecidos finos Paris N'América (figura 19).

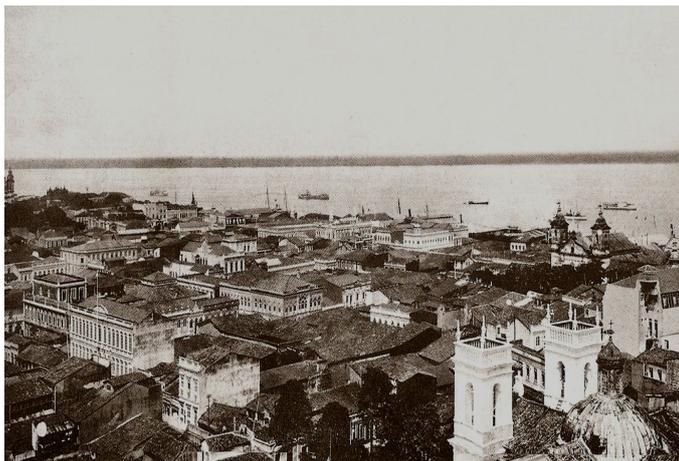


Figura 17. Panorama da cidade de Belém, no início do século XX.
Fonte. Sarges (2002).



Figura 18. Fachada da Livraria Tavares Cardoso (início do século XX), na Rua Conselheiro João Alfredo.
Fonte. Sarges (2002).



Figura 19. Loja Paris N'América (início do século XX – *Belle Époque*).
Fonte. Sarges (2002).

¹² SODRÉ, Marcelo Santos. **Modernidade e sociabilidade:** do “comércio” aos Shoppings (Belém-Pará), Dissertação de Mestrado. Belém-Pará, janeiro/2006.

Particularmente, no Centro comercial, os estabelecimentos se concentravam por funções diversas, de forma que as pessoas poderiam frequentá-los, até os primeiros anos da década de 80, do século passado, por várias razões, como por exemplo: ir a um banco, como o Banco do Estado do Pará, localizado, na época, na rua Conselheiro João Alfredo (figura 20), à livraria, à biblioteca adquirir um ingresso para show no Café Santos, comprar calçados na sapataria Carrapatoso ou um vestuário nas lojas Capri, Visão e na Mesbla¹³, esta, um pouco mais afastada do grande movimento central, localizava-se na travessa Padre Eutíquio, no bairro da Campina. Tomar um café, na padaria Palmeira¹⁴, bem próxima à beira da baía, também fazia parte desse cotidiano.



Figura 20. Fachada do Banco do Estado do Pará, na Rua Conselheiro João Alfredo.

Fonte. Sarges (2002).



Figura 21. *Point* de encontro na Praça dom Pedro II, atual Av. Portugal (início do século XX – *Belle Époque*).

Fonte. Sarges (2002).

A praça D. Pedro II, na esquina da Av. Portugal (figura 21) concentrava e concentra grande movimentação de transportes e pessoas chegando e saindo do Centro comercial. Entretanto, a partir do final da década de 80, devido às modificações políticas implantadas no país, associadas à

¹³ A Mesbla foi uma dos maiores magazines do Brasil e o maior de Belém até a construção dos shoppings Center na cidade. Ainda nos últimos anos da década de 80, toda a rede de lojas Mesbla, pediu concordata.

¹⁴ Fonte Oral, em conversa com o presidente da Associação dos Trabalhadores Ambulantes, Sr. Raimundo de Oliveira Moraes, o qual acumula informações sobre o comércio, desde 1978.

globalização e à ascensão dos inventos tecnológicos, em Belém, especificamente com a chegada dos shopping Center, o mercado de trabalho formal foi significativamente afetado, ocasionando o aumento de desemprego e como consequência, a expansão do mercado informal.



Figura 22. Corredor do mercado informal da Rua Conselheiro João Alfredo.

Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Janeiro/ 2009.

Na Metrópole da Amazônia, a realidade da economia informal ganha mais visibilidade na área que corresponde ao Centro Histórico, precisamente porque registra um intenso movimento de pessoas em direção aos estabelecimentos comerciais nele instalados.

Com essas mudanças, as diferenças sociais assumiram grandes proporções e comprometeram a capacidade do Estado de promover

investimentos em obras e serviços urbanos, a fim de evitar a degradação ambiental que atingiu de forma intensa, o Centro Histórico de Belém (FERREIRA, 1977).

Nesse sentido, o casario histórico do comércio que marcou a *Belle Époque* da cidade de Belém, foi substituído por um intenso corredor (figura 22) no comércio de atividades informais, com a presença significativa dos ambulantes, agregadas a atividades econômicas do setor terciário, marcas características do século XXI neste Centro.

Atualmente, este centro está inscrito na memória da cidade como um espaço histórico e cultural, delineado de cores, devido à infinidade de produtos variados, não específicos, expostos à venda nas barracas, apelidadas de “tenda árabe” (figura 23) cobertas com plásticos resistentes à chuva das duas, e, no tempo dela, às vezes, o dia todo e todo dia embalada por intensa poluição sonora, típica dos tempos atuais, sem que deixe de causar inspiração



Figura 23. “Tenda árabe”- barracas padronizadas.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.



Figura 24. Armazéns e estabelecimentos comerciais, em frente à Praça Mauá (século XX). A presença de ambulantes é discreta.
Fonte. Sarges (2002).



Figura 25. Rua João Alfredo, esquina da Trav. Frutuoso Guimarães.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

aos poetas, escritores e músicos locais, além de atrair pessoas de vários lugares do Brasil, sobretudo na época do círio de Nossa Senhora de Nazaré, padroeira da cidade.

Anterior a essas mudanças, a sonoridade vinha, unicamente, da boca de cerca de dez ambulantes, circulando por toda a Rua Conselheiro João Alfredo e Santo Antônio, como vemos na figura 24, uma espécie de pregão¹⁵, a exemplo dos que ainda resistem e disputam espaços em nossos ouvidos com “pregões eletrônicos”. Era um cenário que não faltavam atores que lhe são próprios, pedintes, prostitutas, “batedores de carteiras”, etc.

Nesse espaço de poluição sonora e visual, conforme o recorte na figuras 25 e 26 - que retratam a presença de transeuntes e ambulantes -, inscrito num movimento inusitado, despido de imagináveis características escolares, marcado pela

¹⁵ Pregão, neste caso, como arma de sedução dos vendedores ambulantes; também, os pregões já foram citados em verso e prosa por músicos consagrados e literatos de renome. Basta rever obras como as de Tó Teixeira e Bruno de Menezes, por exemplo. A prática também já passou pelo olhar minucioso do historiador Vicente Salles, que define os pregões como “canto de trabalho” e “voz das ruas”. Eliana Cutrim, professora da UEPA, propôs a utilização de pregões de Belém, na formação de educadores como tema de mestrado defendido em 2000, pelo Instituto Pedagógico Latino-americano Caribenho.

urbanidade, desprovido de estética arquitetônica, embora historicamente importante para a história do progresso da cidade de Belém, assentamos este estudo.

Trata-se, visivelmente, de um espaço de relações construídas no dia-a-dia, cujas táticas de sobrevivência transbordam criatividade, liberdade, se contrapondo a qualquer prática reguladora, típica de uma escola tradicional, ou de algum ambiente comercial onde as liberdades de ações e de expressões se limitam somente aos que compram e se delimitam rigorosamente aos que vendem, como em um Shopping Center, por exemplo.

Agregado aos efeitos marcados pela modernidade, o atual cenário deste estudo (figura 27), compreende os mesmos prédios históricos do início do século XX, porém, sem conservação adequada, alguns dos quais funcionam como lojas de variedades, e, assim, disputam, diariamente, a freguesia com os trabalhadores ambulantes, denominados camelôs, como os expostos na figura 28.



Figura 26. Presença de trabalhadores e clientes no mercado informal.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

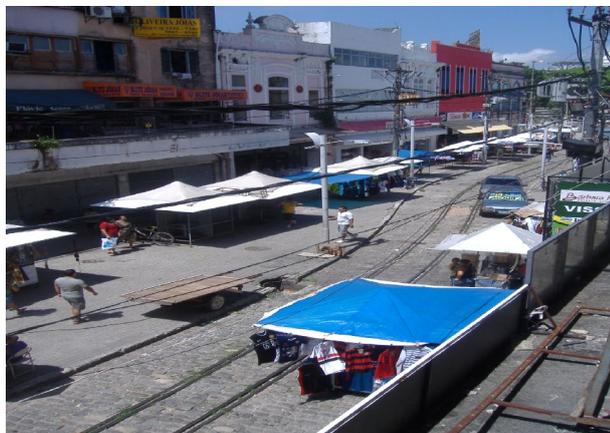


Figura 27. Prédios históricos na Rua Conselheiro João Alfredo.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.



Figura 28. Camelôs na sobrevivência pirata.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

A luta pela sobrevivência os leva a trabalhar no mercado informal sem direitos trabalhistas, bem como em condições adversas, situações que os obrigou a construir, fortalecer, um sentimento de pertença ao espaço, dados as circunstâncias do desemprego que assola o país.

Em toda esta área comercial, existem trabalhadores ambulantes que buscam nesta atividade um meio de sobrevivência, com vendas de produtos variados, obedecendo sempre à lógica do mercado formal, mesmo no informal.

Merece destaque especial, neste estudo, a rua João Alfredo (figura 29), tradicional rua do Centro comercial, no início do século denominada Rua dos Mercadores (figura 30) e depois Rua da Cadeia. A artéria foi o principal eixo de expansão de Belém, ligando o bairro da Cidade Velha ao bairro da Campina. E no cotidiano desse espaço nos apropriamos no que concerne à relação que os ambulantes estabelecem com objetos de leitura e dela como processo educativo, sobretudo, na forma de organização do espaço para um dia de trabalho, que, para muitos, significam anos e anos de convivência diária, e, nesse cotidiano, além de se fortalecerem como categoria que almeja ser reconhecida pelo Estado como trabalhadores de fato e de direito.



Figura 29. Rua Conselheiro João Alfredo, esquina da Av. Portugal.
Fonte: Arquivo pessoal S. Lima. Julho/2009.



Figura 30. Rua dos Mercadores (século XX), atual Rua Conselheiro João Alfredo.
Fonte: Sarges (2002).



Figura 31. Leitura de jornal no comércio.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

Na perspectiva histórica em que se insere este estudo, é o cotidiano do invisível, é confiar na inteligência e inventividade dos mais fracos, em face de uma convicção ética e política, alimentada por uma sensibilidade estética, como crer Certeau (2008), “na liberdade gazeteira das práticas”, lógica que o faz dedicar sua obra ao “homem

ordinário”, ao herói comum, herói anônimo que é o murmúrio das sociedades.

Associado a isso, a sua preferência em narrar “práticas comuns”, como as demonstradas nas figuras 31 e 32, as “artes de fazer” dos praticantes, as operações astuciosas e clandestinas, alicerçadas na concepção quanto às “maneiras de fazer”, levamos em conta as práticas laborais de leitura pelas quais os trabalhadores ambulantes que habitam nesse



Figura 32. Leitura do jornal. Veículo de informação local, nacional e internacional, no comércio.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Julho/2009.

espaço produzem, ao concordar com as palavras desse autor, quando afirma:

[...] A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela sai insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos impostos por uma ordem econômica dominante (p. 39).

A escolha desse contexto para investigar saberes relativos a objetos de leitura, cenários e leitor parece contraditória quando se trata desse tema, tradicionalmente pensado por um espaço adequado, idealizado por “planificadores educacionais”, ou até mesmo pela família, igreja, etc., espaços

onde existem cômodos apropriados para “criar o hábito da leitura” e não práticas leitoras. Mas, esse *lôcus*, foi preciso escolhê-lo, por quatro razões iguais:

i) por haver sido compreendido pela minha orientadora, Professora Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva, após vários percursos que fizemos pela cidade de Belém, como espaço de interações sociais e trajetórias

singulares de pessoas, cuja rotina está ligada à cultura que transcende saberes e fazeres dos que nele estão, para viverem a dinâmica de um cotidiano repleto de atividades;

ii) porque, particularmente, temos uma relação de sobrevivência com ele, posto que, oriunda de uma família de comerciantes, crescendo meu pai trabalhar nesse ramo, o que, na época, chamavam de ‘caixeiro viajante’, herança



Figura 33. Jornal, letreiros, CDs e DVDs como objetos de leitura constante no cotidiano do comércio.

Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Julho/2009.

deixada aos meus irmãos que, atualmente trabalham no comércio de um dos municípios paraense, lugar onde nasci e vivi até a fase da adolescência;

iii) pelo fato de ser um espaço onde circulam objetos de leitura dos mais variados possíveis – como os que aparecem na figuras 33 e 34 -, os quais se relacionam em um mercado de compra e venda de produtos regionais, nacionais e estrangeiros, no caso dos impressos com conteúdo de propagandas e,



Figura 34. A Bíblia entre os produtos à venda.

Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Julho/2009.

também, objetos de leitura relacionados à história de vida de sujeitos leitores, como Bíblia, jornal, revistas de várias naturezas, folhetos com mensagens diárias, etc., mediadas por ambulantes, sujeitos desta investigação;

iiii) e, pela inspiração teórica em Michel de Certeau (2008) “A invenção do Cotidiano”, que marcou um ponto de inflexão na minha vida de pesquisadora, quando buscava compreender a lógica de um cotidiano de leitura num ambiente ‘não escolar’.

Foi nesse espaço, revestido de coletividade, que selecionamos os



Figura 35. Planta baixa de ordenamento das barracas na Rua João Alfredo, proposta pelos ambulantes à Prefeitura de Belém.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

sujeitos desta pesquisa, os quais lêem para “passar o tempo”, mas não se reconhecem como leitores nos eventos de leitura dos quais participam diariamente como leitores, embora reconheçam que nesse movimentado espaço circulam variados tipos de objetos de leitura.

São trabalhadores que, no desejo de serem reconhecidos socialmente como profissionais, se organizam, tendo como referência gestacional uma associação, localizada na Rua Conselheiro João Alfredo, edifício Ocírio, nº 77, salas 105/106. Seus desejos, atualmente, estão registrados numa planta baixa, elaborada por eles, como proposta de ocupação do espaço em relação aos posicionamentos das barracas, direcionada à Prefeitura de Belém (figura 35).

Dos associados, a referida instituição conta com 2.360 ambulantes registrados, estes, espalhados por toda a área comercial que compreende o Centro Histórico. Dos registrados, 296 aportam suas barracas nessa mesma rua, assim como nela está localizada a maioria dos entrevistados; apenas uma tem sua barraca fixada na travessa Campos Sales, às proximidades da rua Conselheiro João Alfredo.

Atualmente, pode-se dizer que o Centro comercial de Belém ainda é palco de intensa atividade comercial como no século passado e um dos mais movimentados *point* de concentração de trabalhadores do mercado informal, e, devido às mudanças tecnológicas ocorridas nas últimas décadas do século XX, este palco se destina a lojas, cujos produtos podem ser comprados pelos que têm baixo poder aquisitivo, considerando que as pessoas favorecidas economicamente preferem ir aos shoppings da cidade.

São esses que se organizam como “Categoria¹⁶ dos Trabalhadores Ambulantes do Comércio de Belém”, no sentido de luta da classe trabalhadora que sonha em ser reconhecida como tal, e buscam a todo preço não se arredarem do espaço onde trabalham para sobreviver, sustentar suas famílias, e, por isso, vivem buscando na leitura de jornais informações sobre a própria situação trabalhista, como também sobre os acontecimentos do mundo; nas leituras da bíblia buscam paz, proteção, dignidade e conhecimento para compreenderem os fatos que marcam a humanidade e suas próprias vidas.

Nesse contexto de trabalho, o sujeito – leitor atesta, experiencia, vivencia outras práticas de uso da linguagem não compactuada pela instituição escolar, ao mesmo tempo preocupado por não a haver freqüentado e/ou os filhos, porque a considera importante, sim. E o mais grave: se culpa por isso, se acha “burro”!

É no interior dessas contradições que se presentificam práticas efetivas de leitura, de leitor e de objetos reais de leitura, mesmo que estigmatizados, a exemplos dos que aparecem na figuras 36 e 37. Isso remete a reflexões sobre



Figura 36. Lancheiro com anúncio de lanches e preços.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Julho/2009.

¹⁶ Os trabalhadores Ambulantes, em agosto/2009, apresentaram uma planta baixa (Figura 20) à Prefeitura de Belém, como proposta de organização das barracas no antigo prédio onde funcionou o Branco Real, na Rua João Alfredo, como uma forma de se manter nesse espaço.

o fazer escolares (onde quase tudo o que se escreve e lê, não se sabe para quê), talvez isso seja parte da explicação do “fracasso escolar” dos nossos alunos, estampados nas estatísticas oficiais, como as que analisam o leitor a partir do objeto livro, da sua ida a bibliotecas, da compra de livros, etc., como a pesquisa desenvolvida pelo Instituto Pró-livro, da qual extraímos esses pontos para nos contrapor em relação ao “Retrato da Leitura no Brasil”, feita por este instituto, que traça o perfil do leitor brasileiro com base em livros recomendados.



Figura 37. Letreiros com indicativos de relógios e outros.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.



Figura 38. O uso da linguagem fática para o consumo de água de côco.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

Nessa lógica dos saberes é que este estudo se aporta, para, neles, encontrar alternativas, reflexões, que contribuam com o desenvolvimento de outro conhecimento sobre a função da leitura em práticas educativas do cotidiano, para que outra análise possa vir a ser feita acerca da leitura no Brasil, de forma que objetos de leitura (figura 38), assim como as práticas demonstradas, possam, também, ser reconhecidos e passar a fazer parte do retrato, bem como os que lêem tais objetos.

Passamos da hora de nos desprendermos da ótica positivista, que visa um modelo de leitura e um padrão de leitor, insuficiente para quem pensa a

educação presente em qualquer circunstância da vida (BRANDÃO, 2004). Corrobora também, nesse sentido, Certeau (2008), ao recomendar, para essa questão, uma análise das “práticas microbianas, singulares e plurais”, o que, em suas palavras, são práticas sociais de produção cultural que não seguem regras artificiais e nem condutas produzidas externamente, mas códigos simbólicos particulares, viabilizadores da compreensão e exploração de possibilidades de combinação de uso do espaço, em especial o Centro comercial de Belém, e enfatiza:

Seguir o pulular desses procedimentos que, muito longe de ser controlados ou eliminados pela administração panóptica, se reforçam em uma proliferação ilegítimada, desenvolvidos e insinuados nas redes de vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis, mas estáveis a tal ponto que constituem regulações cotidianas e criatividades sub-reptícias que se ocultam somente graças aos dispositivos e aos discursos, hoje atravancados, da organização observadora (p. 175).

Diante dessas considerações, e, conforme anteriormente descrito, este estudo encontrou razões para eleger o Centro comercial de Belém como o cenário em que homens e mulheres sobrevivem, por meio de muitas ‘táticas’ que nele acontecem, e, também, porque *ler* faz parte da invenção desse cotidiano imaterial expressa nas figuras mostradas.

1.3 AQUITETOS DOS ‘CORREDORES HUMANOS’

[...] *Ondé anda meu povo, meu rio, meu peixe
Meu sol, minha rêde, meu tamba-tajá
A sesta o sossego da tarde descalça
O sono suado do amor que se dá
E o orvalho invisível na flôr se embrulhando
Com medo das asas do galô cantando
Um novo dia vai anunciando
Cantando e varando silêncios de lar [...]*

(*Bom dia Belém. Edyr Proença/Adalcinda Camarão*)

Eles desfilam por esses ‘corredores’, de maneira nobre, conhecedores de seus cantos (pregões), dos pontos, das suas saídas labirínticas, dos esconderijos, se ouvem um assobio mais longo, vêm o olhar de um colega ou mesmo um “griteiro”, os ambulantes abraçam seus produtos. Estão entre esses sujeitos os que participaram desta pesquisa, cujos perfis mostraremos, neste item.

Inicialmente, tomamos como base a população pesquisada pela Secretaria de Economia de Belém – SECON (2006/2007)¹⁷, para que pudéssemos ter uma visão mais ampliada do contexto no qual os sujeitos deste estudo que investiga objetos, leitores e práticas de leitura no Centro comercial de Belém, estão inseridos.

Intitulada “Desenho socioeconômico da população de ambulantes que praticam o comércio informal no Centro Histórico de Belém”, a referida pesquisa teve como objetivo central criar um banco de dados sobre a população de ambulantes que atua neste centro, a fim de fazer uso dos



Figura 39. Mercado da informalidade no Centro Histórico de Belém.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Outubro/2009.

instrumentos de políticas públicas, a partir do conhecimento pleno da realidade local (figura 39), pondo no lixo o caminho do “achismo”, do “olhômetro”, no processo de construir um cenário de possibilidades para que os empreendedores informais sejam incluídos na contabilidade do país.

¹⁷ A pesquisa foi realizada pela Secretaria Municipal de Economia, em parceria com o Ministério Público do Pará, Secretaria Executiva de Indústria e Comércio – SEICOM e Universidade da Amazônia – UNAMA.

Diferente do que muitos suspeitavam, os dados revelaram que a maioria dos trabalhadores ambulantes é paraense, segundo a SECON. Esta, afirma, também, que os dados levantados pela pesquisa suprem na medida do possível, uma carência histórica que era a inexistência de informações sobre a população que atua no comércio informal desse espaço urbano. Neste sentido, foram entrevistados 2,4 mil ambulantes e tabulados os dados de 1.869, como explicou o economista José Stênio Souza¹⁸: “retiramos aqueles com respostas mal dadas, claramente com uma tentativa de falsear o resultado”.

O resultado, aqui simplificado, apresenta o perfil da população de ambulantes que trabalha na área correspondente ao referido centro, os quais, oriundos da necessidade de sobreviver, compartilham o mesmo espaço e fazem dele, um cenário de produção de bens que ultrapassa a fronteira da visão comercial, cuja leitura íntegra, a olho vivo, também, esses bens.

Antes, porém, relevamos os dados da pesquisa feita pela Secon, os quais foram produzidos por meio da aplicação de um formulário em que foram registrados os dados pessoais, a escolaridade, a família, o trabalho e o grau de satisfação dos ambulantes¹⁹. Sendo, que, para esta pesquisa, especificamente, consideramos a origem, a faixa etária, o estado civil, as condições de moradia e o grau de escolaridade da população de ambulantes pesquisada pela Secon, para, em seguida, desenharmos o perfil socioeconômico e escolar dos oito sujeitos selecionados para este estudo, exposto no Quadro 6.

Quadro 1. Quanto à naturalidade

REGIÕES	100 %	ORIGEM
Norte	87,47%	86,62 % paraenses
Nordeste	11,12%	5,5% maranhenses e 4,01% cearenses
Sudeste	0,53%	-
Sul	0,16%	-
Centro - oeste	0,11%	-
Sd	0,59%	-

Fonte: Pesquisa de Campo (Secon, 2006/2007).

Dos ambulantes representados pelas regiões do Brasil e que trabalham no Centro comercial de Belém (Quadro 1), 68,38% são homens e 31,62% são mulheres, as quais, ainda que em proporção menor, buscam na informalidade

¹⁸ Coordenador do Núcleo de Planejamento da SECON, em entrevista pública no jornal O liberal, em 28 de novembro de 2007, sobre a pesquisa.

¹⁹ Cf. *Desenho socioeconômico da população de ambulantes que praticam o comércio informal no Centro Histórico de Belém, 2006/2007.*

uma forma de sustento, ou para ajudar na renda familiar, ou porque ocupam o cargo de chefes na família.

Quadro 2. Quanto à idade

100%	FAIXA ETÁRIA
6,85%	De 16 até 21 anos
21,51%	De 21 até 30 anos
31,73%	De 30 até 40 anos
22,63%	De 40 até 50 anos
11,72%	De 50 até 60 anos
5,56%	Acima de 60 anos

Fonte. Pesquisa de Campo (Secon, 2006/2007).

De acordo com os dados referentes à idade (Quadro 2), os ambulantes representam uma população relativamente jovem, na faixa etária de até 40 anos, equivalentes a mais de 40% deles, e, apenas 17, 28% estão acima dos 50 anos, estes, sem perspectiva de aposentadoria com seguridade social, pois alegam que preferem pegar o recurso que ganham para capitalizar o negócio.

Quadro 3. Quanto ao estado civil

100%	SITUAÇÃO
40,07%	Solteiro
31,25%	Casado
21,51%	Concubinato
4,98%	Desquitado
2,19%	Viúvo

Fonte. Pesquisa de campo (Secon, 2006/2007).

Em relação ao estado civil desses trabalhadores (Quadro 3), há predominância de solteiros, o que significa que não possam estar nas mesmas condições dos demais, quanto à necessidade de se sustentar, ou até mesmo, embora solteiros, possam se posicionar como “arrimo” de família e por isso, muitos jovens buscam na informalidade, renda para arcar com compromissos familiares que vão desde a alimentação até as condições de moradia.

Quadro 4. Quando à posse da moradia

100%	MORADIA
67,58%	Própria
16,59	Alugada
2,25%	Cedida/emprestada
12,20%	Mora com parentes
0,05%	Não têm moradia fixa
1,34%	Sd

Fonte. Pesquisa de Campo (Secon, 2006/2007).

Da população entrevistada pela SECON (Quadro 4), a maioria tem casa própria, dado que pode revelar a razão de 49% dos trabalhadores entrevistados por essa secretaria, segundo o relatório, não querer sair da

informalidade, pois 71% deles têm remuneração de até 3 salários mínimos, além de 7,17% exercerem outra atividade.

De certa forma, se pensarmos nos brasileiros que trabalham com carteira assinada e ganham 1 salário mínimo, mais as vantagens trabalhistas, e, mesmo assim, não conseguem realizar o sonho da casa própria, neste aspecto, trabalhar na informalidade é mais vantajoso, pois os que atuam no mercado informal, segundo a análise feita pela SECON²⁰, a maioria tem casa própria (Quadro 4).

Em relação a esses dados, José Stênio Souza frisa: “para eles, trabalhar nas ruas não significa um simples bico, e sim uma opção concreta de sobrevivência familiar”, e recomenda a necessidade de se fazer um trabalho educativo quanto à condução do processo de ordenamento e remanejamento das atividades informais nas vias e logradouros públicos de Belém, devido à pressão que eles sofrem quando obrigados a se retirarem desse espaço.

Nesse sentido, a pesquisa servirá de norte para que o poder público possa regularizar a situação insegura em que vivem os trabalhadores ambulantes, não só dos que trabalham no Centro Histórico, mas, também, dos que se encontram na mesma situação, em outros logradouros, segundo José Stênio Souza.

Quadro 5. Quanto ao nível de escolaridade

100%	GRAU
0,96%	Não freqüentou a escola e não sabe ler e escrever
1,55%	Não freqüentou a escola e sabe ler e escrever
44,14	Ensino fundamental incompleto
11,72	Ensino fundamental completo
17,92	Ensino médio incompleto
21,94%	Ensino médio completo
1,28%	Ensino superior incompleto
0,32%	Ensino superior completo
0,05%	Pós – graduação incompleta
0,05%	Pós – graduação completa
0,05%	Sd

Fonte. Pesquisa de Campo (Secon, 2006/2007).

Acerca dos dados referentes ao grau de escolaridade (Quadro 5), cerca de 76,0% dos ambulantes, não concluíram o ensino médio, o que, provavelmente, reforça a idéia da dificuldade de ingresso no mercado formal.

²⁰ **Fonte:** Relatório da pesquisa, na íntegra, disponibilizado em CD, concedido a nós uma cópia pelo Sr. Morais, atual presidente da Associação dos Trabalhadores Ambulantes do Comércio de Belém, correspondente ao centro histórico.

Por outro lado, 2,51% não freqüentaram a escola, e, 1,55% destes, sabem ler e escrever, o que indica um percentual acima de 90% de entrevistados que sabem ler, dado que nos leva a constatar a existência de leitores no Centro comercial.

As dificuldades de acesso ao mercado formal, a competitividade e outras exigências, podem, também, ter levado pessoas que iniciaram, e até concluíram o ensino superior, a optarem por trabalhar na informalidade (Quadro 5).

Os dados, até então apresentados, sobre o perfil socioeconômico dos trabalhadores ambulantes, produzidos pela SECON, nos permitiram reconstituir o cenário onde os sujeitos deste estudo, referente a objetos, leitores e práticas leitoras, estão inseridos.

Entretanto, cabe-nos especificar e esclarecer que os sujeitos deste estudo, ao serem selecionados, não obedeceram a critérios relativos a dados estatísticos, como os analisados por essa secretaria, os quais podem ou não ser confirmados, posto que, quando recorremos a essa fonte, já havíamos determinado outros critérios de inclusão para esta pesquisa, principalmente porque o nosso universo de investigação esteve centrado nas práticas de leitura que acontecem nesse contexto (figura 40).

Desse modo, levamos em conta também dados empíricos dos trabalhadores, considerados profissionais para a associação que lhes representa como categoria, que nos serviram de base de apoio à produção dos dados em geral. Além disso, delimitamos o espaço de seleção dos que foram entrevistados, ou seja, dos ambulantes que possuem barracas na extensão da rua Conselheiro João Alfredo esquina da travessa Campos Sales, perímetro que abriga 269



Figura 40. O trabalhador que vende e lê.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Outubro/2009.

ambulantes²¹, dados que não aparece na pesquisa da Secon. Desses, selecionamos 8, quantitativo adequado e possível para a produção dos dados neste universo, em especial pelo tempo da pesquisa.

Salientamos que este estudo se constituiu numa abordagem qualitativa, cujos critérios de seleção não se detiveram a uma porcentagem padronizada em relação à quantidade de ambulantes que trabalha na rua Conselheiro João Alfredo, e, sim, apresentassem o perfil, a saber:

i) que o/a trabalhador/a ambulante estivesse em situação de leitura, no período da observação de campo, correspondente aos meses de janeiro a agosto de 2008; ii) ser maior de 18 anos, sem distinção de gênero; iii) trabalhar, no mínimo, três anos como ambulante no comércio; iv) aceitar participar da pesquisa, sob as condições de se dispor a conceder entrevistas e esclarecimentos necessários em relações aos dados; v) autorizar o uso e divulgação dos dados verbais e não verbais produzidos no decorrer da pesquisa.

Nessas condições, definimos os 8 sujeitos, e traçamos o perfil socioeconômico e o grau de escolaridade deles, conforme Quadro 6 que segue.

Quadro 6. Perfil socioeconômico e grau de escolaridade dos ambulantes sujeitos desta pesquisa

NOME	IDADE	CIDADE DE ORIGEM	PROFISSÃO DECLARADA	TEMPO DE SERVIÇO	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	CONDIÇÕES DE MORADIA
Silva	29	Paragominas/PA	Autônomo	8 anos	Ensino Fundamental incompleto	Concubinato	Aluguel
Nazaré	48	Bragança/PA	Ambulante	17 anos	Ensino fundamental incompleto	Solteira	Própria
Marcos	30	Acará/PA	Ambulante	8 anos	Ensino fundamental incompleto	Casado	Própria
Cristiano	19	Belém/PA	Autônomo /estudante	4 anos	Cursando ensino médio	Solteiro	Própria (mora com os pais)
Andréa	30	Mocajuba/PA	Vendedora	3 anos	Ensino médio completo	Solteira	Mora com parentes
Soares	22	Rio de Janeiro - RJ	Ambulante /estudante	9 anos	Cursando ensino médio	Solteiro	Própria (mora com os pais)
Tomázia	54	Bragança- PA	Ambulante	20 anos	Ensino fundamental incompleto	Viúva	Própria
Carla	32	Belém-Pará	Autônoma	3 anos	Ensino médio completo	Casada	Própria

Fonte. Pesquisa de Campo. Janeiro a julho de 2009.

²¹ Fonte oral: Sr. Morais, presidente da Associação dos Trabalhadores Ambulantes do Comércio de Belém, em conversas informais, por ocasião da pesquisa de campo.

Conforme os dados expostos (Quadro 6), os sujeitos estão na faixa etária de 19 a 54 anos, com predominância jovem, se considerarmos a perspectiva de vida dos brasileiros, superior a 65 anos. Como já confirmado pela SECON, dos 8 entrevistados, a maioria dos ambulantes é paraense, e 1 é natural do Rio de Janeiro, filho de pais paraenses, e mora desde criança em Belém.

Quanto à identificação profissional, embora eles estejam engajados na luta pelo reconhecimento profissional da categoria de trabalhadores ambulantes, é curioso se apresentarem com outras denominações profissionais como, “autônomos e vendedora”. No caso de “autônomos” (Silva, Cristiano, Carla), isto possa se dá pelo fato de se sentirem livres, sem vínculo empregatício, sem hora e nem dia para chegar ou sair do trabalho, e/ou principalmente por serem os donos do “negócio”. Essa característica também os define como pessoas livres para ler o que quiser e no tempo que lhes convier (figura 41).

Esse conjunto de denominações é visto como sinônima de ambulante, assim como de camelô, pois como muitos vêm de cidades dos interiores do Pará, onde a expressão “autônomo” é mais comum do que ambulante, as pessoas que se identificam como tal, trazem consigo o costume de falar dessa forma. No caso da Carla, o fato dela sempre haver trabalhado antes como autônoma, sem carteira assinada, prestando serviços para empresas, sem vínculo empregatício, isso possa explicar a razão de se dizer “autônoma”.

Outro fator a ser considerado, é o fato de muitos trabalhadores ambulantes iniciarem nessa profissão, motivados por pessoas da família que já estão no mercado informal há muitos anos, e, que, com o passar do tempo, se tornam independentes e passam de



Figura 41. Autônomo livre para ler.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Outubro/2009.

ajudantes a “patrões”. Cristiano e Soares são exemplos disso, pois iniciaram como ajudante dos pais e hoje eles tomam conta do “negócio”.

Em relação à trabalhadora Andréa, quando se diz “vendedora”, compreendemos sua situação diferente dos demais, em vista dela vender confecções infantis para terceiros. Nesse caso, ela vende para uma senhora que tem uma loja nos altos de um dos prédios da rua Conselheiro João Alfredo. Contudo, sua vivência e o vínculo familiar com o espaço, bem como a sua forma de trabalho, não a distingue dos demais, apenas ela não é a dona do que vende, entretanto, guarda o sonho de, quem sabe, um dia, trabalhar com carteira assinada, como afirma o sentido de ler conteúdos didáticos e técnicos, em apostilas: *leio pra aprender, pra entrar no mercado de trabalho... trabalhar com carteira assinada, se Deus quiser* (Andréa).

Situação como a de Andréa pode ser comum nesse espaço, se levarmos em conta os dados da Secretaria Municipal de Economia²², ao pontuar que existem ambulantes que são “donos” de mais de um ponto, e que a priori “pagam salários” para um terceiro “empregado” tomar conta da banca num outro ponto do comércio. Esse tipo de situação, segundo a SECON, é ponto de conflito, além de outros, entre os próprios ambulantes. Por isso, o uso do termo “autônomo”.

O tempo de serviço dos sujeitos como ambulantes no comércio (Quadro 6), demarca uma relação de tempo significativo ao espaço, sendo que, alguns, se tomarmos o tempo de trabalho com a idade deles, podemos afirmar que começaram a trabalhar na informalidade ainda crianças/adolescentes, a exemplo, os leitores Cristiano e Soares, que têm, 19 e 22 anos de idade e 4 e 9 anos de serviço, respectivamente. Importa-nos, ressaltar, que esses dois, trabalham durante o dia e são estudantes do Ensino Médio, no turno da noite em escolas públicas de Belém, e, esse dado nos leva a afirmar porque na relação dos objetos que lêem, traga a presença dos livros didáticos, detalhe não observado nos demais leitores e presente nos deles: *ler livros didáticos é importante para a minha formação [...] quero ser engenheiro* (Cristiano); *leio livros e apostilas, só quando perco a matéria do colégio e pra fazer os exercícios, os trabalhos* (Soares).

²² Cf. Relatório da Secon, 2006/2007, em CD: “Das justificativas de Realizado do estudo”, item i da letra g, referente a um dos conflitos de ocupação do espaço.

O trabalho informal, para Nazaré e Tomázia, considerando suas idades (48 e 54) e o tempo de serviço (17 e 20 anos), nos leva à compreensão que ambas iniciaram na profissão de ambulante, ainda jovens, na qual permanecem até então, além de carregarem consigo marcas históricas da luta coletiva dessa profissão, mesmo não reconhecida pelo Estado e isso lhes causa insegurança, em final de carreira, como ressalta: *leio o jornal para me manter informada de tudo [...] a gente tem esse trabalho, né?*(Nazaré).

Essa marca da instabilidade profissional nos dizeres da Nazaré sugere que os objetos de leitura da Tomázia, retomem o sonho de um passado remoto (figura 42), o qual, após atravessar um longo tempo, ainda possa ser realizado: *leio a revista Deus Conosco porque sempre quis ser seguidora de Deus [...] quero ler, na minha igreja, a 1ª leitura, a 2ª leitura...* (Tomázia).

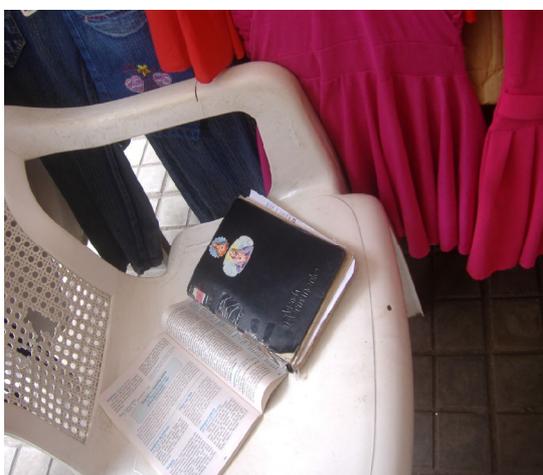


Figura 42. Da instabilidade profissional à realização do sonho formalizado.

Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Outubro/2009.

quero ler, na minha igreja, a 1ª leitura, a 2ª leitura... (Tomázia).

Observamos, também, que a maioria dos sujeitos desta pesquisa, que estão há mais tempo nesse espaço de mercado informal, tem o ensino fundamental incompleto, possivelmente, não concluído pela necessidade de trabalhar para se sustentar e/ou ajudar no sustento de suas famílias, como Silva, Marcos, Nazaré e Tomázia. Eles possuem razões semelhantes que lhes impediu de estudar: [...] *ou eu trabalhava ou estudava, optei pelo trabalho* (Silva); *quando perdi minha mãe, tive que trabalhar pra me sustentar...* (Nazaré); *Quando vim pra cá, pra Belém, casei e tive que trabalhar...* (Marcos); *Estudei até os 15 anos, depois vim pra cá, pra Belém, arranjei marido, casei...* (Tomázia).

Dadas essas informações, em relação a essas quatro pessoas que nem o Ensino Fundamental concluíram, não nos leva a acreditar que isso tenha lhes impedido de se tornarem leitoras. O que vemos, que elas tenham se afastado de leituras institucionalizadas, próprias dos contextos escolares; por outro lado, lêem, na atualidade, o que interessa a cada uma ler, embora apresentem situações de vida semelhantes. Desse modo, as leituras que

fazem do jornal, dos livros, das revistas, das apostilas, da Bíblia, etc., divagam para o que lhes faz sentido, em particular e coletivamente.

Igualmente, essa condição não signifique que, nesse mercado de trabalho, só existam pessoas que o vejam como uma mera alternativa de sobrevivência, sem que existam outras perspectivas, para suas vidas (figura 43). Como exemplo, Andréa e Carla, que concluíram o Ensino Médio e vêm, na informalidade, pontos de interesses divergentes, como vendedora ou autônoma: *faço cursos técnicos de empresa, porque o mercado de trabalho exige funcionário qualificado, que some, que tenha proposta para empresa* (Andréa); *Eu sempre trabalhei como autônoma, mesmo em empresas... nunca trabalhei com carteira assinada, por isso, aqui, eu posso trabalhar assim como sempre trabalhei* (Carla).

Nesses dizeres, a oportunidade de ganhar um salário fixo, mesmo sem carteira assinada, pode ser o passo para a realização do sonho de Andréa, que sonho com emprego de carteira assinada; enquanto, para Carla, a experiência que já tinha como autônoma, lhe oportunizou “montar” o seu próprio negócio, e o espaço do comércio é adequado para isso, mesmo que desde os 17 anos de idade trabalhando em empresas, tivesse chance de ingressar no mercado formal com carteira assinada, pois fez curso completo de inglês, o que facilitaria um contrato de trabalho com salário fixo.

No caso de Cristiano e Soares, há uma percepção de que ambos estão na informalidade, porém, pretendem sair dela, pois Cristiano planeja ser engenheiro e vê, na leitura dos livros didáticos, a importância para conseguir essa formação; enquanto que Soares, mesmo trabalhando há 9 anos como ambulante, se vê no futuro como jogador profissional de futebol ou como militar, e diz: *sempre quis ser jogador de futebol [...] já joguei num time paraense como profissional, mas não deu certo. Agora, estou estudando, lendo*



Figura 43. Vendedora que vê na informalidade o começo para o acesso ao mercado formal.

Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Outubro/2009.

apostilas pra passar no concurso da guarda municipal, quero ser militar, já servi ao exército e gostei (Soares).

Acerca das condições de moradia dos sujeitos entrevistados, prevalece o domicílio próprio, mesmo que Cristiano e Soares, solteiros, por ocasião da entrevista, residam com os pais, e, Andréa, mora em casa de parentes. São domicílios localizados nos bairros da Terra Firme, Pratinha, Icoaraci, Guamá, Marco, Novo Horizonte (Marituba) e Jurunas. Com exceção deste último, os demais bairros ficam distantes do comércio de Belém e todos, são bairros onde há grande movimentação comercial e feiras livres. Entretanto, nem tanto atrativos a turistas como o comércio do Centro Histórico da capital (figura 44).

Portanto, mesmo que tenhamos definidos critérios para a seleção desses sujeitos (Quadro 6), sem a preocupação com o nível escolar de cada um, os procedimentos metodológicos de produção dos dados, utilizando a técnica da entrevista, ser orientada por



Figura 44. Centro comercial de Belém: espaço de intensa movimentação de pessoas de todos os lugares do país e do mundo.
Fonte: Jornal O Liberal (30/8/2009).

um roteiro de questões direcionadas prioritariamente à história de leitura dos entrevistados, nos possibilitou avaliar que os dados do perfil socioeconômico dos ambulantes, traçado pela pesquisa da SECON, acabaram por se confirmar, nos dizeres sobre suas leituras, estas se transfiguram na forma de ser e de pensar de cada um dos ambulantes entrevistados, a partir do trabalho informal.

Outro ponto também nos chamou a atenção, quanto à crise econômica no Brasil haver se agravado, nos últimos 20 anos, e provocado o crescimento populacional de trabalhadores em feiras livres e logradouros em todo o país, que pode ser simbolizada por Nazaré e Tomázia, de acordo com o tempo em que trabalham na informalidade (17 e 20 anos), como personagens importantes, testemunhas de fatos históricos que marcaram o início das atividades econômicas informais no espaço investigado.

Os entrevistados, são trabalhadores ambulantes que lêem (figura 45) mesmo em meio à tanta movimentação de transeuntes que chegam ao comércio para vender e/ou comprar, sob uma ambientação marcada pela sonoridade das propagandas eletrônicas, que atraem a clientela consumidora de produtos importados, confecções infantis e adultas, e, que, segundo Nazaré e Tomázia, são compradas de um fornecedor local e revendidas pelos ambulantes nas ruas do comércio.

Nos últimos anos, também, tem se intensificada a comercialização de produtos evangélicos (figura 46), entre estes, Bíblia, folhetos, CDs e DVDs, com músicas e show gospel, sobretudo porque a Bíblia é um dos objetos mais encontrados nas barracas e lidos pelos ambulantes; quanto aos DVDs e CDs diversos, de sucessos midiáticos (figura 47), são predominantes no espaço, pela procura elevada de consumo de pessoas de todas as idades.

Feitas essas considerações, pudemos prever que os ambulantes, constituem, pelo perfil socioeconômico, um perfil propício, peculiar para quem vive num cenário de explosão de “compra e venda por impulso”. Entretanto, é possível também visualizar o perfil educacional que lhes constitui leitores, posto que, em meio a diversas movimentações que lhes



Figura 45. Ambulantes que quando não trabalham, lêem.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Outubro/2009.



Figura 46. A Bíblia e demais produtos evangélicos.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Outubro/2009.



Figura 47. DVDs e CDs: marcas da sobrevivência no mercado informal.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Outubro/2009.

proporcionam criar estratégias para venderem seus produtos, eles praticam leituras.

Por fim, se tratam de pessoas de várias idades, oriundas de lugares diversos, muitas porque ficaram desempregadas e, outras, por opção ou sem opção, demarcaram espaço de trabalho no Centro comercial de Belém e fazem das atividades que praticam, nesse espaço, o contentamento para si, com o fortalecimento da economia informal local, e o descontentamento para quem os vê no mundo econômico da ilegalidade.

SEÇÃO II – Arquitetura dos dados

*Apreendem-se formas, volumes, cores,
movimentos que adquirem num primeiro momento,
estruturas fráscas e significante (Macedo, 2006).*

Esta seção revela o cuidado, a preocupação e as formas como arquitetamos nossa entrada em campo, a importância da fotografia como recurso de produção de dados, os fundamentos da história oral, a organização das entrevistas e a apreensão e organização do aporte central para análise dos dados.

2.1 A OBSERVAÇÃO ICONOGRÁFICA

A investigação de um fenômeno, por mais importante que ele seja, e aliado ao desejo do pesquisador, não bastam. É preciso sair do campo da opinião e validar esse fenômeno cientificamente, e isso exige tempo, esforço, dedicação, reflexão, um ir e vir constante no processo de elaboração, até que se encontre o caminho certo, ou os caminhos possíveis às finalidades do objeto investigado.

Acerca disso, Charlot (2006, p. 6) nos orienta para os cuidados que nós, pesquisadores, devêssemos ter nesse momento, no sentido de nos proteger contra as possíveis evidências e procurar descrever o fenômeno, dando a palavra àqueles que estão envolvidos nas situações e nas práticas, ciente de que ninguém é transparente para si mesmo e que dizer a sua prática é colocá-la em palavras, como ele afirma: “[...] o pesquisador tem uma tarefa a executar para tornar o seu objeto de estudo científico e isso enseja tirá-lo do campo da opinião”.

Diante dessa reflexão, embora, já conhecêssemos o espaço deste estudo, foi preciso que nos apropriássemos das condições do local, visualizar o movimento dos ambulantes, vê-los em situações de leitura e registrar esses cenários para confirmar a coerência da questão formulada. Para isso, realizamos um piloto no segundo semestre do ano de 2008, adentrando o espaço durante quatro dias do mês de maio e quatro em junho, em dias e horário alternados, a fim de observar e fazer anotações discretas.

Esse piloto, além de testar, gerenciar o percurso teórico e metodológico deste estudo, nos permitiu certa aproximação com alguns ambulantes, momentos em que estabelecemos conversas informais sobre eles estarem lendo num espaço tão barulhento como o comércio. Esse piloto também serviu para interpretarmos a questão central da pesquisa, de forma que não viéssemos correr o risco de investigar o óbvio e nem fornecer respostas antecipadas. Para tanto, as técnicas de produção dos dados se tornaram fundamentais para que chegássemos aos objetivos inicialmente propostos e, assim, validar os dados, com vista ao respaldo teórico que amparou o percurso da pesquisa.

Após esse piloto, o qual condensava num material preliminar para a qualificação, não tivemos dúvida, pela própria dinâmica do espaço, que a técnica da observação direta e iconográfica se confirmava como a mais adequada, cujo apoio teórico nos valem dos estudos de Triviños (1987), tendo em vista a observação ser a parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. Segundo este autor, essa técnica segue uma série de atribuições assumidas pelo pesquisador que define o que deve ser observado, como observar e por que observar, além de se constituir como um instrumental valioso que pode ser útil para o pesquisador disposto a experimentar novas lentes para olhar a realidade (VIANNA, 2003).

Tal definição teve a ver com a própria dinâmica do espaço, este por ser público e de grande movimentação de pessoas nele circulando durante o dia. Em função disso, observar por um período de uma semana do mês de agosto de 2008, nos permitiu melhor visualização da complexidade do fenômeno educacional, principalmente por se tratar de um espaço diferente do escolar, de forma que, na primeira incursão que fizemos nas ruas do Centro comercial²³, em uma manhã, do mês de agosto de 2008, detectamos que grande parte dos trabalhadores ainda estava arrumando as barracas, detalhe importante à compreensão do como eles se organizam para venderem seus produtos.

Contudo, nosso foco sempre foi os objetos de leitura, ou seja, todo e qualquer suporte de leitura presente no espaço. Havia um interesse em consolidar a funcionalidade desses possíveis objetos na sociedade e na vida

²³ Essa primeira incursão em campo aconteceu no dia 23 de agosto de 2008, após feriado de Corpus Christi.

escolar, considerando que partimos da escola, da nossa experiência, e dos resultados das pesquisas institucionais que discursam a favor da ausência de leitura dos brasileiros.

Nessa primeira incursão, refletimos sobre a questão central da pesquisa, cujo objetivo estava centrado nesses objetos. Fizemos alguns registros fotográficos de alguns, como: jornal, panfletos, bíblia. Para conseguir esses registros, nos postamos nas portas das lojas e, com o auxílio de um vendedor, conseguimos fotografar uma senhora lendo um jornal, um rapaz lendo um manual de instrução e outro rapaz lendo uma bíblia, em pé, apoiado em uma bicicleta.

De posse desse material e ao analisar a sua relevância, percebemos que o seu valor não estava limitado ao objeto, embora tivéssemos ido a campo constatar isso. Entretanto, vimos que a sua importância estava no fato deles estarem nas mãos de pessoas, ou melhor, de trabalhadores ambulantes e que estes estavam em situação de leitura, mesmo em um espaço ‘não adequado a tal prática’, posto que, numa escola, o segredo da leitura está no silêncio e os dados se contrapunham a isso, pois o barulho é intenso.

A partir dessas reflexões, e após o exame de qualificação e as devidas orientações da banca, a pesquisa tomava um rumo diferente, pois os objetos de leitura só faziam sentido porque estavam sob o poder de leitores. Logo, a pesquisa se ampliava para as práticas de leitura em que os sujeitos também se faziam protagonistas.

Diante dessas considerações, reformulamos os objetivos da pesquisa e retornamos a campo para responder as seguintes questões: Que objetos circulam no Centro comercial de Belém e quais estão presentes nos eventos e práticas de leitura dos ambulantes? Como esses objetos se “convertem” de práticas educativas para essa categoria? Em que condições os ambulantes atribuem sentidos a esses objetos?

Partimos do princípio de educação proposta pro Brandão (2007), quando afirma que:

Esparrramados pelos cantos do cotidiano, todas as situações entre pessoas, e entre pessoas e a natureza – situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura de grupo - têm, em menor ou maior escala a sua dimensão pedagógica” (p. 20-1).

Desse modo, o tratamento dado ao espaço e ao grupo de ambulantes que nele vive para todos os dias de trabalho, foi um espaço de educação tão importante quanto qualquer espaço moldado pelas sociedades que se arrastam aos longos dos séculos, como a escola, a família, a igreja.

No tempo seqüencial que destinamos ao trabalho de campo, compreendemos a dinâmica de convivência dos ambulantes, assim como o tempo que destinam à leitura. Também a forma como eles se organizam nesse espaço de interação, a qual é feita com base no tempo de serviço e no produto comercializado. Na convivência diária, eles têm em comum a leitura e o sonho de serem reconhecidos como profissionais perante à sociedade.

Diante das cenas e eventos de leitura presentes que envolviam os trabalhadores ambulantes, interpretamos que analisar apenas os dados orais, oriundo das entrevistas, não se fazia suficiente, mas requeria dados visuais pelo próprio cenário de leitura poder ser compreendido por meio desse recurso. Por isso, optamos também pela produção de dados visuais, o que nos exigiria maior rigor com o tratamento das imagens.

Constatada a necessidade de fazer os registros fotográficos, recorreremos a teorias que nos amparasse substancialmente no uso das imagens como dados interpretáveis e não ilustrativos. Havia uma preocupação e, ao mesmo tempo uma necessidade da legitimidade do seu uso no contexto investigado, sobretudo pela credibilidade e fidelidade de imagens fotográficas em estudos socioculturais se constituírem um dos pontos mais críticos ao pesquisador e no que se refere ao estudo do cotidiano.

Neste sentido, foi necessário legitimar o uso das imagens que produzimos, considerando a objetividade da fotografia, sua finalidade, a credibilidade delas, sem manipulação, pois não nos coube a preocupação com a qualidade da imagem e sim com a evidência do sentido comum da realidade investigada, até porque, nos posicionamos como pesquisadora e não como fotógrafa.

Dos autores que recorreremos como fundamentos para produzir a iconografia deste trabalho, tento em vista à compreensão da situação social do espaço investigado e por entendermos que as fotografias, nesta investigação, possam servir como fonte documental a *posteriori*, da mesma forma como se dá o seu uso em pesquisas etnográficas, em que a fotografia revela as

características antropológicas, sociais e culturais de variados grupos, embora o pesquisador fotógrafo também se expõe como um sujeito observado, nos apoiamos no que imprime Barthes (1981):

Ao nível imaginário, a fotografia (aquela de que tenho a intenção) representa esse momento deveras sutil em que, a bem dizer, não sou nenhum sujeito nem um objeto, mas essencialmente um sujeito que sente que se transforma em objeto: vivo então uma micro experiência da morte (do parêntese), torno-se verdadeiramente espectro (p. 30).

Dos estudos de Ciavatta (2002) compreendemos que a fotografia é um documento histórico que expressa momentos vividos por sujeitos sociais e, para este estudo, elas podem representar uma realidade histórica das práticas de leituras dos ambulantes e a relação que estes estabelecem com o trabalho

Ademais, os dados fotográficos neste trabalho, coadunam com o “dever estar no centro de uma nova atitude epistemológica”, segundo afirma Boaventura Santos (2000, p 27), quando da nossa possibilidade, como educadores, ver a leitura sob uma nova ótica que amplia o espaço para além da escola, ou seja:

Ver não é somente olhar. O ver necessita estar e não apenas passar pelos espaços. Ver é tecer um lugar no não lugar. Ver é observar a realidade que se apresenta de forma complexa e inteira diante de seu olhar. Ver não é se colocar como espectador de um mundo ilusório criado por outros olhares. É a possibilidade e sentir antolhos e girara o rosto e girara o rosto para inviabilizar sua ação, de não se imobilizar diante do que se vê. Ver é tornar-se capaz de perceber as alternativas e complexidades presentes no cotidiano, mesmo quando não queremos vê-las (p. 27-8).

Tal consideração nos remete a um problema da educação moderna que se traduz a uma única forma de ver a leitura, de forma que, este estudo procura nas práticas de leitura num espaço distinto ao escolar, interpretação de imagens reais, como uma forma de superação ao paradigma tradicional e reproduzidor.

Assim, ao introduzirmos a fotografia neste processo investigativo, a observação abrange outros recursos além das anotações no caderno de campo, cujos dados fotografados revelaram um resultado positivo frente às informações precisas, objetivas com elementos importantes, os quais se apenas tivéssemos olhado e anotado, poderiam nos escapar, pois:

Como fotografia é contingência pura e não pode ser mais do que isso (é sempre alguma coisa que é representada) – ao contrário do texto

que, pela ação súbita de uma única palavra, pode fazer passar uma frase da descrição à reflexão -, ela revela imediatamente esses pormenores que constituem o próprio material do saber etnológico (BARTHES, 1981, p. 24).

Portanto, a fotografia, nos forneceu detalhes que constituíram a essência do objeto investigado, porque, como pesquisadora e no exercício de fotografar os ambulantes lendo jornais, revistas, bíblia, ampliamos a noção de pesquisa, muitas vezes restrita à ação de anotar ou usar a imagem para ilustrar. Ao contrário dessa restrita visão, “ Ao em ensinar-nos um novo código visual, a fotografia transforma e amplia nossas noções sobre o que vale a pena olhar e o que efetivamente podemos observar” (BARTHES, 1981, p. 25).

Igualmente a favor do recurso fotográfico em pesquisas, Leite (2001) no texto *Remexendo fotografias do cotidiano*, publicado pela editora DP & A, em 2001, ressalta:

Uma fotografia revela muito mais do que imagens do instante fotografado. Além do cenário, dos personagens e das leituras dos tempos e espaços aparentes, ela indica os vínculos e relações presentes nos textos imagéticos e revela, também, o seu autor: a intenção do fotógrafo e até, quem sabe, seus desejos, suas características, suas artes de fazer e de ser. A cena, o ângulo, o enquadramento, a luminosidade e os planos escolhidos narram muitas histórias dos sujeitos instantaneamente eternizados, do autor e de sua criatura. Em cada foto, o fotógrafo faz registro de si mesmo, marcando lugares e não-lugares nos espaços de sua própria vida (p. 100).

Com essas reflexões teóricas, compreendemos que saber escutar e saber observar são as bases necessárias para interpretar outras realidades e, o instantâneo fotográfico possui uma finalidade comunicativa e testemunhal, que, após a visualização da imagem, outros pesquisadores ou leitores, poderão interpretar os resultados deste trabalho de campo, apoiado na imagem e no texto que a acompanha.

Essa retomada teórica nos possibilitou adentrar em campo com maior segurança para fotografar os eventos, as cenas e as práticas de leitura dos ambulantes e observar a recorrência dessas como processo educativo à categoria. Este conflito foi fruto dos primeiros momentos de permanência no espaço, de posse de um caderno de anotações e de incessantes caminhadas pelas ruas do comércio, já com a preocupação de delimitá-lo e selecionar os sujeitos, por isso, iniciamos um processo de aproximação, conversas informais e indagações, além das fotografias serem feitas após nos apresentarmos ao

presidente da Associação dos Trabalhadores Ambulantes do Comércio de Belém, de posse do seu aval.

Selecionar os sujeitos para produzir os dados orais foi a nossa primeira preocupação. Em função disso, entramos em contato com o presidente da Associação dos Ambulantes para que ele nos auxiliasse quanto ao perfil desses trabalhadores. Solícito, nos cedeu um CD com o retrato socioeconômico dos trabalhadores, fruto de uma pesquisa realizada pela SECON, em 2007 e 2008, contendo informações precisas para nos auxiliar no perfil dos sujeitos que participariam da pesquisa.

Ainda na fase em que produzimos o piloto, já havíamos nos aproximado de duas pessoas porque estavam lendo: uma senhora que lia um jornal e um rapaz que lia um folheto bíblico. Aproximamos-nos primeiro deste, que nos orientou no acesso ao presidente da Associação e também revelou que a leitura do folheto bíblico “era para começar um bom dia de trabalho”.

Quanto a senhora que lia um jornal, nos aproximamos de sua barraca, desculpamo-nos pelo incômodo, momento em que ela se levantou para melhor nos atender. A pergunta logo veio: *por que a senhora está lendo o jornal sob o sol forte?* Ela respondeu: *Pra passar o tempo!* Voltou a olhar em nossa direção, pensativa e disse: *Pra ficar por dentro das coisas do mundo!* Estabelecemos com essa senhora um breve diálogo e ela afirmou que comprava o jornal diariamente e que já estava acostumada a ler todos os dias e que lia todo o jornal.

A partir desses dois contatos e por vezes na companhia do presidente, circulávamos pelo espaço com mais tranquilidade e fomos nos aproximando das pessoas que sempre estavam lendo, conversando, explicando sobre a pesquisa, convidando-os a participar e esclarecendo os critérios e selecionando as pessoas com base neles: estar em situação de leitura por diversas vezes, ter disponibilidade para conceder entrevistas, ser maior de 18 anos, saber se expressar o suficiente para responder as questões da pesquisa, entre outros.

O trabalho de campo se tornava mais intenso e interessante. Nesta perspectiva, além do caderno de anotações, uma câmera fotográfica Sony Cyber-shot 6.0 Mega Pixels, um MP4 Sony 1 GB, foram acrescentados como suportes para produzir os dados, sendo que os visuais, nem sempre

correspondem à imagens das pessoas entrevistadas, o que nos levou a omitir a imagem da pessoa e priorizar a do objeto lido.

De posse desses instrumentos, nos dedicamos por definitivo ao trabalho de campo, retomando um período mais planejado à observação, pois interpretamos que o *lócus* aqui investigado, por ser público, precisaria de uma estratégia bem pensada, categorizada, de forma a nos aproximar dos sujeitos, bem como da convivência com eles, sem que interferisse negativamente na dinâmica do espaço ou que fôssemos interpretada como “fiscal”, profissional indesejado pelos ambulantes e, ao mesmo tempo, presente no cotidiano deles, sobretudo com relação à fiscalização de CDs e DVDs piratas.

A primeira imagem que produzimos, revela uma trabalhadora lendo um jornal, concentrada, sentada em um banco.



Figura 48. Uma trabalhadora lendo jornal, pela manhã.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

Ao observarmos essa imagem (figura 48), relacionamos à presença marcante do jornaleiro nas ruas do comércio distribuindo jornais nas barracas. Esta senhora é leitora assídua do jornal e, por isto, não somente com base nessa imagem, mas nos dias que seguiram a observação, vimos essa leitura era uma prática do cotidiano dela. Em vista disso, um dos critérios de escolha do sujeito foi o trabalhador/Ra está em situação de leitura, por ocasião dos dias de observação.

A cena de leitura, representada pela figura 49, insinua a uma interpretação diferente da realidade que historicamente se pensou para as práticas escolares em que a leitura se apresenta como um desafio na vida das escolas que almejam por um espaço adequado para que os alunos leiam. Enquanto nesta imagem, o trabalhador, ao ler, se desprende desses bens materiais.



Figura 49. Cenas de leitura do jornal no comércio de Belém.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

A imagem que segue, destaca a preferência dos ambulantes pela leitura do caderno policial.



Figura 50. Destaque para a cena de leitura do caderno policial.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto 2009.

O caderno policial, geralmente é o primeiro a ser lido e compartilhado com os que não compram, embora estes, também, queiram ler, constatar as

notícias. Esse revezamento se dá durante o dia, na medida em que a freguesia não aparece, eles ‘passam o tempo’ lendo jornal.

Registrar essas cenas de leitura, em que o objeto se destaca, nossa intenção foi adquirir uma semântica no ato registrado, constatado como dado imbuído de significado interpretáveis, pois o destaque para o jornal, bem como para o caderno policial está relacionado aos interesses profissionais dos ambulantes, os quais, quando aparecem nos jornais, as notícias sobre eles, estão impressas no caderno policial.

Igualmente aos interesses profissionais, os trabalhadores agregam leituras à sua vida, mais voltadas à crença espiritual, a qual não deixe de ser extensiva à vida profissional. Com estas finalidades, a Bíblia se destaca, como aparece na figura 51.



Figura 51. A presença da Bíblia na vida do ambulante.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

A Bíblia é lida diariamente por muitos trabalhadores ambulantes. No depoimento deles, “é muito importante conhecer a palavra de Deus.” Este senhor que aparece na imagem (figura 51), sempre está lendo a Bíblia “para pedir proteção a Deus” na viagem que faz de ônibus de casa para o comércio e

vice versa, como também para “compreender a vida sofrida dos apóstolos de Deus.”

se restringe apenas à escola tradicional e sim ela está presente em qualquer espaço onde se produzem saberes e práticas educativas, como podem ser percebidas na figura 53.



Figura 53. Acervo de fotografia com fatos históricos dos ambulantes.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

Esta imagem coaduna com o que profere Brandão (2007, p. 22): “Assim, tudo o que é importante para a comunidade, e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar. Corroborando essa mesma forma de conceber educação, Hall (2003, p.11) afirma que é preciso respeitar outras identidades, pois o que presenciamos, são “amplas mudanças provocadas pelas novas estruturas sociais, que estimulam uma reestruturação, ou mesmo reinvenção da identidade cultural”.

Durante toda fase de observação, as cenas e eventos de constituíam um cenário de leitura e de leitores. Não havia como escapar dessa realidade de leituras que emanava o local. Trabalhadores, homens e mulheres de várias idades se prestavam a ler ‘qualquer coisa’. “era uma forma de passar o tempo”, nos disse Dona Nazaré, quando a abordamos para uma breve conversa, logo no início da nossa estada nesse local.

Diante desse cenário, nos vimos obrigada a priorizar os dados visuais, os quais estão distribuídos pelas páginas deste trabalho, dos quais nos valem, agrupados aos dados orais, para validar a presença do leitor social, desprovido de organização escolar, mas gerenciado por regras de convivência, assim como o próprio espaço, desprovido de bens materiais adequados à

prática da leitura, comuns nas escolas que lutam para realizar o sonho de ter uma sala de leitura, uma biblioteca, um cantinho de leitura e demais espaços destinados à leitura, além da sala de aula.

Neste espaço investigado, a educação existe de variados modos do que se possa pensar numa escola tradicional. Quem sabe alguns desses modos, não nos levam a refletir um novo pensar para um novo mundo de saberes, pois, no comércio, a leitura é o eixo de interação entre o homem e o desejo e o direito de estar no mundo como um ser livre, como nos chama a atenção Brandão (2007): “Assim, tudo o que é importante para a caminhada, e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar” (p. 22).

Deste modo, os registros fotográficos nos permitiram refletir para além do campo, das anotações, mas se apresentou, também, como uma estratégia de campo, capaz de representar a realidade objetiva e concreta na sua essência, ou melhor, este recurso, nos permitiu afirmar que a prática da leitura no Centro comercial de Belém é evidente, o que o caracteriza como um contexto educacional também, e por assim dizer, é fato a prática da leitura nesse espaço, logo, histórico.

Por assim confirmar essa relevância quanto ao uso da fotografia como dado desta pesquisa, podemos repensar o que nos imprime Kossoy (1989):

Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refelida- de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita de incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois, o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente (p. 101).

Não obstante, as fotografias que neste trabalho de campo aprecem como dados interpretáveis da realidade investigada, representam a apreensão do real, pois em todas os sujeitos estão lendo, de fato e não posaram para um fotógrafo. Daí, nos posicionarmos por trás da cena, como uma estratégia de focar o instantâneo.

A fotografia foi um recurso importante para este estudo, tendo em vista percebê-la como documento imagético de grande e valioso conteúdo para o analista que aborda diferentes concepções de leitura (MANGUEL, 2001; BENJAMIM, 1987; ORLANDI, 2001), sobretudo por seu caráter polissêmico

que varia desde uma concepção mais ampla a uma mais restrita, conforme afirma Orlandi (Idem, p. 7): “a leitura pode ser um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler”.

Para essa autora, no caso da imagem fotográfica, o processo de leitura torna-se ainda mais complexo posto que, além de levar em conta sua especificidade e característica, é importante que se leve em questão os componentes de seu contexto de produção. No caso das imagens registradas no Centro comercial, nos favoreceu identificar aspectos evidentes e ocultos da significação dos objetos lidos, possíveis a partir do entendimento contextual da imagem.

A vantagem da técnica da observação para a produção de dados visuais nos levou a constatar as nuances do espaço e investir nas possibilidades para a condução das entrevistas, de forma que quando retornamos a campo para registrar mais imagens envolvendo ambulantes lendo, durante a caminhada pela rua Conselheiro João Alfredo, observamos trabalhadores lendo a Bíblia em pontos diferentes, embora nem sempre desse para focalizar os objetos em evidência, devido a quantidade de produtos que ficam pendurados nas barracas impedindo a visualização da cena.

Quanto aos dados verbais, realizamos entrevistas com os ambulantes que selecionamos com base nos critérios abordados no item 1.3, da Seção I, amparada teoricamente pela metodologia da história oral, uma das vertentes auxiliares para a produção desses dados, cuja história de leitura dos sujeitos selecionados foi priorizada, assim como apresentaremos no próximo item desta Seção.

2.2 A HISTÓRIA ORAL

A técnica da entrevista neste estudo teve o apoio teórico em Thompson (1998) e Meihy (1996) que orientam o pesquisador quanto à necessidade de ativar a memória dos entrevistados, o que para nós, foi uma constante, pois, pelo fato dos trabalhadores não se identificarem como leitores, a maioria demonstrava timidez quando precisaram falar de suas leituras, principalmente para os que, há tempos, haviam deixado a escola, posto que dos sujeitos

entrevistados, as duas senhoras de mais idade, haviam deixado de estudar ainda na juventude.

Recorremos à História Oral como fonte teórica que embasasse a produção de dados orais, sobretudo por se tratar de um método usado em estudos referentes à vida de pessoas, grupos ou comunidades. Neste caso, um dos procedimentos foi entrevistar pessoas, fazer as gravações das falas delas, transcrevê-las, conferidas e autorizadas para serem usadas como dados disponíveis a serem interpretados e analisados.

Segundo o historiador Thompson (1992), a História Oral “lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação [...] traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade” (p. 44-5). Logo, nossa pretensão em expor a história de leitura dos ambulantes teve como meta partir dos primeiros objetos de leitura que eles tiveram acesso até os atuais relacionados à comunidade onde vivem.

Portanto, para esses casos, o trabalho com a História Oral foi fundamental, sobretudo quando Thompson (1992) ressalta que para o entrevistador conseguir as informações almejadas, ele precisa lançar mão de elementos significativos para que fatos adormecidos possam ser lembrados, pois, segundo esse autor, o processo da memória depende não só da capacidade de compreensão do indivíduo, mas também do seu interesse, podendo estar muitas vezes relacionado não só nos apegos dos fatos dos entrevistados, mas da divergência com eles.

Ademais, para a História Oral, as falas são produzidas por pessoas em um contexto sócio – histórico, cujos sujeitos fazem uso da memória e da palavra, e isso implica o trabalho com o dizer e com o não dizer, ou seja, com o que é silenciado e, por isso, essa teoria se aproxima da teoria da análise de discurso, que igualmente coaduna com a mesma idéia, como afirma Orlandi (1993) acerca do não dito, ou melhor, do silêncio, o qual “escorre por entre a trama das falas” (p. 33).

Ao fazer uso da técnica da entrevista para produzir dados orais, segundo Thompson (Idem, p. 32-3), ocorre um rompimento entre “a instituição educacional e o mundo, entre profissional e o público comum”. E, nesse processo, o pesquisador aprende na entrevista a ouvir, a se relacionar com pessoas de classes sociais diferentes e a se envolver em histórias que relatam

momentos sociais de quem as conta. Por isso, o historiador oral precisa ser “um bom ouvinte, e o informante, um auxiliar ativo”.

Desse modo, vale lembrar que, por meio dos registros fotográficos, bem como dos dizeres dos entrevistados, a leitura no Centro comercial é considerada por nós, como prática cultural, em que o jornal, a Bíblia, os folhetos bíblicos, as sinopses dos filmes, as revistas, o manual de instrução, todos esses objetos são criações humanas e variáveis, o que possa ser levado em conta, que no sentido mais amplo de leitura, existem objetos outros que não somente o livro.

Sentimos também a necessidade de pontuar acerca do leitor idealizado, aquele que precisa ler os cânones para ser definido como leitor, o que a escola busca encontrara no seu próprio espaço, porque acredita que o domínio das habilidades de leitura e atitudes só se dá por meio da escolarização e, ao entrevistarmos pessoas também ‘não escolarizadas’ estamos rompendo com essa tradição cujo resultado das pesquisas institucionais aponta para um problema histórico no nosso país.

A esse respeito, Chartier (1999, p. 16) afirma: “[...] em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade é construída e pensada, dada a ler por diferentes grupos sociais”. Isso, portanto, requer traçar outro olhar às estatísticas que as pesquisas institucionais vêm apresentando sobre a leitura no Brasil, cujos indicadores voltam-se apenas para o reconhecimento do leitor que lê livros autorizados pela escola.

Entretanto, os entrevistados neste estudo, não estão na escola, porque estão, antes, à margem de uma sociedade letrada, cujo cenário que os mostram, a partir dos registros e dizeres aqui apresentados, configura apenas num recorte dentre os inúmeros lugares espalhados por esse imenso Brasil. Nesse espaço, os ambulantes se engajam com o saber, percebido por meio das leituras que produzem no seu cotidiano.

Nessa perspectiva, o História Oral nos permitiu inscrever uma história de pessoas desconhecidas, postas à margem, sem voz, excluídas e, também, de espaço nunca pensado como educativo. Por assim confirmar, segundo Thompson (1998) “as fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas”. E ainda acrescenta que as fontes orais, pelo valor que possuem não devem ser tratadas como um

documento a mais: “se as fontes orais podem de fato transmitir informação fidedigna, tratá-las simplesmente como documento a mais é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado” (p. 137- 38).

Diante destas reflexões, partimos para a fase que envolveu as entrevistas, cujo melhor horário para acontecer, de acordo com os ambulantes e o próprio presidente da Associação, seria no intervalo do almoço, entre 13h00 e 14h00. Nesse horário, o som das propagandas diminui e daria para realizar todas as entrevistas.

Essa fase correspondente às entrevistas foi planejada de acordo com a disponibilidade de cada trabalhador e criado um cronograma de acordo com o que nos propôs o presidente da Associação, de modo que a sala onde funciona essa representação foi cedida para a realização das entrevistas, embora nem todas tivessem acontecido nesse local.

Porém, ao planejarmos esse cronograma para a realização das entrevistas, não pensamos nas chuvas que caem nos primeiros meses do ano, pois essas entrevistas iniciaram em março de 2009, embora nos meses anterior correspondente a janeiro e fevereiro do mesmo tivéssemos feito várias conversas informais com esses sujeitos, como uma estratégia de maior aproximação e facilitar a fluência de suas falas por ocasião da gravação.

Devido a dificuldade das chuvas que geralmente caem entre 14h00 e 15h00, definimos por trabalhar de acordo com a previsão do tempo, sendo realizada a primeira entrevista no dia 18 de março/2009, na sala da presidência, às 13h45, com duração de 45 minutos.

A primeira entrevista foi surpreendente, pois quando chegamos à barraca do ambulante agendado para este dia, ele estava rigorosamente arrumado. Havia se programado para não trabalhar à tarde devido a esse compromisso. Em função desse compromisso, ele almoçou mais cedo, desmontou a barraca, guardou-a em um depósito que os ambulantes alugam no espaço do comércio e mostrou-se à disposição para colaborar com a pesquisa.

Ao iniciarmos as primeiras questões do roteiro de entrevista, esse sujeito não conseguia desenvolver respostas às primeiras questões propostas sobre o que realmente gostava de ler, como havia sido os seus primeiros contatos com a leitura, o processo, enfim. Suas respostas eram monossilábicas

porque estavam centradas nas questões do roteiro e não no que poderia lhe ocorrer, lembrar. Percebemos que havia certa formalidade entre entrevistador e entrevistado, o que não renderia dados interessantes à análise.

Diante dessa situação, fizemos o possível para deixá-lo bem à vontade, oferecemos-lhe um copo com água mineral, comprada antes da entrevista, esclarecemos que ele não precisaria se preocupar com o vocabulário, que deveria usar a sua linguagem do dia-a-dia, e, se não quisesse, sua identidade não seria exposta. Depois dessa conversa, retomamos as perguntas, agrupando-as, de modo que não precisássemos fazê-las uma a uma, mas que pudéssemos encontrar uma forma de ativar a sua memória e assim, seus dizeres foram fluído e a entrevista ocorreu com mais tranqüilidade.

Depois dessa experiência formalizada com o primeiro entrevistado, passamos a conduzi-las, procurando maior proximidade com os demais. Logo, em todas as demais entrevistas, chegávamos ao local uma hora antes do almoço para conversar com cada um, informalmente, sobre tudo, coisas do dia-a-dia, notícias de jornal, sobre as vendas, até consegui iniciar uma conversa sobre as suas leituras, de forma que os entrevistados se sentissem seguros durante a gravação e quando a entrevista, de fato, iniciava-se, antes de ligar o MP4, explicávamos que eles podiam falar o que e como quisessem, como se estivéssemos conversando informalmente.

Sobre essa estratégia de gravação, Meihy (1996, p. 20-30) atenta para os papéis assumidos de entrevistador e entrevistado. Para esse autor, os dois ocupam lugares sociais diferentes e a afinidade entre os dois caracteriza-se como fator essencial no processo da entrevista. O entrevistado deve ser tratado como um “colaborador” e o entrevistador não deve vê-lo como um “objeto de pesquisa”, pois dele dependerá todas as etapas de entrevistas, bem como a autorização para a publicação dos depoimentos e a autoria. Enquanto que o entrevistador “deve ser sempre o realizador da entrevista e o diretor do projeto”.

A orientação desse autor nos ajudou a melhor conduzir as entrevistas que iriam acontecer, de modo que a segunda, aconteceu no dia 21 de março/2009, no mesmo local, aproximadamente no mesmo horário. A pessoa entrevistada nesse dia, antes de iniciar a gravação, questionou se ela seria

mesmo a pessoa certa para ser entrevistada, pois só “gostava de ler jornal e mais nada”, ressaltou antes da entrevista formalizada, o que nos exigiu dar maior esclarecimento a essa pessoa sobre os objetivos da pesquisa e a concepção de leitura que embasava o estudo que estávamos fazendo.

Era uma tarde chuvosa, problema recorrente na vida dos ambulantes que precisam estar atentos para que as mercadorias não estraguem com a chuva. Por esse motivo, nessa tarde, aproximadamente às 13h00, esperamos essa segunda entrevistada arrumar uma forma de proteger da chuva os produtos que vende. Durante essa espera, observamos que os ambulantes se previnem com dois tipos de plásticos: um mais fino para as chuvas não tão intensas, passageiras, que segundo essa ambulante, entrevistada dessa tarde, “ao olhar para o céu, sabemos definir se a chuva vai ser grossa ou fina”; e, o outro plástico é bem mais forte, ou seja, uma lona, próprio para as chuvas intensas e demoradas.

Após essa senhora pedir aos colegas que dessem uma olhada em sua barraca, devido ela haver protegido-a com um plástico mais leve e não saber ao certo se a chuva iria ou não engrossar quando ela estivesse dando a entrevista. Feitas as recomendações aos colegas, subimos até a sala da Associação e nos acomodamos, cada uma em uma cadeira, disponibilizadas pelo presidente.

Antes de iniciarmos a gravação, usamos os mesmos procedimentos da segunda tentativa de entrevista feita com o primeiro ambulante. Oferecemos-lhe água, dissemos que ela poderia interromper a entrevista caso sentisse alguma necessidade, que ela não deveria se preocupar com a gravação, etc., como uma forma de ela se sentir à vontade para responder às questões referentes à sua história de leitura e que procurasse entender aquele momento como uma conversa, igual como estávamos conversando antes de subirmos àquela sala.

Tais orientações tiveram como objetivo a descontração da fala dessa entrevistada, de forma que, antes da gravação, registramos os seus dados pessoais – inclusive fizemos isso com todos os entrevistados – esclarecemos a todos que os dados pessoais eram imprescindíveis para que eles tivessem acesso as suas falas, alterá-las, caso não concordassem com alguma coisa e, por fim, autorizarem a cedência da transcrição.

O esclarecimento desses pontos importantes entre nós, antes dessa segunda entrevista com essa segunda pessoa, nos permitiu entrevistá-la também no dia 13 de abril, ocasião em que chovia muito e não foi possível realizar a terceira entrevista agendada com outro ambulante. Logo, nesse dia, aproveitamos o tempo para conversar com essa segunda entrevistada, a fim de produzir mais dados sobre ela gostar de ler somente o jornal, ocasião em que ela nos contou das leituras mais marcantes que já havia feito, enquanto trabalhadora ambulante, naquele espaço comercial. Os dados dessa conversa foram agregados aos anteriores, já gravados no dia 21 de março.

No dia 14 de abril de 2009, aconteceu entrevistamos um ambulante, leitor assíduo da Bíblia. O local e o horário permaneceram os mesmos e o trabalhador entrevistado mostrou-se uma pessoa muito comunicativa, o que facilitou a produção de dados. Ao perceber essa facilidade de comunicação desse trabalhador, resumimos as questões da pesquisa para que ele não perdesse a sequência dos fatos narrados, o que lhe caberia relatar sobre sua história de leitura desde o seu contato com os primeiros suportes até o momento atual, quando se definia como leitor da Bíblia, embora não descartasse outras leituras importantes para os ambulantes como o jornal.

Esse procedimento foi viável, o que nos permitiu apenas ouvi-lo, sem precisar interrompê-lo, entretanto, de vez em quando ele indagava se estávamos compreendendo sobre o que dizia. Nesses momentos, afirmávamos positivamente com gestos. Esse entrevistado não se intimidou com o aparelho de gravação e mostrou-se à vontade em colaborar, sempre atento para que eu o interrompesse quando fosse necessário, mas isso não aconteceu, pois ele conseguiu discorrer precisamente sobre sua história de leitura, desde quando aprendeu a ler, após três anos repetindo a primeira série do Ensino Fundamental. A entrevista com esse ambulante durou 33': 30'', sem interrupção.

A quarta entrevista estava agendada para o dia no dia 14 de abril/2009, momento em que a categoria de trabalhadores ambulantes estava em processo de eleição de um novo representante e o movimento na sala da Associação era intenso, pois o atual presidente era candidato à reeleição. Isto ocasionou certo transtorno devido ao barulho e reuniões que aconteciam nessa sala onde as entrevistas estavam acontecendo. Devido a essa situação, a

entrevista agendada para esse dia foi transferida para o dia 15, às 9:h30, pela manhã e não mais à tarde, dada a prevenção da chuva e também porque o entrevistado teria prova no colégio e não trabalharia à tarde, nesse dia.

Portanto, a quarta entrevista aconteceu no dia 15, porém, não na sala da Associação, cuja movimentação de pessoas ainda era intensa, pois a eleição que ocorreria no dia seguinte. Como estratégia de não perder a disponibilidade do entrevistado, solicitamos duas cadeiras emprestadas a um senhor que comercializa aparelhos de som no mesmo andar onde funciona a Associação, sentamos em frente essa loja e realizamos a entrevista sob forte ruído emanado da reunião que acontecia na sala da Associação.

A entrevista nesse local improvisado, não permitiu que a gravação ficasse nítida, por isso, há muita interferência de outras vozes e, por várias vezes, nos dispusemos a anotar trechos da fala do entrevistado, prevendo que poderíamos não escutar bem a gravação no momento em que faríamos a transcrição. A movimentação de pessoas, nesse momento da entrevista, ocasionou certo constrangimento ao entrevistado, em vista de sua visível timidez. Isso provocou demora em suas respostas e houve ocasiões em que tivemos que ativar sua memória, ajudando-o a lembrar do que ele já havia nos contado sobre suas leituras, por ocasião do piloto que fizemos para o exame de qualificação.

Mais uma vez recorremos a Thompson (1992, p. 146- 47), quando afirma que a entrevista é a primeira etapa da produção dos dados orais e deve ser um registro fidedigno e exato, principalmente porque retrata exatamente o dito, ao contrário do registro escrito, como aconteceu com esse leitor que foi difícil realizar a gravação. E pela importância da gravação Thompson (Idem, p. 146 – 47) ressalta:

A fita é um registro muito melhor e mais completo do que jamais se encontrará nas anotações rascunhadas ou no formulário preenchido pelo mais honesto entrevistador, e menos ainda nas atas de reunião.

O auxílio que demos a esse entrevistado o ajudou a retomar as lembranças, desenvolver suas respostas sobre a temática proposta, resgatar detalhes da conversa informal por ocasião da nossa entrada em campo.

Após a entrevista com esse ambulante, acordamos em agrupar os dados dessa entrevista aos que ele havia nos fornecido na ocasião do piloto,

pois esses primeiros dados nos pareceram mais claros em relação aos gravados na entrevista formal. Essa entrevista teve duração de 19' e 3'', com freqüentes interrupções e conversas intervalares.

Nesse mesmo dia, estivemos na barraca da trabalhadora agendada para ser entrevistada no dia 17, a qual confirmou a realização da entrevista para esse dia. Portanto, por volta das 13h30 do dia 17 de abril, a referida entrevista aconteceu. Nessa tarde, essa trabalhadora não pode se afastar do seu local de trabalho porque aguardava pela sua patroa que chegaria a qualquer momento. Em função disso, realizamos a entrevista nas escadarias do prédio onde sua patroa tem uma loja nos altos, e, também, de onde saem as peças de roupas infantis comercializadas junto às barracas instaladas na Rua Conselheiro João Alfredo.

A referida entrevista aconteceu com a mesma dinâmica da terceira, na qual agrupamos as questões do roteiro. Para esta trabalhadora, pedimos que ela relatasse como havia sido seus primeiros contatos com a leitura, o que havia lido na infância, as motivações para aprender a ler, que leituras ela teve acesso na adolescência, no decorrer da sua vida acadêmica e no trabalho ou em outros espaços, de forma que ela pudesse concluir com as leituras significativas, no momento atual da sua vida.

Embora essa entrevista não tivesse acontecido numa sala reservada, como havíamos planejado, mas foi uma das mais tranqüilas, mesmo que tivéssemos sentadas nos primeiros degraus da escada que dava acesso a um conjunto de sobrelojas num dos prédios históricos do comércio. Protegemo-nos pelas roupas infantis penduradas por um cabide, as quais impediam que ficássemos expostas aos olhos dos transeuntes. Essa escada é o lugar onde essa entrevistada guarda seus pertences: uma bolsa, cadernos avulsos de um jornal, possivelmente emprestado, uma revista de crochê, uma apostila, certamente de algum curso técnico que ela freqüenta - informação que nos revelara por ocasião do piloto -, e uma Bíblia, sem capa.

A facilidade de comunicação dessa trabalhadora a fez discorrer por uma história de leitura curiosa, elaborada por um discurso crítico em relação ao seu aprendizado inicial da leitura escolar, que, mediante a falta de estratégias pedagógicas, só conseguiu aprender a ler com a ajuda da mãe e da tia, em casa. As condições atuais de leitura dessa pessoa estão relacionadas a

objetivos que lhes levarão a sair da condição de empregada informal à formalidade de poder ter um trabalho com carteira assinada. A narrativa sobre sua história de leitura foi gravada em 17': 29", sem interrupção.

Pelo tempo bem aproveitado dessa quinta entrevista, nos prestamos a mais um tempo de conversa informal com essa trabalhadora que, por não ter barraca própria se identifica como vendedora e não como ambulante. Ela vê utilidade nas leituras que faz, inclusive na Bíblia, o caminho para deixar a informalidade e conquistar um trabalho fixo, com carteira assinada e direitos garantidos ao trabalhador. Logo, ela se vê temporariamente nessa condição instável de trabalho o qual se perdura por três anos.

O sexto entrevistado havia marcado o seu depoimento para uma sexta-feira, dia 21 de abril, porém, quando fomos ao local marcado ele não havia ido trabalhar porque estava fazendo suplementação de uma disciplina escolar naquele dia e, por não se lembrar desse compromisso, agendou a entrevista. Na tentativa de remarcamos a data, estivemos novamente no local na manhã da segunda-feira, dia 24, para agendar uma nova data, ocasião em que ele se dispôs a conceder a entrevista naquele momento, mais precisamente às 10h00 daquela manhã, que por sinal estava ensolarada.

Naquele momento, nos dirigimos à sala da Associação, pois era um dia, de pouca movimentação na sala, o que facilitou o andamento do trabalho de gravação. Muito comunicativo, respondeu a todas as questões propostas num tempo correspondente a 28': 47", e, ainda, após o término da gravação, ficamos conversando sobre os seus sonhos, o seu comportamento quando criança, as razões de trabalhar como ambulante desde os doze anos e a necessidade de estudar à noite porque queria passar em concursos públicos, melhorar de vida, e, também revelara que iria ser pai.

Por ocasião dessa conversa informal, após a entrevista com esse trabalhador – estratégia para confirmar ou acrescentar mais dados aos gravados - ele ainda nos revelou que usava como amuleto de sorte os folhetos bíblicos distribuídos por um senhor de idade, todos os dias, aos trabalhadores ambulantes -, e os colocava dentro de uma sombrinha para atrair a freguesia. Após nos despedirmos, fizemos o registro dessa conversa no caderno de campo.

No dia 23 de abril/2009, gravamos a sétima entrevista com uma trabalhadora ambulante na sua própria barraca. Isso se deu devido o movimento estar 'fraco', como costumam chamar quando não a venda não está boa.

Por opção dessa senhora, concordamos em entrevistá-la no seu local de trabalho, e, enquanto nos preparávamos para iniciar a gravação, tivemos a oportunidade de conversar um pouco sobre as vendas desse dia, a situação dos ambulantes, a posição da prefeitura de Belém frente à situação de ocupação do espaço, que, segundo ela, queria tirá-los do local, e, por isso, declarou-se preocupada com a falta de definição em relação às possíveis mudanças que poderiam ocorrer, ou seja, se tratava de um momento delicado para os trabalhadores do local, o que provocou uma longa conversa antes da gravação.

A contextualização da situação profissional dos ambulantes feita por essa entrevistada lhe fazia afirmar, durante a entrevista gravada, que, ainda assim, entregava tudo nas mãos de Deus, pois justo naquele dia, ela havia lido nas mensagens do dia, que tudo o que viesse acontecer a ela era para o seu bem. Pensando positivamente, ela aguardava por uma surpresa boa e gesticulava, nos mostrando porque lia todos os dias a revista da igreja católica contendo uma mensagem de Deus para cada dia do mês.

Quando iniciamos esta sétima entrevista, uma das lojas próximas colocou um som alto para anunciar as promoções do dia e logo percebemos que atrapalharia as gravações. Por isso, foi preciso que falássemos alto para facilitar a transcrição da sua entrevista. Ela colocou o MP4 próximo a sua boca e se pôs a relatar sobre as suas leituras.

Particularmente, essa senhora, quando começou a falar, de posse do aparelho em suas mãos, se pôs a olhar para o passado e detalhar suas lembranças de leitura na infância, na adolescência, sem que precisasse desviar o olhar para quem transitava pela calçada naquele momento, ou para nós, que estávamos a sua frente.

Os depoimentos dessa trabalhadora eram tão concentrados nas questões que ela conseguiu descrever detalhes da sua infância e dos momentos de leitura na escola e na família. Na adolescência, ao recordar, ria. Dizia que sempre teve vontade de se expressar bem, impressionar os

namorados, falar bem, escrever cartas, entender de paixão, por isso, gostava de muitos romances e que ainda guardava alguns em casa.

Tratava-se de uma pessoa detalhista, misturava as coisas mais particulares de sua vida com a temática da pesquisa. Contudo, concluiu falando das suas leituras atuais, precisamente do que nos interessava como dado para este estudo. O tempo de gravação durou 39': 06'', com algumas interrupções no início da gravação, porque algumas pessoas se aproximaram da barraca da entrevistada para perguntar o valor da peças de roupas que ela vende, o que nos obrigou a dar pausa na gravação e aguardá-la para retomar a questão central da pesquisa.

Por fim, realizamos a oitava entrevista somente no mês de junho porque tivemos que substituir um dos nossos entrevistados por ele ter se ausentado do seu local de trabalho nesse período em que estávamos realizando as entrevistas. Por essa razão, nos dias em que se sucederam as sete entrevistas, não deixávamos o local. Partíamos em busca de mais um sujeito para fazer parte do grupo de entrevistados.

Após algumas tardes e manhãs do mês de maio, quando retornamos com a transcrição para os entrevistados lerem seus depoimentos, observamos a quem selecionar. Como os entrevistados estavam representados por quatro homens e três mulheres, achamos interessante encontrar uma pessoa, considerando os critérios de seleção, do sexo feminino para igualar esse quantitativo.

Ao percorrer as transversais da Rua Conselheiro João Alfredo, principal rua do comércio, constatamos a possibilidade de selecionar uma das pessoas que nelas possuem barracas e que também se prestam a ler. Então, no início de junho, observamos a intensa presença de pessoas em situações de leitura nessas transversais e, portanto, como havíamos feito com as demais pessoas na fase de observação, fizemos alguns registros fotográficos para selecionar a oitava pessoa a compor o grupo de sujeitos da pesquisa.

Tratava-se de uma senhora que vende artigos bíblicos. Ao nos aproximarmos para que ela se reconhecesse na foto, estrategicamente registrada por trás, de dentro de uma loja, próxima a sua barraca, ela riu e se prestou a conversar, nos induzindo a entrevistar a filha dela, que de fato era leitora assídua de livros variados e que também era a verdadeira dona da

barraca, explicando-lhes que ela se encontrava ali porque sua filha precisou, naquele dia, resolver um problema, o que justificava a sua ausência. Entretanto, liberou a fotografia para que usasse no trabalho. Agradecemos e prometemos voltar para constatar sobre a sua indicação.

Voltamos ao local, na manhã do dia seguinte. Prestamos-nos a observar, de longe, que a filha da referida senhora era uma jovem senhora, que nesse instante em que chegávamos ao local, ela montava a barraca. Não nos aproximamos nesse dia, apenas observamos.

Ao arrumar os materiais religiosos sobre a bancada da barraca, pendurar muitas gravatas à venda, conversar um pouco com um senhor de outra barraca, o qual lhe mostrou uma revista, em seguida ela retomou o seu lugar na barraca, sentou-se em uma cadeira, abriu a bolsa de onde retirou um livro e parece ter retomado uma leitura já iniciada, pois o abriu numa página marcada e prestou-se a ler. Por mais algum tempo de observação, os freguês chegavam, ela os atendia e retomava a leitura.

Retornamos no dia seguinte e iniciamos para uma conversa informal, momento em que nos sentimos acolhida por essa trabalhadora. Muito simpática, nos contava que ainda não havia conversado com a mãe sobre o que ocorrera no dia anterior e que não via problemas em participar da pesquisa, sobretudo pela temática abordada. Indagamos ainda, sobre o que ela lia no dia anterior. “É um livro do Max Lacado que eu comprei porque gosto muito dos livros desse autor”. E continuou dizendo que são leituras importantes para quem precisa compreender e tratar bem as pessoas, principalmente para quem trabalha interagindo com as pessoas como os ambulantes.

Após essa breve conversa, combinamos um retorno para alguns dos dias que se seguiam. Após três dias, retornamos ao espaço, à tarde, para entregar mais uma transcrição a um dos entrevistados. Nesse tarde, fomos à barraca dessa jovem e, coincidentemente, ela se encontrava lendo outro livro. Ao perceber nossa presença no local, logo revelou que gostava de ler livros auto-reflexivos e que era consumidora ativa desse gênero. Nessa tarde marcamos a entrevista para o dia seguinte, logo cedo, antes que os fregueses chegassem, pois já sabiam que ela iniciava as vendas às 9 horas.

Após esse contato, realizamos no dia 30 de junho a oitava entrevista, concedida por essa trabalhadora, leitora de muitos livros, inclusive nesse dia

em que foi entrevistada, fez questão de nos mostrar alguns que ela trouxe consigo para nos explicar sobre o que tratavam.

Sem apresentar qualquer dificuldade, ela narrou toda a sua história de leitura, descrevendo passagens que lhe marcaram a infância, exaltando o inventivo da mãe e a dedicação pelos estudos, cujos livros didáticos foram referências para o seu aprendizado, desde à infância até a fase adulta quando interrompeu os estudos para se casar, formar uma família e iniciar uma outra história de leitura em que os didáticos não aparecem como objetos importantes a ler.

Embora não tenhamos previsto qualquer obstáculo para essa gravação, por várias vezes tivemos que dar pausa no aparelho, devido a aproximação constante de pessoas na banca dessa trabalhadora. Porém, toda vez que reiniciávamos as gravações, ela retomava o ponto inicial da entrevista, resumindo o que já havia falado para em seguida dar continuidade a sua história de leitura, cujos livros que já havia lido nos últimos anos, ela fez questão de descrever o conteúdo. Após a finalização da entrevista, permanecemos no local conversando sobre a pesquisa – estratégia para garantir a fidelidade da fala e agregar dados novos à gravação. Toda a gravação, considerando os trechos interrompidos, durou cerca de 30 minutos.

Por fim, esclarecemos que todas as entrevistas gravadas especialmente para este estudo foram transcritas, organizadas com as normas de convenção gramatical, devolvidas aos entrevistados, lidas e disponibilizadas como dados, conforme consta no termo de consentimento por eles assinado.

A transcrição das entrevistas e o retorno delas para o entrevistado foi uma segunda etapa importante de trabalho de campo, como considerada pela História Oral:

[...] a transcrição destina-se à mudança do estágio da gravação oral para o escrito [...] O que deve vir a público é um texto trabalhado, onde a interferência do autor seja clara, dirigida à melhoria do texto. Por lógico, não são as palavras que interessam e sim o que elas contêm. Vícios de linguagem, erros de gramática, palavras repetidas devem ser corrigidas, sempre indicando ao leitor, que precisa estar preparado (THOMPSON, 1992, p. 57 – 8).

Thompson (Idem), ainda considera a textualização como a última etapa na materialização do discurso. Para esse autor, é o momento em que o narrador passa a dominar como personagem único em primeira pessoa, ao

passar por um processo de transcrição. Trata-se de um texto “recriado em sua plenitude” o qual foi conferido pelos leitores entrevistados e autorizado à publicação nesse estudo.

Quanto à apresentação e interpretação dos relatos orais devam ser condizentes com o contexto no quais os dados foram produzidos, pois, “[...] trata-se de um material que não apenas se descobriu, mas que, em certo sentido, ajudou-se a criar” (THOMPSON, 1992, p. 305).

As entrevistas realizadas para este estudo seguiram os pressupostos orientados pelos autores que vêem as histórias renascerem por meio da História Oral. Quanto à interpretação e análise central dos dados, as fizemos com base na Análise do Discurso da Escola Francesa, sobre a qual nos discorreremos no item 2.3, desta seção.

2.3 A ANÁLISE DO DISCURSO

O percurso de análise constituída em nossa pesquisa parte de obras de referência em Análise do Discurso, no que se refere à principal expoente no Brasil: Eni Orlandi, a qual segue os pressupostos teóricos da Escola Francesa de Michel Pêcheux e este é, em toda a sua obra, referência constante.

Para Pêcheux (1983) a Análise do Discurso se teoriza como linguagem e está materializada na ideologia e como esta, se manifesta na linguagem. Este autor concebe o discurso enquanto efeito de sentidos, como um lugar particular em que esta relação ocorre. Objetiva ainda, por meio do funcionamento discursivo, explicar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação. Estes dois autores se constituíram como referenciais para a análise dos dados produzidos neste estudo.

A princípio nos favorecemos de uma das obras de Orlandi, mais precisamente *Análise de discurso: princípios e procedimentos* (2003), na qual ela aborda questões sobre a linguagem e apresenta reflexões sobre a Análise de Discurso, o que nos influenciou a definir este tipo de Análise nos discursos sobre leitura dos ambulantes, sujeitos desta pesquisa.

A partir desse estudo e, de acordo com as impressões desta autora, sempre houve diferentes formas de abordar a linguagem. Por exemplo, a que concebe a língua como um signo, ou de quem a entende como um sistema de

regras formais. Entretanto, na perspectiva da Análise do Discurso, a linguagem é entendida como mediação necessária entre o homem e a realidade social. Logo, esta mediação é feita pelo discurso, ou seja, pelas práticas discursivas nas quais o homem se insere, o que os leva a significar e significar-se.

Neste ponto de vista, a representação da realidade das pessoas e do seu cotidiano é permeada por símbolos. A partir disso, o processo de interpretação se desdobra, o que para a Análise do Discurso se presencia uma relação mais forte com a linguagem, uma vez que o discurso é a prática da linguagem e concebe-a como a intermediação entre o homem e a realidade social.

Desse modo, a Análise do Discurso constitui o discurso como o seu objeto de estudo e deixa de trabalhar com a língua como sistema abstrato e sim com a língua com o mundo, em que homens se expressam oralmente e por escrito, falando, produzindo sentidos, enquanto sujeitos e enquanto membros da sociedade. Como consequência desse pressuposto, essa teoria considera o lingüístico como prática da prática do discurso e vê a história e a sociedade como indissociáveis.

Pêcheux (1983), ao construir ao construir o discurso como objeto de estudo, tomou como base a teoria de valor em Saussure, que coloca a língua como um sistema formal para pensar o discurso no confronto teórico da articulação entre sujeito da linguagem e sujeito da ideologia. Nessa perspectiva, o discurso se constitui na relação com a história e com o efeito de sentido.

Diante dessas considerações (Pêcheux & Orlandi) compreendemos que a linguagem é sempre uma incompletude, em que, tantos os sujeitos quanto os discursos, assim como os sentidos estão sempre inacabados. Eles estão sempre se refazendo num movimento num movimento constante do simbólico e da história. Esta incompletude é resultado de força de poder nas quais os sujeitos estão inseridos.

Portanto, torna-se compreensivo que a construção de sentido se dá a partir do lugar na qual a fala do sujeito é construída. Isto posto, as relações de forças são sustentadas pelo poder dos diferentes lugares que se fazem valer na comunicação de uma sociedade de relações hierarquizadas como a nossa.

No intuito de desenvolver uma análise considerando o processo de produção de sentidos nas leituras feitas pelos ambulantes, ganhamos com as leituras que fizemos das obras de Orlandi (1999; 2003) a idéia de que a leitura é produzida de que essa produção se estabelece no processo de interlocução entre autor-texto-leitor, de forma que podemos ressaltar que quanto mais o leitor compreende como se processa essa produção, mais fluído e crítico se estabelecerá esse diálogo, por assim dizer:

[...] a leitura é o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação. Em outras palavras: é na sua interação que os interlocutores instauram o espaço da discursividade. Autor e leitor confrontados definem-se em condições de produção e os fatores que constituem essas condições é que vão configurar o processo de leitura (ORLANDI, 1999, p. 48).

Com base na obra inicialmente citada e em outras obras dessa autora, como *Discurso e Leitura* (2006), esta por consolidar que a noção de texto, enquanto unidade de análise, requer que se ultrapasse a noção da informação proposta linearmente nas linhas do escrito, coloca também a necessidade de se ir além desse nível segmental. E isto caracteriza a multiplicidade de outros possíveis discursos. Neste sentido, a análise leva em conta a leitura, as suas condições de produção e o contexto sócio-histórico em que o sujeito está envolvido.

Ao relacionar tal teoria com a produção de dados orais neste trabalho, feita com a ajuda de um roteiro de questões que serviram para orientar os sujeitos entrevistados a desenvolverem suas respostas, priorizamos a história de leitura de cada sujeito, assim como Orlandi (Idem, p. 86) confere a afirmação “toda leitura tem sua história”, em um dos capítulos da mesma obra.

A partir desse reconhecimento, procuramos selecionar os dados, de acordo com os objetos expressos nos discursos dos sujeitos entrevistados, propostos na Seção III deste trabalho sob o título “Dos dizeres sobre objetos de leitura”, a qual se distribuiu em três itens, cujas categorias se concentraram no item “Status dos objetos entre os ambulantes”, sendo que: Dos textos religiosos, Dos jornais e revistas, Da leitura de livros, Dos CDs e DVDs e Panfletos e letreiros, corresponderam às categorias de análise.

Contudo, esses dizeres dos sujeitos responderam à questão central da pesquisa, ou seja, como os ambulantes atribuem sentidos ao que lêem em que

condições. Entretanto, a pesquisa também teve a preocupação de ampliar esses dados por considerar o espaço investigado como educativo, por isso, produzimos também os dados visuais, inicialmente com o intuito de mostrá-lo como um cenário de leituras, sem perder de vista a análise discursiva, mas no constante às cenas e eventos durante o trabalho de campo, tornamos as imagens interpretáveis.

Desse modo, retomamos a obra de Orlandi (2007) *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, para melhor nos fundamentar quanto a essa possibilidade. Nessa obra, a autora aborda que o silêncio, assim como as palavras também está determinado pelas suas condições de produção. Acrescenta a isso que há muitas formas de silêncio, entre elas: “o silêncio imposto” e o “silêncio proposto”.

O silêncio imposto significa exclusão, e é a forma de dominação, enquanto que o silêncio proposto está relacionado ao oprimido e representa uma forma de resistência. Neste tipo de silêncio vi a possibilidade de analisar as fotografias como dados da pesquisa, posto que, os ambulantes estão num espaço e fazem da prática da leitura duas formas de resistências: primeiro, pelo fato de eles estarem num ambiente de contradição escolar, o que faz com que esses sujeitos sejam silenciados pela cultura que vê nas leituras um sentido homogêneo. Ao mesmo tempo, a leitura que fazem do jornal e da Bíblia é uma forma de resistirem aos olhos de quem os desprezam como profissionais.

Para Orlandi (Idem) os dois casos de silêncio produzem uma ruptura desejada por ambos os lados, o do opressor e o do oprimido, embora o silêncio também possa produzir uma ruptura não desejada, quando ocorre, o que a autora chama de ‘ruído na comunicação’, que ocasiona uma falha na emissão do que se tem a intenção de comunicar, e isto possa se dá com instantâneo de uma fotografia.

Esta obra também ressalta a censura como uma forma de silêncio por ela ter se instaurado, ao lado das histórias políticas de dominação, ditaduras e golpes militares, ou seja, a censura no comércio de Belém é uma realidade quando se trata de ambulantes, os quais são indesejados pelo estado e pelos lojistas que os querem longe desse espaço.

Essas condições de produção de discurso, além de outras em forma de silêncio, também fazem parte do campo de investigação da Análise do Discurso. E no caso das imagens que produzimos para este trabalho, pode significar uma forma de silêncio sem precisar dizer uma palavra e a leitura é uma forma de o trabalhador ir impondo e significando o seu silêncio.

Nestes moldes o imaginário do silêncio vai se construindo num espaço que está sob julgo de um ditador e é nesse imaginário que a Análise do discurso se concentra para significar o silêncio e detectar os efeitos de sentido nesse silêncio.

Feitas essas considerações, arriscamos em afirmar que nas imagens que produzimos para este trabalho, das quais já tratamos no item anterior a esse, há presença de linguagem, de significado e de sentido, embora elas estejam em silêncio, não falem. Tais imagens silenciosas de palavras, também não é um complemento de linguagem, pois têm significância própria atravessadas pelo silêncio (ORLANDI, 2007).

E como uma forma de reforçar:

Da perspectiva da Análise do discurso, materialidades não verbais como a imagem, por exemplo, não é conforme o autor, legível na sua transparência, porque um discurso a atravessa, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória 'perdeu' o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições) (PÊCHEUX, 1983, p. 55).

A partir desta sintética impressão que extraímos das obras de Pêcheux (Idem) e Orlandi (Idem), entendemos que o aparato teórico da Análise do Discurso, nesta perspectiva discursiva, nos proporcionou reflexões produtivas como pesquisadora e professora que lidamos com vários níveis de ensino escolar e, por tal, nos remete a compreender o próprio discurso pedagógico.

Arriscando uma delimitação do que pode ser entendido como este trabalho priorizou analisar os discursos dos sujeitos a partir da perspectiva dessa teoria, podemos apontar como palavras chave para a identificação dessa prática científica, nascida no século XX: sujeito - linguagem – história – sentido.

Acerca desse propósito, Orlandi (Idem) explica que fica claro entender que a história afeta a linguagem de sentidos, logo, a leitura do jornal é afetada pela história condensada no memorial verbal e visual exposto na sala da Associação dos Trabalhadores Ambulantes do Centro Histórico de Belém.

Então, é desse encontro que resulta o texto que os ambulantes elegem para ler, pois lhes faz sentido.

E tudo isso é o que nos dá a certeza da amplitude de possibilidade de pesquisa a respeito dessa fundamental ciência, que veio ajudar na compreensão e resolução das questões referentes aos sujeitos de uma sociedade e os efeitos de sentido produzidos por seus diferentes discursos, verbais ou não-verbais. E nesta perspectiva, nos confrontamos com a tradicional forma de conceber a leitura como um processo de transmissão de sentidos, historicamente presente no contexto escolar brasileiro.

Algumas questões que surgiram no percurso metodológico da pesquisa, nos indicaram desdobramentos nas teorias propostas também, pelos historiadores da Nova História Cultural como Roger Chartier, Michel de Certeau, entre outros, os quais coadunam com a mesma concepção de leitura proposta pelos autores da Teoria da Análise do Discurso da Escola Francesa.

Ressaltamos ainda que, segundo os princípios fundantes da referida teoria, não se deve conceber e abordar a leitura definida pelas relações entre leitor, texto e autor como uma tarefa que consiste em fazer o leitor descobrir as intenções de um texto. Ao contrário disso, a leitura, do ponto de vista do funcionamento do discurso, deve ser vista como prática, logo assentada na interação.

Assim sendo, com base na circulação de impressos no Centro comercial e destes os eleitos pelos ambulantes como seus objetos de leitura, criamos as categorias de análise já revelada neste item, considerando os tipos de textos presentes nas práticas de leitura desses trabalhadores, condensadas em cenas e eventos os quais registramos por meio do recurso visual, as quais estão agrupadas na maioria das páginas deste trabalho.

Para Orlandi (2003), as categorias (tipos) constituem-se numa necessidade metodológica para a Análise do Discurso (textual), pois o estabelecimento de tipologia (categorias) “tem a ver com os objetivos específicos da análise que se estiver empreendendo e com a adequação ao exemplar de linguagem que é o objeto da análise” (p.152). Numa análise textual, deve-se manter uma grande flexibilidade em sua aplicação e interpretação. Assim sendo, as categorias que serão aplicadas à análise dos textos, aqui, levaram em conta as condições de produção deles.

Ademais, no espaço aqui investigado, a leitura de textos (Bíblia, jornal, revistas, folhetos bíblicos, livros auto-reflexivos, etc.), praticadas pelos ambulantes, é uma manifestação de discurso vista como acontecimento de caráter social e histórico. E nesse espaço onde existe uma significativa circulação de impressos, por tal, as possibilidades de circulação de discurso se tornam evidentes.

Portanto, ler no comércio é um discurso em movimento, é prática de linguagem que se estabelece como uma relação de força diante das questões políticas que estão postas para a categoria de trabalhadores ambulantes. Daí a predominância pelo texto jornalístico “para ficar por dentro das notícias”, bem como do texto bíblico “para pedir proteção a Deus para que não aconteça nada de ruim com a gente”.

Nesta perspectiva, essa opção de análise requer o reconhecimento de leitores cujos sentidos dos objetos que lêem são historicamente determinados. Ademais, lembramos que essa teoria tem muito a contribuir para o aprofundamento das concepções de leitura que defende o sujeito-leitor inscrito na história e afetado pelo inconsciente e pela ideologia.

Por fim, após uma incursão pelas obras que discorrem sobre a Análise do discurso, mais precisamente as que se referem à de origem Francesa, argumentamos que a Análise do Discurso, enquanto disciplina de interpretação, está construindo procedimentos para expor o olhar – leitor à opacidade tanto da língua quanto de outros domínios semióticos, colocando em jogo o outro enquanto espaço real de leitura, o que significa que os diversos domínios semióticos, assim como a língua, não são transparentes, pois funcionam como lugar material onde os efeitos se realizam.

Ao lançarmos o olhar a esse aporte teórico, estamos lançando também um olhar sobre a história da leitura, de objetos e de leitores. Trata-se de um ponto de vista que, no que foi possível investigar, a história poderia ser outra se desde o início da escolarização no Brasil, caso não houvesse a discriminação para com esses dois elementos, aqui neste trabalho posto em evidência: leitor e objeto de leitura.

As nossas concepções de leitura ainda estão presas à força de poder que coloca o leitor-aluno na posição de assujeitamento diante de um texto proposto por nós educadores. E como consequência, reforçamos que o nosso

aluno não gosta de ler ou que não sabe interpretar o que o autor do texto quis dizer.

Neste trabalho que se preocupou em analisar o sentido da leitura para os trabalhadores ambulantes, se aponta como uma declaração de enfrentamento aos que se validam dos bens culturais escolares para selecionar o leitor.

Os discursos dos sujeitos desta pesquisa, analisados à luz da teoria da Análise do Discurso, bem como as imagens interpretadas da mesma forma, estão impressas na seção que segue, destinada exclusivamente a esta análise.

SECÃO III – Dos dizeres sobre objetos de leitura

3.1 ARQUITETURA DO DIZER: OBJETOS E DISCURSOS DOS AMBULANTES

Esta seção se destina à análise dos dados produzidos no contexto onde se deu a pesquisa. Inicialmente discorreremos dos objetos que foram identificados no espaço; em seguida, mostramos uma análise microanalítica da história de leitura dos ambulantes entrevistados; e, por fim, analisamos os objetos de leitura eleitos pelos ambulantes, os quais foram categorizados tematicamente com base no aporte teórico-metodológico selecionado.

As práticas de leitura que compõem o dia-a-dia dos ambulantes revelam um mosaico de objetos, como, jornal, bíblia, revista, livros auto-reflexivos, folhetos bíblicos, CDs, DVDs, panfletos diversos com propagandas, serviços espirituais, vendas de jóias, endereços de lojas, etc. Desses, alguns, no decorrer desta escritura, foram analisados no sentido de demonstrar a sua funcionalidade no contexto em que eles foram produzidos e porque circulam socialmente.

Alguns suportes, porém, embora invisíveis aos olhos de quem delimita a leitura apenas ao objeto livro, também fazem parte do cenário, são os ditos “de margens ou paralelos”, como muitos os chamam, pensados pedagogicamente como não pragmáticos, talvez pelo formato, como os panfletos, os CDs e DVDs. Por exemplo, os panfletos com propagandas diversas, que são entregues por pessoas nas ruas do comércio, no sentido de informar os clientes do que possa estar em promoção nas lojas, bem como o endereço das salas que se localizam nos altos dos prédios comerciais, onde se comercializam jóias (figuras 54 e 55).



Figura 54. Propaganda de compra e venda de jóias.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Janeiro/2009.



Figura 55. Endereço de lojas de crianças.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Janeiro/2009.

Os CDs e DVDs, suportes que contêm textos informativos sobre as músicas e os filmes, que geralmente os consumidores realizam a leitura das sinopses, no momento da compra, lêem as imagens, confirmam detalhes, etc. (figura 56), são gêneros textuais, aparentemente de conteúdo descartável, porém, fenômenos caracterizados como históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, pois contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia das pessoas. Segundo os estudos acerca deles (MARCUSCH, 2000), entre outros, tratam-se de entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.



Figura 56. DVDs de programas infantis.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Setembro/2009.

Segundo esse autor, tais fenômenos se caracterizam como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. E o que presenciamos, atualmente, é uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita, sobretudo na fase denominada eletrônica.

Na verdade, a presença desses gêneros no Centro comercial, nada mais é do que o acompanhamento dessa transformação tecnológica, como uma forma de responder às exigências do mundo que se configura complexo. Para Marcusch (Idem) eles se caracterizam muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais. Devido às formatações não definidas, esses gêneros devem ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos, por isso, são caracterizados como práticas sócio-discursivas.

Diante de toda essa funcionalidade que esses gêneros possuem, e a necessidade de sua inclusão nos meios de aprendizagem, passaram a ser

reconhecidos, principalmente por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9 394/96, Art. 32. I - que visa garantir ao cidadão o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo, a partir do acesso aos gêneros que envolvem várias linguagens. Essa lei, neste aspecto, reconhece a existência da diversidade de suportes que circulam socialmente e que têm suas funções definidas, logo, são legítimos tanto quanto os livros didáticos, sobretudo.

No entanto, apesar desse formal conhecimento, ainda se põe em dúvida da sua compreensão, pois como a escola é oficialmente encarregada de formar leitores, seria a primeira a aderir a essa inclusão, mas há uma percepção de que a noção de gênero por ela esteja ligada aos gêneros literários, únicos admitidos até então nas salas de aula, e aos gêneros de circulação exclusivamente escolar. Em função disso, se ampliam as discussões teóricas no sentido de melhor defini-los perante a sociedade, em especial, a nossa, para justificar da sua importância e passarem a ser incluídos em diretrizes curriculares e programas de ensino.

Nesse entendimento, e reforçando o que já fora comentado, os gêneros podem ser definidos como eventos textuais que contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do cotidiano. São fenômenos históricos, maleáveis e dinâmicos, já que surgem para suprir necessidades e atividades sociais e culturais. Portanto, configuram-se também como uma forma de ação social (MARCUSCH, 2000).

Ao considerá-los como entidades sócio-discursivas, tais objetos de leitura, cujo surgimento é influenciado enormemente pelo uso intenso de novas tecnologias, os panfletos contendo textos informativos sobre serviços, endereços de lojas, compra e venda de produtos, como os já apresentados, e os que anunciam serviços de tratamentos espirituais, são exemplos dessa funcionalidade que eles possuem e, por isso, circulam no espaço onde se deu esta pesquisa.

O objeto exposto na figura 57, de formato pequeno, por exemplo, contém o conteúdo necessário para a sua funcionalidade, isto é, um texto direcionado às pessoas que se encontram com problemas de várias ordens sociais não resolvidos e, numa linguagem apelativa, o referido suporte traz uma chamada em letras grandes que vão de encontro aos problemas que as pessoas buscam se desprender. E, mesmo que o texto em letras menores traga os detalhes sobre possíveis problemas, o que as faz se sentirem atraídas pelo objeto é o título “Caminho da Paz” e a profissional “Esotérica” que vai resolver possíveis problemas.

Podemos ainda notar, que textos como o da figura 57, são elaborados dentro de uma condição real da situação das pessoas afetadas por problemas que demandam o mundo, atualmente, como os sociais e os econômicos que as levam ao desequilíbrio emocional. Com esse

objetivo, esse texto foi escrito por alguém experiente que sabe como usar o discurso para atrair as pessoas certas e o que essas querem encontrar, ou seja, quem não está em paz busca o “Caminho da Paz”, e por isso, a linguagem apelativa na chamada do texto e, por fim quem assina : “Esotérica”, sem o uso de pronomes, de forma que o único interessado à mensagem do texto é “você”, ou melhor, a pessoa que precisa desse profissional para resolver seus problemas.

Do mesmo modo, se elaborou o texto da figura 58, cuja mensagem está direcionada às pessoas com os mesmos problemas. Mas o suporte parece privilegiar o interesse do próprio locutor à concorrência desse tipo de serviço. O discurso da pessoa responsável pela enunciação é alertar o receptor sobre profissionais que não ela, que se define como “Mãe Triana”. A sentença “pare

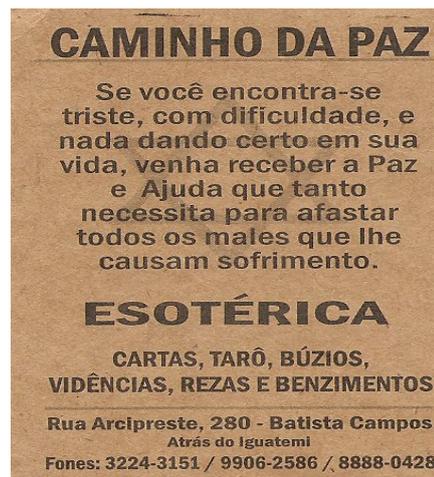


Figura 57. Propaganda de serviços esotéricos.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Janeiro/2009.



Figura 58. Propaganda de prestação de serviços espirituais.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Janeiro/2009.

de ser enganado e iludido com outras por aí que prometem tudo e não fazem nada [...] e venha diretamente com quem entende do assunto”, demonstra que a idéia central está em alertar o cliente sobre outros profissionais que prometem fazer o que ela faz, mas não fazem. No texto (figura 51) o sujeito se marca no discurso por um mecanismo enunciativo, enquanto no texto da figura 52, o sujeito é desvelado pelo apagamento da autoria, mas marcado pelo discurso.

No contexto deste estudo, ambulantes e transeuntes interagem com



Figura 59. Leitura do jornal em horário de movimentação.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Março/2009.

esses objetos a todo o momento nos eventos de leitura que se dão nesse espaço. Por isso, esses suportes comunicativos, influenciados pela tecnologia, precisam ser lidos e interpretados para que o leitor possa se apropriar do conteúdo e dele fazer uso quando lhe aprouver.

Devido esses objetos circularem no contexto estudado, ou seja, um espaço comercial, os quais facilitam a interatividade entre vendedores e

clientes, interpretamos também, do ponto de vista social, que seus usos é uma estratégia de sobrevivência, ocasionada pelo aumento de desemprego no país e que se intensificou, sobretudo com os adventos tecnológicos exigentes à qualificação de profissionais, eximindo da formalidade, pessoas não escolarizadas, o que demanda a concorrência, por meio deles, na disputa por clientes.

Junto a esses suportes, o jornal e a Bíblia estão nas práticas de leitura dos ambulantes, sendo que com maior visibilidade nos eventos e nas cenas registradas. É comum práticas de leitura que os envolvem (figura 59) e, em diferentes momentos, assim:

A primeira parte que eu leio é a policial. É a parte que eu mais gosto, só depois é que eu leio as outras partes. Por último, eu leio a parte do emprego (*classificados*). Quando chego aqui (*comércio*), arrumo tudo, depois eu sento e fico lendo. Quando chega freguês, atendo, e volto a ler de novo (Nazaré).

Certamente, pelo próprio formato do jornal, a leitura desse suporte pode durar um dia de trabalho, como podemos considerar nos dizeres de Nazaré, que inicia o dia lendo a parte policial e conclui com a leitura dos classificados.

Na mesma intenção, se levarmos em conta que os salmos contidos na Bíblia estão direcionados a momentos de reflexões específicos, isso possa corresponder ao fato dos ambulantes a leiam em diferentes momentos:

A palavra do dia, por exemplo, hoje é sexta-feira, às vezes eu estou triste e uma palavra de ânimo, exaltação, aí eu começo a me alegrar. Aí, eu venho pra cá (rua) sento na cadeira e leio a Bíblia (Andréa).

Para a teoria da análise do discurso da Escola Francesa, segundo Orlandi (2007), o que funciona na religião é “a onipotência do silêncio divino”, o que, na ordem do discurso religioso “Deus é o lugar da onipotência do silêncio” (p. 28), o que possa explicar a presença desse objeto no Centro comercial de Belém e como os ambulantes dele se apropriam para cuidar da sua espiritualidade (figura 60).

Em relação a demais livros, em geral, os identificados não estão relacionados a vínculos escolares. E, se considerarmos a pesquisa do instituto Pró-livro, os que são lidos pelos ambulantes estão na



Figura 60. A leitura da Bíblia no tempo do leitor.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Setembro/2008.

lista dos “não leitores”, certamente por ainda não serem reconhecidos como suportes de leitura significativos, autorizados, como os clássicos literários, por exemplo.

Essa é a grande questão a qual nos referirmos sobre a não distinção de leitura e livro, o que coincidentemente se confundem e isso acaba por deixar de lado suportes outros que não os recomendados pela escola ou porque não fazem parte da história da leitura no Brasil, mesmo que no início da escolarização brasileira (século XIX), não existissem livros nas escolas e, por

essa falta, os alunos liam outros suportes como, por exemplo, certidões de nascimentos e outros documentos do cartório oficial da época, segundo as fontes investigada por Galvão (2005).

Desta feita, a questão do preconceito vai além da formatação do objeto, pois, livros auto-reflexivos têm o mesmo formato de um livro escolar, assim como a Bíblia. Entretanto, são discriminados socialmente mesmo que signifiquem para seus leitores. Isto está evidente quando recorreremos à análise feita pelo instituto Pró-livro em relação à



Figura 61. A formalidade do livro no mercado informal.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Setembro/2009.

pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que conceitua leitor aquele que lê pelo menos 1 livro a cada três meses, excluindo os leitores da Bíblia ou de conteúdos similares. Então, os que lêem diariamente estes livros são menos leitores dos que lêem um clássico de um escritor brasileiro, por exemplo, a cada três meses?

O que vemos, em relação a isso, é um descompasso na história da leitura, que, em pleno século XXI, a questão do preconceito não se restringe a pobres ou ricos, negros ou brancos, mas também preconceitos na leitura, que, diante de uma lei elaborada, que reconhece a funcionalidade social dos diferentes suportes de leitura e ainda assim, são discriminados como bens culturais e, por isso, se faz um retrato virtual do leitor brasileiro, a exemplo o instituto Pró-livro.

Identificamos também, que no Centro comercial de Belém, circulam livros auto-reflexivos (figura 61), os quais aparecem mais discretos, em relação à Bíblia, ao jornal e aos panfletos, porém, suas presenças nas barracas, são marcas de que há ambulantes que os lêem.

No decorrer da identificação de objetos de leitura no espaço investigado, cenas curiosas nos chamaram a atenção envolvendo ambulantes. Nos referimos a um suporte com textos evangélicos que eles chamam de folhetos bíblicos. Diferentes dos demais já identificados, estes folhetos não são



Figura 62. Leitura de folhetos bíblicos.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2008.

descartados pelos ambulantes como os de propagandas, que se avolumam nas mãos de quem os distribui e/ou espalhados nas ruas e calçadas do comércio, enquanto que os bíblicos, sempre estão nas mãos dos ambulantes ou guardados.

Segundo nos informou um dos ambulantes entrevistados, eles recebem os folhetos bíblicos de um senhor conhecido como “irmão”. Dos momentos observados, os

rituais de leitura desses folhetos acontecem pelas manhãs. De posse desses suportes, os lêem (figura 62), depois os guardam no bolso da calça e/ou dentro da carteira, repassam para outras pessoas ou os têm como amuletos. Assim eles os representam:

[...] são folhetos bíblicos que são distribuídos aqui, todos os dias pelo ‘irmão’. Leio para conhecer a palavra de Deus. É fundamental para a nossa vida (Cristiano). [...] Depois que eu leio, coloco dentro da sombrinha para dar sorte (Soares).

A hipótese de que são tratados diferentes pelos ambulantes pode ser explicada pelas próprias palavras desse trabalhador, quando os acha fundamental para a vida do ser humano. O texto contido nesse suporte, se traduz numa mensagem da Bíblia e junto a ele, há uma imagem que induz a paz, a harmonia, a tranquilidade, sentimentos almejados pelas pessoas que crêem nas palavras de Deus.

Os gestos que os ambulantes atribuem aos folhetos com mensagens de Deus, situam-se e integram-se funcionalmente e se desenvolvem na cultura dos ambulantes, mesmo não tão visíveis como os demais, porém, demarcam uma representação tanto individual quanto coletiva aos trabalhadores, quando dizem ser importante esse tipo de leitura para quem quer *conhecer a palavra de Deus*.

Essa *importância*, no discurso de Cristiano, pode estar fundamentado no fato dos ambulantes estarem sempre em conflito com o poder público e com os lojistas, que os vêem ilegais no espaço. Tais situações os levam ao desenvolvimento da fé por meio de leituras oriundas de passagens da Bíblia, como as contidas nos folhetos. Além de que, o poder da palavra de Deus e o sentimento da fé em tais palavras, levam os ambulantes a colocar os problemas “mãos de Deus”, como uma forma de resolvê-los, sobretudo as questões que lhes afligem o dia-a-dia no trabalho.

No processo de exploração desse campo, observamos que os ambulantes lêem esses folhetos assiduamente, e isso representa o valor social dessa leitura para eles, o que deve ser considerado como leitura legítima dado o significado que têm a esses trabalhadores.

Paralelo aos panfletos religiosos há também a presença de revistas como: Isto é, Veja, Época e Deus é conosco, de cunho religioso assim como os folhetos, mais especificamente associada à filosofia da religião católica. Outros objetos se expressam em papéis com letras grandes contendo preços de mercadorias à venda, como por exemplo, nas barracas que vendem lanche (figura 63) e/ou nos tabuleiros das lojas contendo o valor das mercadorias em promoção.



Figura 63. Lista de produtos e preços de alimentos.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima

Feitas essas identificações, pudemos constatar que o Centro comercial de Belém é um espaço de relações intensas em que os vestígios da leitura se fazem presentes por meio de objetos diversos e com funcionalidades diversas.

Desse levantamento, analisamos que dos objetos de leituras por nós identificados e reconhecidos, todos estão fora dos parâmetros conceituais que caracteriza a leitura no Brasil. São textos que têm uma função específica para o público trabalhador desse contexto comercial. São suportes de alto poder interpretativo das ações humanas, sobretudo quando os percebemos nos

eventos de leitura praticados na interação de comunicação entre os trabalhadores e clientes.

No entanto, mesmo apresentados com as suas funções comunicativas, são silenciados, pois a concepção de leitura restrita que caracteriza a história de leitura no Brasil impede que eles possam ser analisados institucionalmente, mesmo que, com as suas formas verbais relativamente estáveis e estejam situados em comunidades de práticas sociais como as que acontecem no espaço deste estudo.

Desta feita, embora a circulação de objetos como os identificados seja intensa no espaço, isso signifique que estivessem presentes nos repertórios de leitura dos entrevistados. Essa suspeita se deu pelos gestos com que eles tratam os panfletos bíblicos, os quais não são descartáveis como os de semelhantes formatações (figuras 64 e 65) que sempre estão descartados nas ruas e calçadas do Centro comercial.



Figura 64. Panfleto com propaganda de roupas.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. junho/2009.



Figura 65. Propaganda de serviços especializados.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Setembro/2009.

Contudo, ao analisarmos com mais cuidado, chegamos a uma conclusão inicial que, talvez, a questão possa estar na origem dos suportes. Os folhetos bíblicos, como já comentamos, trazem mensagens reflexivas aos trabalhadores, ou seja, de certa forma, essas mensagens os conforta, principalmente os que têm fé em Deus e, devido às questões irregulares que se encontram, provavelmente precisam ter fé, pois como já relatamos no decorrer deste estudo, muitas pessoas os querem fora do espaço, logo, os folhetos bíblicos lhes ajudam a refletir e enfrentar situações dessa natureza.

Por outro lado, as propagandas são frutos da formalidade, isto é, são produzidas para enfrentá-los, para intimidá-los, representam poder e, por isso,

eles se sentem em desvantagem em relação aos lojistas que têm condições de fazer da propaganda impressa “a arma do negócio”, enquanto que os ambulantes têm apenas a voz como recurso para enfrentar a concorrência.

Nessa perspectiva, o fato dessa suspeita poder ser confirmada por essas razões descritas, isso não é conclusivo. As possibilidades para a análise do discurso não se esgotam nisso, porém não deixa também de ser uma possibilidade. De certa forma, isso não foi o objetivo deste estudo, porém a marcante história que sempre visou formar leitores de livros e, pelo fato de isso representar o modelo de leitura para a sociedade, torna-se possível, que, independente do meio social em que as pessoas se encontram, a leitura pode ser tomada com base somente em livros.

Desse modo, podemos observar, de acordo com a análise dos dados, quais objetos que circulam no Centro comercial estão presentes nas práticas de leitura desses ambulantes entrevistados e que representam uma categoria de trabalhadores que vivem no cotidiano desse espaço.

A suposição de que os brasileiros não lêem, e de que no Brasil, segundo análises institucionais, é leitor quem lê pelo menos 1 livro a cada três meses, cabe a seguinte reflexão: e quem lê diariamente suportes variados por que gosta ou por que sente necessidade, quando a leitura se dá diariamente?

A este estudo cabe uma análise isenta de preconceitos e sincera quando se propôs a indagar quem, o quê, como e em que condições se lê ou não lê, pois os fatores socioeconômicos, políticos e culturais podem ou não desfavorecer o que o leitor possa lê ou não. O que buscamos com essa intenção, por meio de uma abordagem discursiva, é por em questão leituras e discursos, permitindo a manifestação de práticas de leitura silenciadas e desconsideradas, com o objetivo de aflorar a diversidade de leituras, leitores e objetos de leitura.

Há histórias de leitura de sujeitos-leitores que podem, muitas vezes, não se estabelecer no modelo de leitura ‘autorizada’ pela sociedade ou mesmo pelos documentos que permeiam as definições de ser ou não ser leitor. Entretanto, essa não constituição de leitor idealizado, aqui neste estudo, é algo passível de reflexão, se contradizendo a quem nem coloca em dúvida a condição histórica e ideológica do leitor quando petrifica o modelo.

Mas então, quem são os leitores reais? O que lêem e o dizem sobre o que lêem? Ao tratar da interpretação como dispositivo de análise. Orlandi (2007) considera que existe dois momentos de análise. No primeiro, a interpretação faz parte do objeto da análise, e, no segundo, é preciso compreender que não existe descrição sem interpretação – o próprio analista está envolvido na interpretação.

Essa orientação partiu do pressuposto advindo da Análise de Discurso da Escola Francesa do francês Michel Pêcheux (1981; 1990), com representação no Brasil em (Orlandi, 2003; 2006; 2007), ao considerar que uma análise não é igual à outra. Um mesmo analista, formulando uma questão diferente, também poderá mobilizar conectivos diversos e interpretar os resultados de acordo com os instrumentos teóricos dos campos disciplinares de que partiu.

Nesse propósito, vale recordar que o discurso sobre a leitura de um determinado leitor está sempre atravessado por uma história de leitura presente marcada pela característica da singularidade e, por isso, tornou-se relevante lançar mão da história de leitura dos sujeitos- leitores entrevistados em sua constituição, por compreender que os acontecimentos do seu passado o marcaram permitindo a sua circunscrição em uma dada formação discursiva.

Essa recorrência ao passado de cada leitor entrevistado, não teve a intenção de analisar a sua história de leitura e sim se deteve em extrair fragmentos que interessaram aos objetivos da investigação. Nesse caso, foram extraídos recortes dos dizeres dos entrevistados sobre os seus objetos de leitura em três tempos: infância, adolescência e na fase atual, como trabalhadores ambulantes.

Nesse entendimento, Le Goff (1984, p. 181) defende esse ponto de vista, quando ressalta que “toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo”.

Isto posto, ao valorizar a história de leitura dos sujeitos-leitores no Comércio, os seus passados transportaram-se para o presente e ao (re) significá-los, esses leitores tiveram também a oportunidade de (re) significar a si e a sua postura no contexto deste estudo, mediante ao que leram no passado e o que lêem no presente.

Nesse sentido, ao relatarem os seus primeiros contatos com os objetos de leitura, reivindicam um espaço como leitores diante das condições que lhes constituíram leitores no presente, que lêem somente o que lhes faz sentido na vida, embora eles não se constituam como modelo de leitores autorizados pela sociedade e nem demonstram essa preocupação quando seus objetos de leitura no presente lhes fazem sentido.

Dessa forma, a interpretação dos dados levou em conta o sujeito-leitor como histórico, pois, ao produzir o seu discurso o que lê e para que lê no presente, passa a ser objeto de análise. Assim, os dizeres dos entrevistados foram considerados textos que depois de ditos foram transcritos e lidos pelos próprios entrevistados, o que lhes coube a interpretá-los como leitores de suas próprias autorias.

Contudo, nos valem ainda da produção de dados visuais relativos à cuja precedência desse recurso partiu do estudo sobre o silêncio na obra de Orlandi (1993) quando esta autora observa que os mecanismos de análise que apreendem o verbal por meio do não – verbal revelam um efeito ideológico de apagamento que se produz do “mito” de que a linguagem só possa ser entendida como transmissão de informação, ou como sistema para comunicar.

Essa proposta sobre as formas de silêncio vêm a um só tempo, contribuir tanto à compreensão da materialidade do não-verbal, quanto à ampliação do objeto de Análise de Discurso para apontar caminhos para se descrever e entender o não-verbal.

Orlandi (1992, p. 19) observa que a noção de silêncio não pode ser confundida com o implícito. “Ao contrário do implícito (não-dito), que significa por referência ao que foi dito, o silêncio não precisa ser referido ao dizer para significar. O silêncio significa, não fala”. Portanto, as imagens retratadas neste estudo somaram-se aos dados verbais do fenômeno investigado.

A recorrência da interpretação de imagem neste estudo, bem como a interpretação do verbal, pressupõe também a relação com a cultura, o social, o histórico, com a formação social dos sujeitos que por meio da imagem revelam as condições reais de produção da leitura, cujos objetos repousam como cenas de uma realidade em que a leitura acontece como prática cultural.

Nessa perspectiva, esse ponto de partida possa abrir possibilidade para se entender os elementos visuais também como operadores de discurso

neste trabalho, e não como um álbum fotográfico, mas dados imbuídos de significados interpretáveis que se apresentam como registros de imagens coerentes com os objetivos propostos, e passíveis de percepção e interpretação, tendo em vista a busca por enquadramentos que deram contornos a conceitos do contexto estudado.

Corroborando a essa mesma intenção Macedo (2006, p. 125), quando imprime que as fotografias usadas em pesquisas “apreendem-se em formas, volumes, cores, movimentos que adquirem num primeiro momento, estruturas fráscas e significantes”, assim, torna-se possível pensar a fotografia como um bem simbólico de uma comunidade de leitores, especialmente no comércio de Belém, estado do Pará.

No intuito de seguir essa linha de pensamento, selecionamos para serem interpretados dados visuais correspondentes a imagens reais de objetos de leitura que circulam no Comércio, tanto em situações de leitura como expostos como suporte de leitura do leitor trabalhador ambulante inserido no contexto deste estudo. Esses dados não se apresentam como dados completos, acabados, como se fosse possível resgatá-los em sua totalidade. O que buscamos foram fragmentos que nos permitiram vislumbrar a possível constituição de objetos de leitura que fazem parte de uma comunidade de leitores em um espaço ‘não escolarizado’ e não autorizado pela sociedade como um lugar em que se processam atos educativos.

Em primeiro lugar, a interpretação desses leitores foi tomada como dispositivo de análise, e, para isso, foi preciso descrevê-los, focalizar seus dizeres a partir das suas histórias de leituras, suas experiências, seu cotidiano. São pessoas que têm histórias de leitura tradicionais quando dos primeiros contatos com os objetos de leitura, ainda na infância e, com o passar do tempo, essas leituras foram convertidas em prática social. Esses primeiros contatos inscrevem-se em seus dizeres.

Os relatos aqui colocados, quadro 7, abordam o início do processo de escolarização dos ambulantes entrevistados. O quadro se deteve em focalizar os primeiros contatos deles com os objetos de leitura e a motivação em aprender a ler. Contudo, foi importante eles frisarem sobre o espaço, os quais apontam o ambiente familiar e o escolar como referências aos primeiros contatos com o mundo da leitura.

Quadro 7. Ambulantes e objetos de leitura na infância/motivação

AMBULANTES	OBJETOS DE LEITURA NA INFÂNCIA (PRIMEIROS CONTATOS)	MOTIVAÇÃO
SILVA	[...] aprendi a ler no livro da escola [...].	Ninguém. Minha mãe não teve estudo. Ela não lê. Ela e meu pai me incentivavam a ir para o colégio, mas a ler, não [...]. Na escola, a professora dava aula, depois, no outro dia, ela chamava a pessoa pra ler na frente [...].
NAZARÉ	[...] aprendi a ler, acredito que com uns oito anos, um livro da igreja católica, depois os da escola [...].	[...] primeiro foi a minha mãe que me ensinou, depois fui pra escola mesmo. Quando fui pra escola, eu já sabia ler [...].
MARCOS	[...] aprendi a ler com o professor, nos livros do colégio, com 12 anos [...].	Aprendi a ler com o Professor Miguel. Muito bom. Lia com a mamãe e com o papai, mas ele foi fundamental [...].
CRISTIANO	[...] Aprendi a ler com uns sete anos, ‘eu mesmo’, em placas de taberna, supermercados, na rua. Quando criança, eu gostava muito de ler essas placas. No livro aprendi com a professora, na escola [...]”.	[...] não achava importante, mas via o meu pai lendo e aprendi a gostar [...].
ANDRÉA	[...] Aprendi a ler em casa, em pequenos textos. Para aprender a ler, eu tinha que ler muitos textos. Na escola o livro de português[...]”.	[...] Ainda era criança, a professora me mandavam ler, meus pais mandavam também eu estudar, não só na escola, mas também em casa [...].
SOARES	[...] aprendi a ler na escola mesmo, e lá, lia as revistas infantis. Já em casa, geralmente eu lia os livros para estudar as matérias[...].	[...] a professora levava a gente para a biblioteca e ela dava pra gente ler as revistas infantis. Já em casa, geralmente meus pais mandavam eu ler os livros para estudar as matérias[...].
TOMÁZIA	“[...] aprendi a ler com oito, nove anos na cartilha [...]”.	[...] Quando fui pra escola, já sabia ler. Aprendi com as professoras da creche [...].
CARLA	[...] A prendi a ler nos livros didáticos, no ABC [...].	[...] a professora me ensinava e minha mãe me incentivava e me ajudava [...].

Fonte. Pesquisa campo. 1º. Semestre de 2009.

Em relação aos objetos de leitura em suas infâncias, há uma predominância dos suportes tradicionais escolares como: *o livro da escola* (Silva), *nos livros do colégio* (Marcos), *“em pequenos textos* (Andréa), *na cartilha* (Tomázia), *nos livros didáticos do ABC* (Carla); enquanto que os demais aprenderam a ler em *livros da igreja católica* (Nazaré), *em placas de taberna, supermercado* (Cristiano), *em revistas em quadrinhos* (Soares).

Quanto à motivação em ler, o que observamos é o envolvimento tanto da família quanto de professores nesses primeiros momentos de leitura dos

trabalhadores ambulantes, o que provavelmente, os levaria a seguir uma profissão, pois parece que os gestos motivadores da família, marcados pela presença da figura materna e paterna do trabalhador Silva, os quais não sabiam ler, mas o incentivavam a ir para a escola, é tido como uma forma de compensar a falta de experiência deles com a leitura.

Podemos também perceber que a entrevistada Nazaré, mesmo antes de ir para a escola, já era motivada pela mãe que lia para ela o livro da igreja católica. E Cristiano reconheceu a importância da leitura vendo o pai lendo. A família, portanto, parece ter sido um elo de ligação à leitura, bem como os professores comentados por alguns deles, conforme o discurso do Marcos. A esse respeito Charlot (2000) considera:

Aprender sempre é entrar em uma relação com o outro, o outro fisicamente presente em meu mundo, mas também esse outro virtual que cada um leva dentro de si como interlocutor. Toda relação com o saber comporta, pois, uma dimensão relacional, que é parte da dimensão identitária (p. 72).

A identificação desses primeiros contatos com a leitura que apontam em que suporte os entrevistados aprenderam a ler, ao correlacionarmos à problemática deste estudo, quanto a suportes valorizados porque se estabelecem nas relações pedagógicas, temos, portanto *os livros da escola, o livro didático do ABC e a cartilha*, como objetos de leitura autorizados pela escola, enquanto os demais *pequenos textos*, estes provavelmente retirados de livros, *livros da igreja católica, placas de taberna e supermercado e revista em quadrinhos*, tidos como não autorizados, embora os leitores declarem que aprenderam a ler nesses.

Importou-nos, ainda, ressaltar, que na medida em que eles narravam suas histórias de leitura, alguns pontuavam os seus sentimentos em relação a essas primeiras experiências. A exemplo disso, Silva, Marcos e a Andréa, discursam sobre isso, conforme os excertos:

A professora passava pra gente, aí tinha que ler. Sinceramente, falando a verdade, eu não gostava, mas lia porque era importante. Só que eu não gostava porque eu era tímido. Era em voz alta para os outros alunos escutarem. Eu tinha ainda, que explicar tudo (Silva).

Passei três anos estudando com uma professora, mas não aprendi nada. Ela [...] não tinha paciência com a gente [...] só aprendi a ler com doze anos (Marcos).

Aprendi a ler em casa, porque na escola a gente não sentava na cadeira pra ler, só no quadro [...] repeti algumas séries. Em casa,

minha tia me ensinava, minha mãe me ensinava a ler. Aprendi a ler em casa. Lia histórias sobre casinhas, do sítio, revista da Mônica. Não era livro, eram revistinhas e livros de historinhas (Andréa).

Os dizeres desses trabalhadores demonstram que, ainda que fossem crianças, já apresentavam um sentimento diferente do que se propaga a respeito da leitura, ou seja, esses leitores já buscavam 'o prazer' em ler, discurso tão recorrente nas relações pedagógicas. Porém, eles não conseguiam encontrá-lo dado os seus motivos expostos.

Para o trabalhador Silva, a leitura era uma necessidade, certamente pelas condições de seus pais não saberem ler e, por isso, eles não queriam que o filho ficasse nas mesmas condições que a deles, possivelmente imbuídos pelo discurso de que a leitura só traz benefícios, o que ocorreria melhorarem de vida. Entretanto, ao declarar *sinceramente eu não gostava*, mas fazia porque a professora o mandava, ele, não demonstrava apreço pela forma como a professora conduzia a prática da leitura, sobretudo quando lhe mandava ler na frente de todos.

Em relação ao trabalhador Marcos, o fato da professora não ter paciência, não conseguia aprender, ou seja, desenvolvia um sentimento não prazeroso com a leitura, o que lhe causou uma perda escolar de três anos e só foi retomar o interesse pela leitura quando mudou de professor; já Andréa pontua um começo dessa prática não confortável, quando fala *a gente não sentava na cadeira pra ler, só no quadro*. Talvez isso possa estar relacionado ao fato de ela ter aprendido a ler em pequenos textos, o que deva ser os textos que a professora passava no quadro. Contudo, aprendeu a ler em casa quando teve acesso a outros objetos de leitura que atraíam o seu interesse, como as histórias infantis e revistas da Mônica.

Portanto, o sentimento de prazer pela leitura demonstrado por esses três leitores contradizem o discurso escolar quando profere que a leitor deva sentir prazer em ler e que esse sentimento precisa ser estimulado, pois só trará benefícios ao leitor. Abreu (2003; 2005; 2006) quando se pronuncia a esse respeito, contesta o fazer pedagógico que seleciona uma pequena quantidade de textos capazes de tornarem as pessoas melhores, ou fazê-las esquecer os problemas do cotidiano, geralmente muito presentes na vida de leitores

brasileiros, cujas famílias enfrentam o desemprego, a fome, a falta de moradia, etc., como podemos perceber, nos seguintes dizeres:

[...] Olha, desde os doze anos eu trabalho. Aí a necessidade de trabalhar, ajudar a família porque a gente passava por muita dificuldade. Então, eu comecei a trabalhar pra levar o dinheiro pra minha mãe. Os anos foram passando e eu estou até hoje (Andréa).

[...] eu era muito pobrezinha e não tinha condições de comprar o jornal, mas as outras colegas emprestavam pra eu ler (Tomázia).

As palavras de Andréa e Tomázia reafirmam uma realidade comum na vida desses trabalhadores ambulantes, que muitas vezes não conseguem se ver nos papéis de heróis imaginados pelo conceito escolar quando propõe aos alunos um mundo encantado de leituras que não lhes dizem respeito. Isso, no entanto, não os impede em considerar a leitura importante.

Ler é um aprendizado pra pessoa. A pessoa tem que se dedicar mais à leitura pra ela ter conhecimento. Se ela não souber ler, acho que ela não é nada (Silva).

[...] porque quem lê escreve melhor, usar acentos, as palavras... a gente aprendendo a ler, vai ajudar bastante no colégio, aprender a produzir um texto, produzir uma carta, um bilhete, a não escrever palavras irregulares (Andréa).

Acho importante ler [...] Hoje, estou vendo que a leitura é importante pra ficar informado de tudo, do dia-a-dia (Cristiano).

A leitura [...] é importante porque a gente lendo bastante desembaraça mais o nosso modo de falar (Nazaré).

A leitura é importante pra ter conhecimento (Andréa).

A importância da leitura para Silva e Soares está posta por um discurso elaborado a partir de outros discursos, mas que apreenderam para si um sentido específico, cuja falta da leitura na vida de uma pessoa gera consequências negativas ao ponto de *se ela não souber ler acho que não é nada na vida* (Silva); ou positiva, porque quem sabe ler *aprende a produzir um texto, produzir uma carta (...) a não escrever palavras irregulares* (Soares).

A narrativa desses leitores sobre o sentido da leitura em suas vidas deva-se às escutas proferidas pela família ou pela escola e que tomaram como verdadeiras para si, pois as palavras não são só nossas, elas significam pela história e pela língua. “O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, 2003, p.32).

Orlandi (Idem) explica que a questão do sentido é fundamental para a análise do discurso, pois a linguagem é linguagem porque faz sentido, e a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história. E mesmo que sem a intenção consciente, o que falamos é afetado pela língua e pela história, o que implica dizer que os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem das intenções dos sujeitos.

Assim, o sentido da leitura para Silva implica na própria existência do ser humano no mundo, provavelmente dada a sua história de vida, sendo ele filho de pais analfabetos e, por isso, não lhe auxiliavam na aprendizagem da leitura quando criança, embora eles o motivassem a ir para a escola, *mas não a ler*, como esclarece; enquanto para Soares, o sentido da leitura está relacionado a facilitar a comunicação da escrita e a promoção escolar, ao afirmar que ler *vai ajudar bastante no colégio*.

As declarações acerca de a leitura ser importante na vida dos leitores entrevistados é marcada pela recorrência da seqüência lingüística *A leitura é importante*, como podemos ver nos fragmentos das narrativas do Cristiano e da Nazaré e da Andréa. Essa repetição não significa a mesma coisa. Pelo fato de ser introduzido em diferentes momentos já significa ser diferente, ou seja, se trata de três diferentes acontecimentos que propagam a importância que eles atribuem à leitura, o que pode estar relacionada a não homogeneidade nos modos que cada leitor lida com essa expressão, assim entendido por Orlandi (1990, p. 142) “ao movimentarem-se, os sentidos não retomam apenas, eles deslocam seu lugar na rede de filiações históricas; eles se projetam em novos sentidos”.

O fato de se estabelecer uma verdade sobre a leitura ser importante para esses leitores demonstram que suas falas são afetadas pelo que Pêcheux (1988) denomina formações imaginárias, sendo que sabiam estar respondendo a uma professora, ou seja, estavam diante de uma autoridade, o que seria difícil pra eles responderem outra coisa que não um dito que se tornou ‘um chavão’, típico da classe dominante, ancorado por tantas campanhas veiculadas nos meios de comunicação de massa, principalmente na televisão, o que Pêcheux (Idem) chama de influência por mecanismo de antecipação.

Contudo, justificam os motivos dessa importância *pra estar informado de tudo, do dia-a-dia* (Cristiano), *desembaraça mais o modo de falar* (Nazaré) e *pra ter conhecimento* (Andréa). Essas justificativas introduzem sentidos outros, advindos de uma formação discursiva que não é necessariamente a dominante, embora se observe que dela tentam se aproximar, mas nos interessa o processo discursivo e sobre isso, Orlandi (1999) imprime que essa passagem da superfície lingüística para o discursivo resulta em mostrar o trabalho da ideologia.

Isso acontece quando podemos relacionar os diferentes processos de significação no texto de cada entrevistado, que marcam a heterogeneidade e a determinação histórica de cada um, que os leva a ocuparem um lugar não valorizado economicamente e culturalmente, daí a importância da leitura para eles, principalmente para a Nazaré quando insinua o desejo de aperfeiçoar o seu modo de falar, o que está relacionado à linguagem.

Essa trabalhadora entende que *fala errado* e, que está inserida em um contexto social, cuja a fala é o meio de comunicação mais precioso para quem nele vive todos os dias. Isto é, viver todos os dias de trabalho alardeada por ilegalidade, cuja arma preciosa para atacar e defender é a fala, ou popularmente expressando “é no grito”, o que implica saber falar para se defender. Portanto, é preciso mudar e a leitura é o caminho para essa mudança, como ressalta Orlandi (1987), que nem sempre tem o conhecimento do valor do seu dizer, ou melhor, o que diz ou compreende tem relação com esse contexto, com as condições de produção do seu discurso, com a dinâmica de interação que se estabelece com o outro.

Portanto, ao conhecer a história de leitura dos oito sujeitos entrevistados, nos permitiu identificar o que liam na adolescência e em que situações, no sentido de analisar se os seus objetos de leitura se aproximavam ou não dos valorizados pela sociedade, tendo em vista que nesses primeiros contatos com a leitura, na infância, houve uma predominância pelos suportes de leitura condizentes com a relação pedagógica, embora alguns dos entrevistados esclarecessem ter lido em *livro da igreja* (Nazaré), *placas de taberna e supermercado* (Cristiano), *revistas em quadrinhos* (Soares), logo, suportes denominados *de margem*, embora circulem por diversos espaços educativos, esses, não entendidos por nós como menor ou inferior, mas resulta

de não serem materiais reconhecidos como presentes na memória social de pessoas que aprenderam a ler e, por lerem esses materiais, não se edificam como leitores. No quadro 8, observamos o processo de leitura desses trabalhadores.

Quadro 8. O que liam os ambulantes na adolescência e em que situações?

AMBULANTES	OBJETOS DE LEITURA	SITUAÇÕES DE LEITURA
SILVA	[...] Lia revistas e o livro da Escola. Lia porque era importante. [...] Na adolescência, eu não gostava de ler.	[...] Lia as revistas, mas não na escola, fora da escola. Era só assim. Lia as revistas, mas só em quadrinhos porque eu achava engraçados os personagens. Eu comprava nas bancas de revistas e lia. [...] ela (a professora) chamava a pessoa pra ler na frente, tipo uma palestra, entendeu? [...] Eu não gostava, mas era importante (os livros).
NAZARÉ	[...] Nessa fase, eu gostava de ler romances (poesias). Eu sabia até uns de cor [...].	[...] Mas nessa época, eu não trabalhava e eu lia em casa mesmo. Gostava de ler os romances de faroeste, de amor [...] Eu comprava ou emprestava e começava a ler.
MARACOS	[...] os livros da catequese, às vezes até pedia, parava de ler os livros do colégio pra ler os livros da aula de catecismo. Era mais interessante pra mim. Na época, ele (o professor) gostava era dos livros do colégio, de ciências, português, mas eu gostava muito de ler os livros da igreja católica. Jornais, revistas quando vinha em Belém. A bíblia [...].	[...] Era só o que tinha pra ler. Como eu morava no interior, afinal, era um interiorzinho, não tinha jornal, não tinha energia Nessa época, a minha mãe lia muito a bíblia. Ela lia pra nós. Era noite, antes de dormir, lia a bíblia, ensinava as coisas [...] O meu pai queria que eu fosse padre. Lia mas não entendia. Teve um tempo, dos meus 14 anos pra lá, eu parei de ler. Desabitei-me da leitura. Parei de ler. Trocava a leitura por namoro.
MARACOS	[...] os livros da catequese, às vezes até pedia, parava de ler os livros do colégio pra ler os livros da aula de catecismo. Era mais interessante pra mim. Na época, ele (o professor) gostava era dos livros do colégio, de ciências, português, mas eu gostava muito de ler os livros da igreja católica. Jornais, revistas quando vinha em Belém. A bíblia [...].	[...] Era só o que tinha pra ler. Como eu morava no interior, afinal, era um interiorzinho, não tinha jornal, não tinha energia Nessa época, a minha mãe lia muito a bíblia. Ela lia pra nós. Era noite, antes de dormir, lia a bíblia, ensinava as coisas [...] O meu pai queria que eu fosse padre. Lia mas não entendia. Teve um tempo, dos meus 14 anos pra lá, eu parei de ler. Desabitei-me da leitura. Parei de ler. Trocava a leitura por namoro.
CRISTIANO	[...] lia também revistas em quadrinhos, livro escolar, jornal [...].	[...] tanto em casa quanto na biblioteca da escola. Gostava porque eram historinhas interessantes, bacana, legal (<i>as revistas em quadrinhos</i>). [...] na escola, era o que menos eu gostava (<i>livro escolar</i>) [...] via o meu pai lendo em casa e aprendi a gostar pra ficar informado (<i>jornal</i>).
ANDRÉA	[...] Na adolescência, comecei a fazer	[...] porque sempre tem um tema de

	a 5ª série [...] comecei a me interessar a ler revistas, Isto É, Contigo, Época, eu emprestava, ganhava.	pesquisas... Pra ter conhecimento, também pra saber o que está acontecendo no nosso país e continuei [...].
SOARES	[...] Na adolescência eu já comecei a ler jornal, revistas de esporte e os livros.	[...] revistas de esporte para está atualizado sobre o esporte. Já treinei em vários times; o Jornal, só a parte do esporte; os livros, para fazer prova.
TOMÁZIA	[...] Na adolescência gostava de ler romances, poesias. [...] o jornal, mas as outras colegas emprestavam pra eu ler sobre novelas, horóscopos, romances lia, também, livros das aulas, mas sempre gostei de ler o catecismo.	[...] Mexia com a gente o romance de amor. Era pra ver se eu tinha paixão, aprender a me comunicar com as pessoas, impressionar, saber falar com o namorado. Mas lia também livros das aulas pra aprender a responder as provas.
CARLA	[...] por incrível que pareça só lia mesmo os livros didáticos, mais os de geografia e história.	[...] queria impressionar o professor, mostrar que eu não estudava só pra tirar notas boas nas provas, mas porque eu era interessada, eu queria aprender mesmo [...] queria ser guia turística e saber tudo da nossa região pra informar os turistas”.

Fonte. Pesquisa campo. 1º. Semestre de 2009.

Nesse ponto de análise e reflexão, ressaltamos que toda leitura tem sua história (ORLANDI, 2006) e, quando isso é dito, supõe-se que cada leitor tenha a sua história, o que nos motivou acompanhar as narrativas dos leitores entrevistados sobre o que lhes interessava ler na adolescência e quais eram as condições de produção de possíveis leituras, além das que já tomamos conhecimento quando depuseram sobre os primeiros objetos que leram na vida.

De acordo com as resposta atribuídas à questão do que tenham lido na adolescência, verificamos que nessa fase da vida, a maioria dos leitores declara o que, de fato, gostavam de ler e o que liam por necessidade, embora a questão tenha sido feita de forma direta e objetiva (*o que você lia na adolescência?*), considerando que os entrevistados, nessa fase da vida, ainda não trabalhavam como ambulantes no Centro comercial de Belém, e que ainda estudavam formalmente, com exceção do trabalhador Soares, que começou a trabalhar nesse espaço aos doze anos e, ao mesmo tempo era estudante, vimos os objetos de leitura predominante na vida desses sujeitos, a partir de fragmentos de suas falas.

Quadro 9. Objetos de leitura/citações

OBJETOS DE LEITURA	Nº de citações
Livros didáticos	6
Revistas (diversas)	5
Jornal	4
Textos religiosos	3
Romances	2
Poesias	2

Fonte. Pesquisa campo. 1º. Semestre de 2009.

O Quadro 9 aponta que o livro didático é o objeto de leitura mais citado pelos leitores entrevistados quando adolescentes, representados em seus dizeres como: *livro da escola*, *livros do colégio*, *livros da aulas*, *livros*, *livros escolar* e *livros didáticos*; as revistas aparecem em segundo lugar com 5 indicações; o jornal foi citado por 4 trabalhadores; os textos religiosos, denominados de *livro da catequese*, *bíblia* e *catecismo*, correspondiam a leitura de dois leitores, embora representassem três objetos diferentes; enquanto que os romances e as poesias (gêneros literários), os quais podem ser retirados de livros, revistas ou até jornais, eram lidos por dois entrevistados (Nazaré), as quais não especificaram o suporte.

Contudo, vale ressaltar que mesmo que os didáticos apareçam em primeiro lugar na relação de objetos lidos pelos leitores entrevistados, não signifiquem serem de suas preferências quando avaliamos as condições de leitura que os levavam a lê-los e para quê eles liam.

Ao observar a história de leitura do Silva, ele lia *os livros da escola* porque era importante, como diz: [...] *A professora passava pra gente, aí tinha que ler e acrescenta Sinceramente? Falando a verdade? Eu não gostava, mas lia porque era importante* e reforça que *na adolescência eu não gostava de ler*. Entretanto, ressalta que lia as revistas (em quadrinhos) e as achava engraçadas. A forma como esse trabalhador narra sobre não gostar de ler está direcionado à leitura autorizada, ou seja, à leitura proposta pela professora, o que para ele essa era a leitura importante, mas não gostava, enquanto que as revistas em quadrinhos embora gostasse, não as considerava importante ao compará-la com a leitura escolar.

Desse mesmo modo, o Marcos lia na adolescência *os livros do colégio*, *o livro da catequese* e só tinha acesso as *revistas e jornais* quando ia a Belém, pois morava numa cidade do interior do Pará e, segundo seu relato, nesse

tempo, *era só o que tinha pra ler*. Entretanto, declara que preferia ler o *livro da catequese* a os indicados pelo professor, ou seja, os *livros do colégio*. Contudo, devido pertencer a uma família católica, lia também a *bíblia* porque seu pai queria que ele fosse padre, logo deveria ler a bíblia embora não entendesse essa leitura, o que pode ter sido a causa de ter deixado de ler aos 14 anos.

Observamos, que quando marcos diz *que era só o que tinha pra ler*, acaba por declarar que não faria tais leituras, sobretudo a bíblia indicada pelo pai que gostaria que ele se tornasse padre, caso ele tivesse acesso a outros objetos. Contudo, essa obrigação não aparece quando se refere à figura materna, quando essa lia a bíblia para ele e os irmãos e *explicava as coisas*, o que, talvez, ele atribuísse sentido ao que a mãe explicava e não precisamente à leitura da Bíblia.

O trabalhador Cristiano define as leituras que fazia quando cursava o Ensino Fundamental, pois atualmente ele trabalha no comércio durante o dia e cursa o ensino médio, à noite. Ele declara que lia as revistas em quadrinhos, tanto em casa quanto na biblioteca da escola; o jornal, que aprendeu a gostar porque sempre via o seu pai lendo, e o livro escolar, *era o que menos gostava*. Para Cristiano, a leitura das revistas em quadrinhos era mais interessante que a leitura do jornal e do livro escolar, mesmo que considere importante ler o jornal assim como o livro escolar, por condições diferentes, sendo que o escolar, ele o lê mas não gosta.

Inicialmente, à recorrência a esses três entrevistados (Silva, Marcos e Cristiano) deu-se pela forma como eles declararam suas relações com as leituras: o livro escolar para os três e a bíblia para o Marcos. A forma como esses objetos são colocados nas vidas deles se apresentam numa lógica conflitual, segundo Chartier (1990), de forma que a leitura é colocada no centro da tensão entre produção e recepção e essa aproximação parece ser necessária para que a leitura se transforme em “tensão operatória”, uma polêmica que atravessa a história da leitura. Essa tensão é o que acarreta a compreensão da leitura como prática produtora de sentidos.

Chartier (Idem, p. 121) também explica que, de um lado “[...] o caráter todo poderoso de texto, e seu poder de condicionamento sobre o leitor – o que significa fazer desaparecer a leitura como prática autônoma [...]”; de outro lado, uma oposição que restringe a compreensão da leitura como pólo de recepção,

que atribui uma liberdade de interpretação da leitura pelo leitor, visto como “[...] produtor inventivo de sentidos não pretendidos e singulares – o que significa encarar os atos da leitura como uma coleção indefinida de experiências irreduzíveis umas às outras”.

Nessa lógica, a leitura se instala para Silva, Marcos e Cristiano, num espaço de tensão, cujos processos de produção de sentidos só podem ser compreendidos no cruzamento desses pólos contrastante (produção e recepção), ou seja, nas diferentes relações que se estabelecem entre o texto, o suporte que lhe dá sustentação e a maneira como é lido. Desse modo, a possibilidade de produção de sentidos deixa de estar fixados em um único pólo.

Em relação à Nazaré, observamos que a mesma se limita a falar apenas do que gostava de ler e não exatamente o que lia. O fato de ela dizer que não trabalhava nessa época, nos leva a pensar que destinava o tempo em que não estava na escola para ler o que gostava, ou o que pudesse lhe afastar da realidade, tendo em vista que essas leituras, embora autorizadas pela escola, acabam por colocar o leitor em contato com personagens idealizados, analisados por Abreu (2006) como “uma válvula de escape para as frustrações do dia-a-dia, levando o leitor para um lugar onde todas as suas expectativas se cumprem sem que ele deva fazer nenhum esforço para isso”.

Enquanto isso, Tomázia enumera as leituras que fazia na adolescência como *romances*, *poesias*, *jornal* e ressalta também, que lia *livros das aulas e catecismo*, este porque “gosta mesmo”. Diferente da Nazaré, que se limitou a dizer apenas o que gostava de ler, Tomázia explicou a função social de suas leituras. *Romances e poesias* estavam relacionadas às expectativas dessa leitora em relação ao que lhe interessava como adolescente: *era pra ver se eu tinha paixão, aprender a me comunicar com as pessoas, impressionar, saber falar com o namorado*. Nessas intenções, o sentido da leitura para Tomázia, postula-se pela necessidade de se considerar o ato de produção da linguagem como uma força de poder para impressionar o namorado.

No entanto, os *livros das aulas*, subtendidos como os livros didáticos lidos no contexto escolar, esses, ela os diferenciava dos demais, embora tão necessários quanto os romances e as poesias. A função dos livros das aulas era para *responder às provas*. Por outro lado, o que gostava de ler era o

catecismo porque, segundo essa trabalhadora, as aulas de religião era o que mais gostava e isso, provavelmente, por associar ao desejo de querer ser católica praticante. Enquanto que a leitura do jornal tinha como foco de interesse o *horóscopo* e *saber das novelas* e não comumente tomá-lo como veículo de informação como fazia ou faz o entrevistado Soares.

Esse entrevistado, afirma ser leitor de *jornal* e *revista de esporte* quando diz que iniciou essas leituras na adolescência. A condição se dá pelo desejo de ter sido um jogador de futebol, o que supõe ler revistas específicas dessa modalidade esportiva bem como o jornal deva lhe interessar a parte esportiva. Enquanto isso, *livros*, os lia sob a condição de se preparar para as provas na escola, não demonstrando pistas de que lia os livros (didáticos) com a mesma motivação que lia as revistas sobre esporte para ficar atualizado, tendo em vista já ter treinado em vários times e, possa resguardar esperança de jogar em algum time de futebol.

As revistas *Istoé*, *Contigo* e *Época* citadas por Andréa como leituras que lhes permitisse pesquisar, ter conhecimento e saber o que estava acontecendo no mundo, ela esforça-se em mostrar que havia um interesse pedagógico por essas revistas, ou seja, realizar algum trabalho escolar, pesquisar algum tema proposto nas aulas, ou até mesmo gostar de ler revistas como entretenimento, pois ao mesmo tempo em que justifica seu interesse por essas revistas ela acaba por enumerar junto a *Istoé* e *Época*, a revista *Contigo*, cujo conteúdo é destinado a leitores que gostam de saber da vida dos artistas, das celebridades, das novelas que passam nos canais de televisão. Assim, conclui dizendo que ainda lê tais revistas, que ganhava ou emprestava na adolescência.

Observamos, com exceção da Nazaré (que não mencionou à respeito da escola), que os entrevistados procuraram, em suas narrativas, darem pistas que liam livros para atender às exigências da escola, demonstrando com isso que eram estudantes, já a Carla, nos chamou a atenção pela sua determinação em afirmar: *por incrível que pareça só lia mesmo os livros didáticos*, enfocando os de geografia e história, sob a condição de impressionar o professor e querer mostrar-lhe que levava a sério os estudos.

Provavelmente, ela tenha dado essa resposta porque antes da entrevista, enquanto eu esperava ela acabar de arrumar a sua barraca,

conversávamos sobre a grande quantidade de pessoas que lêem o jornal no centro comercial. Nessa ocasião, ela comentou que não costumava comprar o jornal, embora o lesse diariamente, pois emprestava do vizinho ao lado. Isso pode ter ocasionado ela haver sido enfática na sua resposta quando disse que só leu livros didáticos na adolescência.

Contudo, tornou-se evidente sua afirmação quando buscamos analisar a condição que a levava ler os didáticos, tendo em vista que, como adolescente queria ser uma aluna exemplar e por isso se dedicava à leitura dos livros, principalmente de história e geografia porque, também, alimentava o sonho de cursar a faculdade e se graduar em Turismo. Por isso, estudava muito para impressionar os professores e deles ter o apoio para realizar esse sonho, o qual contrariava a sua mãe que gostaria que ela fosse jornalista. Nessa condição, Carla não teve acesso a outros suportes de leitura, a não ser os livros didáticos, o que lhe diferenciou dos demais entrevistados.

Importa esclarecer que esse nosso gesto de interpretação, como já nos referimos, em vários momentos, não signifique separar as leituras e sim compreendê-la como um ato simbólico, uma prática discursiva e lingüístico-histórica, ideológica. Esse conceito de gesto aponta pelo viés da Teoria da Análise de Discurso que embasou esta análise, assim como consideramos em Orlandi (1996, p. 100), que “todo gesto de interpretação seja caracterizado pela inscrição do sujeito e de seu dizer em uma posição ideológica, configurando uma região particular na memória do dizer”.

Os gestos que permearam o início da história de leitura dos leitores entrevistados, não nos causaram estranhamento e não foram tomados como entraves a uma pedagogia da leitura quando esta é concebida como prática histórica e social. Pelo contrário, o que buscamos é a instauração de sentidos outros que marquem o lugar social ocupado pelo leitor porque acreditamos que isso possa ser reconhecido nos ambientes escolares e institutos que avaliam a leitura no Brasil, deixando de lado leitores que estão fora dos padrões de leitores pensado pela sociedade brasileira, o que interpretamos tais gestos como uma forma de exclusão do cidadão comum e de seus objetos de leituras, por diferentes que sejam do livros autorizados pela escola.

Portanto, se há sempre uma história de leitura presente na vida de um leitor é porque essa história é relevante para a sua circunscrição como tal. Em

relação aos objetos de leitura que liam os entrevistados na adolescência, como o jornal; as revistas; os romances, as poesias; e, os livros didáticos são objetos de leitura que fazem parte de uma história, ainda que saibamos que novas leituras e novos dizeres desses mesmos objetos possam ser feitos de forma diferente por outros leitores e, até pelos mesmos leitores em épocas diferentes. Daí concordarmos com Orlandi (2006) que as leituras têm suas histórias.

Mais especificamente ao livro didático, objeto de leitura autorizado pela escola, Orlandi (Idem) diz se tratar de uma leitura ideal para a escola pela praticidade de ser um objeto pronto, acabado, cuja autoridade imediata está centrada no autor. A essa leitura a previsibilidade é a sua marca, porém a história também é capaz de produzir a imprevisibilidade derivada do contexto sócio-histórico “o que nos leva a dizer, então que as leituras têm suas histórias no plural” (p. 43).

Nessa lógica da previsibilidade, o texto é destinado a um leitor imaginário. Entretanto, o que o autor do texto não releva é o leitor como adversário, pois tende a pretender o leitor como cúmplice, o que pode estar implícito, quando destacamos, por exemplo, a voz da Carla: [...] *queria impressionar os professores, mostrar que eu não estudava só pra tirar notas boas nas provas, mas porque eu era interessada, eu queria aprender mesmo.*

O dito da trabalhadora Carla, devido o seu interesse em *impressionar os professores*, demandava que ela se dedicasse às leituras propostas por eles às quais mediavam o aprendizado, por isso, no entendimento dela, quando afirma que não só *queria tirar notas boas [...]*, mas que *queria aprender mesmo*, não conseguia compreender que não impressionaria os professores, caso não tirasse notas boas.

Nesse caso, havia uma cumplicidade dessa leitora que envolvia leitor-autor-professor, o que significa que ela não fosse uma adversária do autor do texto pelo fato de ter que concordar com o que ele havia escrito, condição que lhe faria impressionar os professores. Dessa forma, não estamos considerando apenas o dito, “mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando” (ORLANDI, 2006, p. 11).

Vale lembrar que dos oito entrevistados, quatro deles cursaram até a 5ª série do ensino fundamental (Silva, Nazaré, Marcos e Tomázia), duas concluíram o ensino médio (Andréa e Carla) e dois ainda cursam o ensino

médio (Soares e Cristiano). Entretanto, “o aluno – leitor não pára de aprender a ler num momento dado” (Idem, p. 48) supomos que ele possa ter se envolvido em outras formas de linguagem fora da escola, embora esta possa desqualificá-lo como sujeito-leitor.

Com essas considerações, apresentaremos os objetos de leitura dos oito trabalhadores ambulantes no Comércio de Belém, espaço onde esses, cada um com sua história de leitura, encontram-se inseridos, os quais, de acordo com as suas condições, desde os seus primeiros contatos com a leitura, dadas às motivações que tiveram e as circunstâncias da vida lhes conduziram, de uma forma ou de outra, a se constituírem leitores, mesmo não reconhecidos socialmente.

Nessa perspectiva, passamos a analisar os objetos que esses trabalhadores elegem em seus repertórios como objetos de leitura e o que lhes faz construir sentidos a esses.

3.2 STATUS DOS OBJETOS ENTRE OS AMBULANTES

Uma concepção de leitura que delimita suportes ditos ‘apropriados’ e que também determina os modos de ler, acaba por desprezar outras formas de conceber a leitura fora de contextos considerados ‘não apropriados’ como o comércio de Belém, mesmo que os leitores, inseridos nesse espaço, atribuam sentidos ao que lêem, independente do objeto.

A diversidade de gêneros textuais que circula no Centro comercial têm objetivos diferenciados, como: satisfazer curiosidades (folhetos bíblicos, propagandas de lojas); obter informações (revistas, jornal); produzir literatura (bíblia; livros de auto-ajuda); passar o tempo (CD, DVD) e se submeter a uma prova na escola ou prestar concurso público (apostilas).

Ao concebê-los tanto quanto os livros, nos propusemos a identificá-los no espaço do comércio e legitimá-los a partir da análise que fizemos dos sentidos que a eles são atribuídos pelos ambulantes, e as condições que os levam a ler tais objetos. Desse modo, agrupamos os objetos presentes nas práticas de leitura dos ambulantes por aproximação de conteúdos, os quais se definiram como categorias de análise, por assim concordar com o ponto de vista de Chartier (1992;1996) de que a materialidade dos textos interfere nas

operações de leitura que deles é feita, pois, quando mudam os suportes sobre os quais os textos encontram-se abrigados, alteram-se também, as condições de suas leituras.

Importa ressaltar, também, que para a Análise de Discurso, o que visa é “a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”, segundo Orlandi (2007, p. 26). Logo, partimos da questão que direcionou a análise: *como os trabalhadores ambulantes constroem sentidos aos objetos que lêem e em que condições a leitura desses se transfigura em processos educativos à organização da categoria?*, por concordarmos, segundo os princípios da análise do discurso, que toda leitura se realiza sob uma condição (ORLANDI, 2007). E definimos por analisar os dados produzidos a partir desta questão, enfocando os objetos eleitos pelos ambulantes, conforme categorizados:

3.2.1 Dos textos religiosos

Os textos religiosos (figura 66) identificados nas práticas de leitura dos ambulantes correspondem a três suportes distintos, representados pelos folhetos bíblicos, a bíblia e a revista Deus Conosco, esta, produzida pela igreja católica em todo o território nacional. São objetos de leitura, cuja predominância por todo o espaço comercial é tão forte, que nos leva a analisar o sentido que os leitores a eles atribuem.



Figura 66. Folhetos bíblicos e produtos evangélicos, à venda no comércio.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Julho/2009.

Os folhetos bíblicos²⁴

Silva, ao procurara definir a presença dos folhetos bíblicos nas práticas de leitura dos ambulantes, assim afirma:

Desses (outros suportes de leitura que circulam no comércio), eu leio os folhetos bíblicos que o 'irmão' passa dando. São mensagens bíblicas, importante para todos nós. É uma semente que está se plantando. A palavra de Deus diz que quando ela cai em boa terra, ela dá fruto. Agora quando ela cai no meio dos espinhos, ela sufoca, murcha, morre. Aqui, ela está semeando. Leio todos os dias, levo pra casa ou passo para outra pessoa.

O que interpretamos dos dizeres de Silva, é que, o fato de ele ser leitor assíduo da Bíblia, e, por mais que ela contenha um conteúdo mais ampliado da palavra de Deus, ele não menospreza os folhetos bíblicos em favor dela, se levarmos em conta, também, o tamanho do suporte, conforme retratado na figura 60. Isto nos remete analisar que os folhetos bíblicos, são importantes tanto quanto a Bíblia, provavelmente para quem não a possui.

De outro modo, o sentido que Silva atribui á leitura desse objeto, esteja relacionado à disseminação da palavra de Deus no seu espaço de trabalho, ou seja, *é uma semente que está se plantando*, discurso este, proveniente de outro, mais precisamente da religião evangélica de Silva, quando este reforça que *aqui ela está semeando*, o que ele define ser importante para todos os trabalhadores, dada às condições em que vivem os trabalhadores desse espaço, ou seja, no mercado da informalidade, o que significa precisarem ler a palavra de deus e pedir ajuda, força espiritual para os enfrentamentos das dificuldades que eles passam para estarem nesse espaço.

Os folhetos bíblicos, talvez, pelo conteúdo de suas mensagens fazem também, com que os ambulantes os leiam, várias vezes ao dia, em diferentes momentos, a ponto o terem um amuleto para as vendas prosperarem:

[...] eu leio (os folhetos bíblicos e coloco dentro da sombrinha para dar sorte, pra ajudar a vender melhor (Soares).

Ao analisar os dizeres de Soares em relação aos folhetos bíblicos se distinguem dos de Silva, pois, para Soares, parece que os folhetos bíblicos se apresentam como amuletos para atrair os clientes, para vender bem, enquanto

²⁴ Os folhetos bíblicos que contêm a mensagem "do dia", nos chamaram a atenção, pois mesmo pequenos, eles não são descartados nas calçadas como os demais impressos desse porte, como os que fazem propaganda de compra e venda de jóias, e/ou serviços, em geral, os quais, após serem lidos, geralmente são atirados nas calçadas.

para Silva, é importante conhecer a palavra de Deus, observamos que a leitura dos folhetos bíblicos para esses dois sujeitos desencadeiam, para sentidos opostos, quando um pensa no bem estar espiritual e o outro alimentado pela fé na palavra de Deus, crê na ajuda divina para vender os seus produtos.

O que vemos que, embora diferentes sentidos atribuídos ao mesmo objeto de leitura, ambos se constroem sob condições que determinam a sua produção, isto confirma que “todo discurso se produz em certas condições [...], ou seja, considera-se que a leitura é produzida e se procura determinar o processo e as condições de sua produção” (Orlandi, 2006, p. 28 - 38). Desse modo, a leitura dos folhetos bíblicos para cada um desses sujeitos não se restringe a uma única finalidade.

Os folhetos bíblicos também fazem parte do repertório de leitura de Tomázia:

Eu leio também, os folhetos bíblicos que o ‘irmão’ dá, não importa, é da bíblia, eu leio, eu quero me aprofundar, eu guardo. Às vezes eu estou ocupada e ele não me dá, mas ele dá para os outros (Tomázia).

Entretanto, ao se referir a esses folhetos e afirmar *não importa, é da bíblia*, inicialmente, nos dá a impressão que é leitora da bíblia e por isso os lê. Entretanto, ao afirmar que quando está ocupada, o irmão não lhe entrega os folhetos, isto parece não afetá-la, não demonstra sentir falta dessa leitura, e acaba por confirmar, que, como os folhetos, lê pouco a bíblia, ou melhor, os salmos:

Pouco leio a bíblia, leio mais os salmos, pra me preencher, saber mais da vida, só às vezes [...] (Tomázia).

O que observamos, de acordo com o que afirma Tomázia, que a leitura dos folhetos bíblicos distribuídos diariamente no Centro comercial, são lidos por ela, eventualmente, por isso, talvez, não dê tanta importância quando não os recebe.

Da mesma forma, Cristiano pondera que os lê, porém, demonstra apreço pelo jornal:

[...] fora o jornal, os folhetos bíblicos que eu leio todos os dias. Acho importante a pessoa ficar informada e saber sobre a palavra de Deus. A gente, aqui, no comércio, recebe todos os dias do irmão, os folhetos bíblicos.

De um modo geral, Cristiano se interessa pela leitura dos folhetos, por achar que é importante a palavra de Deus, o que o faz lê todos os dias. Ao usar a expressão *a gente, aqui, no comércio recebe todos os dias*, isso possa significar a predominância desse impresso no cotidiano do comércio e, que, de certa forma, faz parte do repertório de leitura dos ambulantes.

✚ A Bíblia

A Bíblia (figura 67), também, faz parte das leituras diárias dos ambulantes. Nela, eles buscam proteção, inspiração e ajuda para enfrentar um dia de trabalho cansativo. Por exemplo, a figura 61, demonstra a importância da Bíblia na vida desses trabalhadores. Geralmente, eles a abrem na página em que contém o salmo do dia e, eles se põem a ler, sem hora marcada. A prática dessa



Figura 67. A Bíblia como objeto de leitura de todos os momentos na vida dos ambulantes.

Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Maio/2009.

leitura está associada à fé na palavra de Deus para um dia de trabalho próspero, em todos os sentidos, como podemos ver, em seus dizeres:

A bíblia é o meu livro de cabeceira, é tudo na minha vida, é uma leitura sempre atualizada, me ensina a lidar com os seres humanos (Carla).

[...] Porque na bíblia, eu me inspiro para certas coisas que acontecem no nosso mundo [...] Isso me dá muita força, motivação pra viver as circunstâncias e as coisas e a gente vai vivendo assim [...] eu me inspiro porque eu tenho que lutar pela minha família, pelos meus amigos, pelo meu trabalho e pelos meus objetivos (Marcos).

[...] Mas a bíblia, leio porque sinto que Deus está falando diretamente comigo, me sinto mais leve, parece, assim, que passa o cansaço, eu oro e Deus me dá uma resposta (Andréa).

[...] eu lendo a bíblia, eu vou fortificando o meu espírito e pedindo graças a Deus para que não aconteça nada com a gente (Silva).

Nos dizeres desses quatro sujeitos, a Bíblia representa a leitura que norteia a vida deles. Vêem nela, uma forma de encarar o mundo. E, a

considerar o contexto em que trabalham, posto que, não bastasse a necessidade de estarem num espaço público buscando uma forma de sobrevivência, em decorrência da falta de emprego no mercado formal, praticar essa leitura, conforme nos mostra a figura 68, é, também, um modo de de sobrevivência aos olhos de quem os vêem como



Figura 68. Prática de leitura da Bíblia.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Junho/2009.

trabalhadores vinculados a uma economia “subterrânea”, logo, discriminados.

A leitura da Bíblia, por outras razões, requer a proteção de Deus para conviver com o descontentamento dos lojistas que os vêem como concorrentes “desleais”; com a população geral, em vista deles ocuparem um espaço público, e isso impede o direito de ir e vir das pessoas; os moradores do centro, pois eles provocam com suas vendas, aglomeração no espaço, dificultando o acesso aos imóveis residenciais; e, as próprias entidades classistas que entendem o centro histórico como ponto atrativo ao turismo local e precisa estar sempre belo.(Secon, 2006/2007).

Tais constatações nos fazem crer que a leitura da Bíblia leva Marcos a *enfrentar as circunstâncias da vida*, além



Figura 69. A Bíblia como suporte de proteção.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

de se inspirar para continuar lutando pela família. Já, Carla, encontra na leitura da Bíblia uma forma de convivência com os seres humanos, o que nos leva a pensar que isso, não deixa de ser uma condição para que, ao tratar bem as pessoas, Carla possa atrair mais compradores dos produtos que ela vende.

A forma como Silva define a leitura da Bíblia, remete aos fatos reais da atual sociedade que vive momentos de intensa violência, de modo que no Centro comercial, mais especificamente, os ambulantes precisam da proteção de Deus, e por isso, lê a “palavra” e fortifica a fé para que nada aconteça de mal *com a gente*, ou seja, refere-se ao fato de confrontos policiais pela situação irregular dos ambulantes e, por isso, sempre se dedicam a essa leitura, como demonstra a figura 69, em que um ambulante lê a Bíblia.

A esperança de conseguir melhorar de vida faz Andréa encontrar na bíblia, forças para suportar um dia de trabalho cansativo, e, por isso, estabelece um diálogo com Deus por meio da leitura desse objeto.

De certa forma, embora cada um desses quatro leitores atribuam sentido particular quanto à produção da leitura que fazem da bíblia, notamos que, coletivamente, as condições dessa produção é marcada pela exterioridade dessas leituras que os caracteriza sócio e historicamente no espaço onde trabalham. Eles demonstram, assim, suas identidades de leitura configurada pelo lugar que lhes abriga diariamente como trabalhadores, e é em relação a “esse lugar” que definem suas leituras (ORLANDI, 1991).

✚ Revistas religiosas

Na mesma linha de interesse em encontrar sentido para a vida na palavra de Deus, circula entre os leitores entrevistados, uma revista elaborada pela igreja católica denominada *Deus Conosco*, como podemos observar na figura 70, dado registrado no momento em que uma trabalhadora se encontrava lendo.

Para Tomázia, leitora



Figura 70. Leitura diária da revista Deus Conosco, em favor de um bom dia de trabalho e em busca de proteção.

Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Junho/2009.

assídua da referida revista, há mensagens interessantes à vida das pessoas, principalmente de quem vive uma vida de risco como os ambulantes, de acordo com o dito:

[...] leio mesmo o meu livrinho Deus Conosco (revista católica) todos os dias [...] Nos meus piores momentos Deus não deixa eu abaixar a cabeça, me conforta muito. Eu não era feliz, mas hoje eu sou. Do que adiantava, eu tinha tudo, mas não tinha felicidade [...] leio pouco a bíblia 'Deus Conosco' é retirado da bíblia, é como uma missa. Tem toda a leitura do dia. Todo dia eu leio. Ele é para o mês todo. Cada dia é um salmo. (Tomázia).

Esta trabalhadora, quando ressalta, *leio mesmo o meu livrinho Deus Conosco*, demonstra apego ao conteúdo do discurso religioso advindo da igreja católica, cujo objeto contém uma leitura específica para cada dia do mês. Desse modo, a proposta da leitura desse *livrinho*, orienta cada dia da vida de Tomázia, que acrescenta ler pouco a Bíblia, talvez em vista, de essa revista lhe proporcionar uma linguagem mais direcionada ao que ela realmente deseja, nesse caso, ser leitora na igreja que frequenta, de forma a demonstrar esse interesse adquirindo a revista no convívio estabelecido com os membros da igreja católica que ela frequenta. Por isso, se orienta diariamente por meio da palavra de Deus, escrita e comentada na referida revista. Provavelmente, esta praticidade faz com que Tomázia prefira tal revista à própria Bíblia.

Como Tomázia, Marcos também lê revistas de cunho religioso. Em seus dizeres, pratica a leitura de uma revista da Escola Dominical, cujo texto é direcionado às pessoas da religião evangélica, estudantes do curso de teologia como ele, pois atualmente, consegue interpretar a bíblia, graças às leituras feitas nesse curso.

Quando adulto passei a entender mais o que eu lia, aí, eu me interessei mais, aceitei Jesus [...] eu leio revistas da Escola Dominical.

Marcos é leitor assíduo da Bíblia, desde criança. Se retomarmos trechos de sua infância, veremos que se tornou leitor da bíblia por influência familiar, como afirma:

Nessa época, a minha mãe lia muito a bíblia. Ela lia pra nós. Era noite, antes de dormir, lia a bíblia, ensinava as coisas. Tornei-me religioso por isso. Acho que quando cresci foi um ponto fundamental pra mim. Gosto de ler a bíblia.

Contudo, já na fase adulta de sua vida é que conseguiu entender a leitura que fazia desde criança: *aí, então, na igreja evangélica, me incentivaram*

ainda mais a ler a Bíblia. Assim, na convivência com os evangélicos, Marcos iniciou o curso de teologia, o qual tem como um dos suportes de leitura as revistas da Escola Dominical. Tal revista facilita o *entendimento da Bíblia.*

Dessa forma, ao buscar a história de leitura de Marcos, após anos praticando a leitura da Bíblia, sem compreender o que lia, o que se leva em conta, dada as condições da leitura desse sujeito, diríamos assim: a ilusão da completude está ligada aos processos ideológicos que produzem o efeito de evidência [...] ao mesmo tempo existe a incompletude no plano da linguagem”, de acordo com Orlandi (1996, p. 36), ou seja, “saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente” (Idem, 2006, p. 11).

Portanto, os sentidos que poderiam ser lidos nos textos da Bíblia não estavam nela, isso o fez, recorrer a outro suportes, no caso à revista da Escola Dominical, para encontrar esses sentidos.

3.2.2 Dos jornais e revistas

🚦 Jornal

O jornal²⁵, tanto quanto a Bíblia é um dos objetos de maior circulação nas práticas de leitura dos ambulantes no Centro comercial. A maioria desses trabalhadores compra diariamente e compartilha com os que não compram, e a este, atribuem sentidos diversos:



Figura 71. O jornal, aguardando a trabalhadora atender o freguês.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Janeiro/2009.

²⁵ O jornal é o objeto de leitura visivelmente de maior circulação no Centro comercial. Ele é exposto à venda em pequenas bancas, após os jornaleiros entregarem aos ambulantes que compram e prestam, semanalmente. Esses jornaleiros, aguardam os ambulantes montarem as barracas. Em seguida, eles iniciam o trajeto pela rua João Alfredo e transversais e vão jogando os jornais dentro barracas, sem receber o pagamento. Por fim, os jornaleiros retornam a um determinado ponto dessa rua, e colocam à venda os jornais, geralmente em cima de um carrinho de mão, os que sobraram, após a entrega, aí, eles fazem, em particular, suas leituras.

[...] eu leio todo o jornal completo. Eu gosto de ler o jornal porque tenho esse trabalho e sempre estão mexendo com o ambulante O jornal é uma leitura muito útil pra nós trabalhadores. Eu leio porque gosto. A parte que eu mais gosto é a policial. [...] a gente lendo bastante, desembaraça mais o nosso modo de falar, a gente passa a ler mais rápido (Nazaré).

Para Nazaré, o jornal é um objeto utilitário para os ambulantes. Nele, contém as informações, não só sobre o mundo, mas principalmente, de noticiários sobre os próprios trabalhadores ambulantes. Segundo essa trabalhadora, e conforme a figura 71, em que o jornal aparece em cima de uma caixa de isopor, separado por cadernos de notícias, o jornal é objeto que mais gosta de ler

Quando chego aqui (*comércio*), arrumo tudo, depois eu sento e fico lendo. Quando chega freguês, coloco ele em cima dessa caixa de isopor, atendo, e depois volto a ler de novo.

Ao declarar que gosta mais da parte policial, é possível que esteja relacionado às notícias da categoria, que geralmente saem nesse caderno. Contudo, a leitura do jornal para Nazaré, requer que ela desenvolva a sua comunicação oral, pois isso faz sentido para quem vende e, também, para quem precisa usar a voz para os possíveis confrontos com a polícia, condição que pode levar Tomázia a ler, também o jornal:



Figura 72. Leitura silenciosa cheia de coletividade.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2008.

Leio no jornal só o *que me interessa*. Atualmente, só estou me interessando pelas notícias de jornal que falam sobre a nossa retirada daqui (Tomázia).

O que percebemos, nos dizeres da Tomázia, que só ler o que lhe interessa no jornal, não demonstra ser leitora assídua deste suporte, como muitos trabalhadores ambulantes são. Vejamos:

[...] acho que todo mundo deve ler o jornal pra ficar informado sobre o mundo [...] (Cristiano).

Leio o jornal para ficar informada sobre a nossa cidade, como estão sendo empregados os recursos, as obras, acompanhar essas coisas, a política (Carla).

Nos dizeres dos que lêem jornal, o sentido está na necessidade de se manter informados sobre o que se passa no mundo em geral, e, em particular, com as notícias sobre a situação dos trabalhadores ambulantes que são veiculadas nos meios de comunicação de massa, como pode ser percebido no dizer de Tomázia: *só leio no jornal o que me interessa. Atualmente, só estou me interessando pelas notícias de jornal que falam da nossa retirada daqui.* Tais condições podem justificar inúmeras práticas de leitura do jornal, como demonstra nas imagens das figuras 72 e 73, que retratam ambulantes concentrados, lendo.

O uso do pronome possessivo “nosso” por Tomázia, assegura o discurso coletivo, que por mais que não esteja demonstrado nos dizeres dos demais, a leitura do jornal, entre tantas matérias, saber sobre a situação da categoria de trabalhadores no espaço do centro comercial é a condição primeira que faz com que o jornal seja objeto de leitura de interesse de todos



Figura 73. Práticas de leitura na comunidade de leitores ambulantes.
Fonte: Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2008.

Isto nos prova que essa leitura, nesse espaço discursivo e a relação a ela estabelecida, fazem com que seus leitores construam sentidos para além da leitura individual que fazem dele.

O que observamos também, com base nas práticas de leitura no cotidiano desses sujeitos (figuras 72, 73 e 74), as quais mostram ambulantes lendo jornal, é, que, no processo de luta pelo reconhecimento deles como profissionais, acabaram se formando, na figura do leitor de impressos, *uma comunidade de leitores*, termo cunhado por Chartier (1994). Comunidade esta,

que produz leituras, seja de jornal e/ou de outros suportes, ancoradas na prática e não no hábito, como podemos constatar nas palavras de Carla, quando diz que ler jornal para acompanhar as ações do governo na cidade; *para avaliar como está sendo empregado o dinheiro público*; de forma que cada um deles lê o mesmo objeto de modos e com objetivos diferentes e, que, a partir da interpretação individual, constroem uma rede de interesse coletiva.



Figura 74. Práticas de leituras do jornal na formação de uma comunidade de trabalhadores.

Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Janeiro/2009.

Para Soares, o jornal lhe permite acompanhar os noticiários esportivos, e pelo fato de querer ser jogador de futebol, declara *ter tudo a ver com a minha vida*, daí a relação de sentido que este sujeito atribui à leitura do jornal. Ao encontrar sentido na leitura desse objeto, faz com que esse leitor o leia diariamente, como esclarece:

[...] o jornal tem a ver com a minha vida, é meu interesse pelos times. Tenho um sonho desde pequeno, desde os dez anos leio sobre o esporte. Ser jogador era o meu sonho (Soares).

Convém, ainda, compreender a predominância do jornal como suporte de leitura desses sujeitos, em vista de não terem tempo de acessarem outros suportes como a televisão, por exemplo, presente como veículo de comunicação na maioria dos lares brasileiros, e, mesmo assim, o fato desses ambulantes passarem mais tempo trabalhando do que em casa, isso faça com que pratiquem, diariamente, a leitura de jornal.

✚ Revistas

As revistas, também, fazem parte do repertório de leitura dos ambulantes, como podemos confirmar sua presença na figura 69, momento em que um vendedor, assinante da revista *Veja*, recebeu um exemplar. Esse

trabalhador compartilha com Carla o acesso a revistas desse gênero, como confirma: *elas me dão informações mais globais.*

Soares, por gostar de conteúdos esportivos, sobretudo, os relacionados ao futebol, coleciona a revista *Placar*, conforme depõe:

A revista Placar me mantenho informado sobre o esporte. Eu compro. Eu coleciono. Ela tem o que me interessa sobre esporte (Soares).

A opção de Soares em colecionar a revista *Placar* - conforme demonstra a figura 75, uma prática dessa leitura -, pode estar, como já descrevemos, relacionada ao fato dele gostar, desde criança, de futebol; também por haver sonhado em ser jogador e haver tido a experiência de jogar em um time do Pará, embora não



Figura 75. O interesse do trabalhador pelo esporte.
Fonte: Arquivo pessoal S. Lima. Maio/2009.

tenha dado certo; por alimentar esse sonho desde a infância, parece que, embora jovem, não vê a possibilidade de realizá-lo e agenda em seus planos o mesmo sonho para o filho, como diz:

Tenho um sonho desde pequeno, desde os dez anos leio sobre o esporte. Ser jogador era o meu sonho [...] Vou batalhar pra conseguir realizar esse sonho, seguir essa carreira. É o meu sonho. Tenho vinte e um anos... Vai nascer agora, em julho um filho e, se eu não puder concluir esse sonho eu vou batalhar pra ele seguir essa carreira. É o meu sonho... Por isso, leio o jornal e a revista *Placar* para está atualizado sobre o esporte. Já treinei em vários times, eu ainda continuo. É que eu me dedico ao trabalho e ao estudo e não tenho muito tempo, eu só jogo dia de domingo em campeonatos do bairro.

Ainda, nas palavras desse trabalhador, merece ser observado que, embora ele goste de ler as notícias esportivas em jornais e na revista *Placar* e relacioná-las à vontade de realizar o sonho de ser jogador, a expressão *batalhar* não aparenta relação com o seu trabalho de ambulante e sim com o fato de, além de trabalhar e ter que estudar, isso, talvez, seja a condição para a realização do seu sonho ou do filho, e vê nos estudos essa possibilidade, demonstrando que mesmo trabalhando o dia todo, faz o sacrifício de estudar à noite, por isso, às vezes, precisa parar de ler o que gosta para ler o que é necessário.

Logo, ao pensar nessa possibilidade, gostar de ler as notícias esportivas nos jornais e na revista *Placar*, a leitura que Soares faz desses objetos, parece não ser condição para seguir a carreira de jogador de futebol, porém, estudar sim. Por isso, só estuda para tirar notas boas nas provas, como já afirmou: *As revistas Placar, agora, não estou lendo, porque tenho que estudar pra tirar uma boa nota no colégio. Se tivesse conseguido ser jogador, talvez não lhe interessasse estudar.*



Figura 76. Práticas de leitura como produção cultural dos ambulantes.

Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

As revistas, também fazem parte do repertório de leitura de Andréa, que, mesmo que elas não tenham o valor reflexivo da bíblia, as toma como fonte de conhecimento e informação, porém, se dedica a leituras de revistas que lhe proporcionam desenvolver habilidades manuais, como, fazer crochê e tricô, como descrito:

Sempre gostei de ler revistas Isto É, Época, Veja, para ampliar o meu conhecimento sobre temas em foco no país, como política, trabalho, economia, sobretudo nas matérias que envolvem educação e saúde no Brasil. Leio também revista de crochê, tricô, sobre medicina natural. Eu leio também receitas de comida pra aprender a fazer doces. Leio pra aprender (Andréa).

Vemos nestes excertos, que os objetos de leitura de Andréa estão relacionados a dois fatores previstos, embora não explícitos: as revistas se apresentam socialmente como fonte de informação, logo ela se apropria da leitura desse objeto para adquirir conhecimento, aspecto primordial para que ela possa melhorar de vida, conseguir um emprego com carteira assinada, etc., e ainda se mantém informada dos acontecimentos no Brasil para acompanhar os investimentos públicos nas diversas áreas de interesse da população em geral.

Quando Andréa declara sobre o interesse em ampliar o conhecimento, *sobretudo nas matérias que envolvem educação e saúde*, nos leva a interpretar

o interdiscurso entre os habitantes da cidade de Belém, mais precisamente, devido ao momento em que os veículos de comunicação de massa estavam noticiando o descaso com a saúde pública do município, exemplificado por várias situações de pessoas, sendo que algumas, até chegaram a óbito, por falta de atendimento nos postos de saúde da cidade de Belém.

Quanto à educação, seu interesse por leituras nessa área, deva-se aos fatores relacionados à distribuição de cotas nas universidades públicas, seguidas das bolsas oferecidas pelo Prouni aos universitários, oriundos de escolas públicas do Brasil, pois Andréa afirma ter interesse em prestar o vestibular, como podemos constatar:

Atualmente, estou querendo fazer o vestibular e venho me interessando em ler livros de português, literatura, geografia, matemática. Eu ainda estudo, à noite. Eu faço um curso, então eu trago o meu caderno, a minha apostila e, à tarde, eu estudo pra eu ter mais conhecimento sobre administração de empresa, contabilidade, que eu faço sobre 'administração de rotina'. Eu já fiz a parte de administração. Agora eu faço o de departamento de pessoal (Andréa).

Então, dentre as possíveis interpretações que podemos fazer dos dizeres de Andréa sobre as revistas *Istoé*, *Época*, *Veja*, as relacionadas à educação e saúde, podem se confirmar, à medida em que descreve sua história de leitura, proporcionadas por condições que afetam os seus interesses particulares. Diante dessa constatação, o que vemos é que, não só Andréa, mas, também, para os demais sujeitos, a leitura pode assim ser, resultante de uma produção orientada por seus objetivos e necessidades e por isso, a praticam nos ambientes de seu trabalho, como mostrado na figura 76.

A esse modo, considerar a leitura desses ambulantes como uma produção, implica na revisão de concepções cuja significação dos textos disponíveis ao leitor, se encerra neles e não das ações do leitor sobre a sua materialidade. Se assim esses sujeitos descobriram o como fazer usos de bens culturais, inclusive de impressos diversos e não tão somente os livros, eles, segundo Certeau (2008), “detêm o domínio de grande parte do que se lê garantindo entre outras coisas o domínio sobre o tempo e sobre as coisas” (p. 227).

Quanto às revistas de crochê e tricô, essas remetem a um aprendizado momentaneamente necessário para aumentar a sua renda, pois ela vende também, peças encomendadas de crochê e tricô, junto às confecções infantis.

As revistas também são objetos de leitura desejada por leitores que não têm condições de adquiri-las, como Marcos:

[...] revistas Época, Veja, o pessoal aqui (os ambulantes) lê muito isso. Acho que é isso que eu gostaria de ler, mas ainda não leio. Não empresto, gosto de comprar (Marcos).

O desejo de Marcos em ter vontade de ler, também, as revistas que circulam no Centro comercial, e não as lê porque não gosta de emprestá-las e sim de comprá-las, como ele afirma, talvez, por dificuldades financeiras, ou porque prioriza a leitura da bíblia, ou do jornal, e demais suportes do curso de teologia, contudo, não descartar a possibilidade de vir a lê-las, no futuro.

A possibilidade de ser esses os motivos desse sujeito não comprar as revistas, mais principalmente porque não tem condições financeiras, coincide com alguns pontos que Abreu (2001) nos chama a atenção sobre o elevado índice de desemprego no Brasil²⁶, e paralelo a isso, o discurso do prazer em relação à leitura, de forma que isso possa levar o leitor a melhorar as condições de vida, etc., discurso predominante no contexto escolar, mesmo para quem enfrenta problemas da mesma natureza de Marcos. No entanto, Marcos reforça a predominância desse suporte nas práticas diárias de leitura dos ambulantes quando nos diz que *aqui lê muito isso*, ao se referir às revistas Época e Veja. Na opinião de Abreu (idem) “um desempregado, um faminto, não pode se interessar pela ‘viagem’ proporcionada pelos livros [...] pela alta literatura” (p. 157).

Na perspectiva discursiva em que nos ancoramos para esta análise, nos permite, como analista do discurso, não sermos isentos de gestos de interpretação. Portanto, os dizeres de Marcos sobre não gostar de emprestar e sim de comprar as revistas, e, talvez tivesse a intenção de nos comunicar que gostaria de lê-las, mas ainda não pode adquiri-las, isso nos levou a fazer uma relação com a sua memória discursiva quanto a nos relatou sua história de leitura.

Procurando melhor explicitar isso, valemo-nos do que escreve Pêcheux (1999, p. 52) no sentido de que a memória discursiva “em AD, seria aquilo que

²⁶ Fonte: <http://www.sindicatomercosul.com.br/noticia02.asp?noticia=4348>. Acesso em: 8/11/2009.

O Brasil tem a segunda maior população de desempregados do mundo, com 11, 454 milhões de pessoas, ficando atrás apenas da Índia, com 41, 344 milhões. A revelação está no estudo Globalização e Desemprego: Breve Balanço da Inserção Brasileira, realizado pelo secretário do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade da Prefeitura de São Paulo, o economista Márcio Pochmann.

face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os pré-construídos, os elementos citados e relatados, os discursos transversos, etc.”. Esse discurso, proferido por Marcos sobre a falta de acesso às revistas *Época* e *Isto É*, deva-se ao fato de ver na bíblia tudo que lhe interessa a ler e atribuir sentido para as coisas que ele enfrenta na vida, o que pode ser a causa do seu não acesso às revistas citadas por ele, a constatar:

[...] a gente vai ver que se você lê o jornal você vai ver que é a mesma coisa que a bíblia está falando. Ela fala do que ia acontecer no ocidente. É filho batendo em mãe [...] Tudo o que está acontecendo, a bíblia fala. Acho que de todas as coisas que eu leio a bíblia é a mais interessante. A bíblia é o livro dos livros. Ela é fundamental. Mas você tem que ler outros livros (Marcos).

Portanto, vemos que as referidas revistas, embora Marcos tenha admitido que gostaria de lê-las, nos remete que, pelo fato da bíblia ser o objeto de leitura de maior importância para ele, além de que, é também leitor de jornal, sendo este de linguagem muito próxima às tais revistas, possivelmente, não vê nessas nada que acrescente aos demais, pois elas circulam no seu ambiente de trabalho, há tempos, e também por isso, não vemos que ele tenha realmente interesse em adquiri-las, mesmo quando puder.

Ancoramos nessa possibilidade por reconhecer que o real é aquilo que não pode ser dito pela língua, mas é apreendido pela discursividade, isto é, pela ordem do simbólico, conforme Orlandi (2001); esta é a representação do real da língua pela linguagem; o real se opõe ao simbólico, assim como o simbólico se opõe ao real.

3.2.3 Da leitura de livros

Embora variados objetos integrem o repertório de leitura dos trabalhadores entrevistados, há quem veja utilidade também, nas leituras de livros escolares, como Cristiano e Soares, cujos vestígios podem ser conferidos figura 77, os quais são leitores assíduos de jornal. Entretanto, por serem estudantes do Ensino Médio, afirmam que lêem livros escolares, pois os reconhecem como importantes para a formação acadêmica que pretendem, e pela necessidade de fazer os trabalhos solicitados pela escola:

Hoje vejo que os livros didáticos são importantes pra minha formação escolar. Os de filosofia que eu lhe disse que gostava de ler? Estou parado de ler livro de filosofia (...) é uma fase da pessoa de ler uma coisa, ler outras coisas, vai mudando de leitura. Hoje leio mais jornal,

e pra minha formação leio livros. Quero ser engenheiro. Quando folgo, leio só jornal (Cristiano).

As revistas Placar, agora, não estou lendo porque tenho que estudar pra tirar uma boa nota no colégio. Fora isso, só leio (matérias e livros do colégio) quando perco a matéria pra recuperar, quando tenho que fazer os exercícios. No dia - a - dia, eu não deixo de ler o jornal pra eu ficar atualizado sobre o esporte. Atualmente, eu estou lendo um livro (apostila) pra fazer o concurso da guarda municipal e é necessário eu ler. Essas eu leio por necessidade, mas o que eu gosto mesmo é o jornal e a revista Placar (Soares).

A estas afirmações, destacamos, inicialmente, a feita por Cristiano sobre considerar importante a leitura de livros escolares para a sua formação.

Quando ressalta: *hoje vejo que os livros são importantes para a minha formação*, nos causa a impressão, se recorrermos à teoria da enunciação, que ele diz o que só pode ser dito dessa maneira a respeito desse tipo de objeto. Se desfizemos os efeitos dessa ilusão, inicialmente verdadeira por esse



Figura 77. Vestígios de escolaridade na vida dos trabalhadores ambulantes.

Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Setembro/2009.

leitor, analisamos que o que é dito por ele é o mesmo discurso dito por outros, em outras condições, segundo Orlandi (2007).

Essa suspeita pode estar fundamentada na espontaneidade que Cristiano declara quando está de folga ou de férias, só gostar de ler o jornal, deixando de lado o que conceitua como importantes para a sua formação: os livros didáticos. Há vestígios interessantes e contraditórios no discurso de Cristiano a esse respeito, pois, em conversa informal, antes da gravação da entrevista, ele havia dito gostar de ler livros de filosofia, e no momento da entrevista gravada, reconstrói o seu discurso e diz: *Os de filosofia que eu lhe disse que gostava de ler? Estou parado de ler livro de filosofia*, e acrescenta: *é uma fase da pessoa de ler uma coisa, ler outras coisas, vai mudando de leitura*.

Tal afirmativa nos remete analisar que, à medida que ele vai fazendo as disciplinas do currículo escolar, vai se dedicando a alguma leitura para realizar os trabalhos pedagógicos propostos pelos professores, e que demandam ler, como pode ter acontecido com as leituras que ele precisou

fazer dos livros de filosofia, momento em que ele, também afirmou que só quem mandavam os alunos ler, em sua escola, *era a professora de filosofia e sociologia, que era a mesma.*

Afirmar que a leitura *é uma fase da pessoa de ler uma coisa, ler outras coisas, vai mudando de leitura*, talvez justifique que ao dizer que hoje ele vê que os livros são importantes para a sua formação, esses, ou seja, os atuais a que ele se refere, estejam relacionados à precisão de estudar para prestar o vestibular para o curso de engenharia, o que certamente lhe permite reconstruir o discurso escolar de que precisa estudar para poder conseguir realizar o seu sonho. E, tradicionalmente, na história da educação brasileira, estudar significa ler livros, e, sobretudo os recomendados pela escola.

Como podemos observar, Cristiano se encontra posicionado em dois pólos de tensão, se nos ancorarmos nas contribuições advindas da história cultural, em Chartier (1990). Para este autor, Cristiano está entre a sua produção e a sua recepção com relação aos objetos que lê, e em que condições as palavras desse sujeito estão sendo empregadas. A esse respeito, Pêcheux corrobora: “As palavras, expressões, proposições, etc., adquirem sentido, segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (1988, p. 160).

Então, por um lado, ele responde à leitura regulada por uma espécie de intenção pedagógica, que busca nos textos (livros didáticos) recomendados, o motivo para que possa lê-los, no caso, ser engenheiro; por outro lado, sob outras condições ligadas ao contexto em que trabalha, vê a importância de ler o jornal, os folhetos bíblicos, etc., logo, ao lado desses dois dispositivos de produção e recepção, ele assegura a sua posição de leitor, por ora, os livros didáticos, e sempre, o jornal.

Desse modo, os sentidos que ele pode produzir dos objetos que lê, dependem também, do imaginário que Cristiano faz dos lugares sociais em que ele está inscrito (escola e trabalho) os quais lhes afeta e lhes leva a produzir aquilo que, para ele como leitor, se apresenta como o sentido. Isto posto, seus enunciados: *é uma fase da pessoa de ler uma coisa, ler outras coisas, vai mudando de leitura, e, [...] Hoje vejo que os livros são importantes para a minha formação*, ressoam não só como enunciados por ele, atualmente, mas

pode ter retomado cada sentença de discursos outros que geraram os efeitos atuais para Cristiano.

A concordar que as pessoas “lêem de formas diferentes, com interesses e resultados também distintos”, segundo Abreu (2001, p. 154), como constatamos as práticas de leitura em voz alta, na figura 78 e silenciosa, na figura 79, e, por isso, este estudo procurou abordar práticas de leitura como essas, e apropriações dos objetos ou de suas formas como produtoras de diferentes significados e usos, retomamos, também, os dizeres de Soares sobre a representação que faz dos textos escolares.

Para Soares, que assegura se interessar por materiais esportivos, com destaque para a revista *Placar*, demonstra claramente a necessidade

de ter que deixá-la por certo período de lado, pois, *agora, não estou lendo porque tenho que estudar pra tirar uma boa nota no colégio* - momento em que ele dava entrevista às vésperas do período das avaliações escolares e estudava em apostilas. Soares, ainda, declara: *Fora isso, só leio (matérias e livros do colégio) quando perco a matéria pra recuperar, quando tenho que fazer os exercícios.*

Esses dizeres de Soares sobre o que precisa lê, tanto para se sair bem nas provas quanto para recuperar os conteúdos perdidos, “responde o discurso da análise de discurso [...] que todo discurso se produz em certas condições” (ORLANDI, 2006, p. 28). O que interpretamos, do que foi dito por esse sujeito, que ele só deixa de ler a revista *Placar* quando lhe é imposto condições irreversíveis pensadas pela escola. Por trabalhar

durante o dia e estudar no turno da noite, ele aproveita o tempo que destina a



Figura 78. Prática de leitura em voz alta.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2008.



Figura 79. Prática de leitura silenciosa.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

ler os impressos sobre esporte para ler os conteúdos escolares. E, também, nos leva a considerar, caso não houvesse essas condições, de ter que tirar uma nota boa para passar, não leria os *materiais e livros do colégio*.

Tanto os ditos *livros didáticos* por Cristiano, bem como *materiais e livros do colégio* por Soares, são expressões que remetem aos livros (xerocados ou não) como suportes recomendados pelo saber instituído. Este, sempre demonstrou sua importância como elemento de diferenciação social e cultural na sociedade ocidental (Certeau, 2008; Chartier, 1994), enquanto outros suportes, muitas vezes foram e ainda são deixados na penumbra da marginalidade, como a revista *Placar*, por exemplo, lida por Soares.

Tornou-se importante, que ressaltássemos sobre os usos dos advérbios *hoje, agora, atualmente*, por Cristiano e Soares, ao se referirem à *leitura dos livros didáticos, materiais e livros do colégio*. Tais expressões, por serem marcadores temporais da língua, possam definir o tempo de uso desses suportes por esses dois, que assim que alcançarem os seus objetivos, perderão suas funções para eles. Por exemplo, o dito de Soares, em relação à necessidade de passar no concurso da Guarda Municipal: *Atualmente, eu estou lendo um livro (apostila) pra fazer o concurso da guarda municipal e é necessário eu ler*. A necessidade, nas palavras desse sujeito, é condição inerente à prática de leitura de certos objetos, cujo gosto ou prazer não fazem sentido e sim a necessidade.

Desta forma, vimos que o discurso construído por esses dois sujeitos sobre os livros escolares, é historicamente determinado por uma formação social que os absolutiza, em que procura se obter um único sentido para esses objetos, comuns às instituições escolares, como maneira de assegurar maior controle sobre as suas atividades, sem conseguir sair das estruturas uniformizadas para usos e significações diferenciadas de leitura e como um conjunto de referências necessárias à ação, as práticas escolares ditas “tradicionais” guiam as formas de ensino e de aprendizagem.

Com essas considerações, podemos retomar a declaração de Cristiano, ao afirmar que a leitura *é uma fase na vida da pessoa de ler uma coisa, ler outras coisas, vai mudando de leitura*. Ou seja, os leitores criam, a partir de suas experiências e lugares, suas leituras, e podem, de acordo com o

que lhes interessa ler, reagir e não se submeter às coações de uma política que procura fixá-los num sentido único.

Neste sentido, segundo Chartier (2000), uma das razões para essa resistência, está no fato de que as “relações pedagógicas de aprendizagem” se colocam em oposição àquelas que caracterizam as trocas verbais, cujos sentidos são construídos na interlocução. Ao exigirem uma leitura solitária daquela que deve buscar internamente ao texto, seus significados, desconsidera que eles foram fixados por uma cultura escrita, só acessível aos que compartilham do mesmo capital cultural.

Ao construir uma trajetória de leitura com base em livros didáticos, Carla afirma: *Até hoje tenho os meus livros didáticos guardados, mas não leio mais*. Essa afirmação caracteriza a presença acentuada dos livros didáticos, enquanto “os livros certos, os livros positivamente avaliados pela escola” (Abreu, 2001, p. 154), os quais sempre estiveram vinculados à noção de cidadania, de conhecimento, de valor estético. Entretanto, ao deixar o ambiente escolar, Carla teve acesso a outras leituras, que “mesmo que materialmente idênticos aos livros certos, são não - livros”, destaca Abreu (Idem).

A essa postura, Bourdieu (1983) relaciona a uma violência simbólica, que ao se apoderarem da produção lingüística e da produção de sentidos, passaram a impor, por meio das práticas escolares, formas de apropriação e produção textual consideradas legítimas dos textos escritos e que



Figura 80. Práticas de leitura não escolares.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Junho/2009.

tendem a se impor à custa de outras práticas menosprezadas, (figura 80) como as que acontecem no cotidiano do centro comercial de Belém.

Contudo, temos que reconhecer que a leitura tem histórias e não pode ser vista como uma abstração, como um processo universal e a-histórico. Carla, ao deslocar seu olhar para outros objetos de leitura, como a Bíblia, por exemplo - *Depois que eu acabei o segundo grau, conheci a Bíblia*-, e outros livros, estabeleceu uma relação com esses suportes dotada de sentidos

próprios, de modo que ela consegue selecionar o que lê, além da Bíblia, e, ao mesmo tempo, não resgata a leitura instituída que lhe marcou o passado.

Leio também o jornal e revistas, mas esses eu empresto, troco com o meu vizinho aqui, ele é assinante e nós trocamos. As revistas me mantenho informada sobre coisas mais globais, matérias, conhecimento (Carla).

Entretanto, o poder estabelecido pelo livro, em todos os tempos, faz com as pessoas, assim como Carla, querer possuir uma biblioteca, provavelmente pelo valor simbólico que esse objeto representa socialmente, quando declara: *Tenho um sonho de ter uma biblioteca em casa, só minha*. Ao afirmar isso, Carla nos passou, inicialmente, a impressão de querer ter uma biblioteca de livros didáticos, pois ainda os tem em casa, guardados, mesmo tendo deixado à escola. Contudo, a partir do momento em que ela conheceu a bíblia, e, provavelmente teve dificuldade de interpretá-la, buscou ajuda nos livros auto-reflexivos, expostos na figura 81, junto aos produtos que comercializa:

[...] Mas, para compreender melhor, comecei a ler livros auto-reflexivos de autores como Max Lucado, Khaled Hosseini, Augusto Cury, entre outros. Comecei a gostar quando li Pais brilhantes professores fascinantes, O vendedor de sonhos [...] O Caçador de Pipas... Eu gosto de ler (Carla).

Estes dizeres de Carla, associados ao fato de ela ter dito que livros com desse gênero são significativos para sua vida pessoal e profissional, isso nos levou a pensar que o sonho em possuir uma biblioteca ser desses e não dos didáticos que estão guardados em sua casa, pois se ainda os tem, já deveria ter iniciado o acervo da tal biblioteca. Também, notamos que Carla, por ser evangélica e dizer não ter preconceito com outras religiões, queira provar isso, lendo livros de autores espíritas, como Augusto Cury, por exemplo. Ainda, assegura



Figura 81. Práticas de leitura de livros auto-reflexivos.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Junho/2009.

que atribui sentidos a esse tipo de literatura porque tornam as pessoas mais humanas, conforme ressalta:

São lições de vida que mexem com a gente... nos fazem refletir sobre a nossa vida, sobre as nossas relações com as pessoas, a família. Tem passagens que eu leio para o meu esposo, para os meus filhos e eles escutam. De tanto o meu marido me ver lendo, que ele já lê mais rápido do que eu. Quando sai, eu logo compro (Carla).

Ao analisar tais declarações de Carla sobre os livros auto-reflexivos, em relação aos efeitos de sentido por ela declarados, entendemos que a biblioteca na a que se refere, haverá predominância desse gênero e não dos didáticos guardados, há mais tempo. Na nossa compreensão, ainda, outros efeitos de sentido também são possíveis, quanto ao fato de ser evangélica, e não preferir unicamente a bíblia, como tradicionalmente prefere uma pessoa evangélica.

A leitura de livros auto - reflexivos pode materializar fortemente o enfrentamento entre posições de sujeito como Carla se posicionar contrária aos princípios formadores da igreja evangélica e fazer intervenções, quando ressalta em conversa informal: *Deus é único!* Assim entendido pela teoria da AD: [...] ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro (ORLANDI, 2007, p. 35)

Dessa forma, podemos interpretar que os dizeres dessa pessoa estão inscritos contrários à posição de um sujeito que abriga saberes da religião evangélica. Este posicionamento político pode estar presente no discurso elaborado por Carla, quando não distingue as leituras recomendadas pela sua igreja a das dos livros auto-reflexivos, inclusive os escritos por espíritas, geralmente discriminados pelos evangélicos.

Como percebemos nos dizeres de Carla, que a sua relação com leituras não acadêmicas e ao mesmo tempo atribui-lhes sentidos, fazem parte de um momento presente da sua vida, inclusive as revistas que empresta do seu vizinho ambulante para ter uma visão global do mundo, provavelmente porque o jornal lhe permita informações mais restritas. Então, interpretamos, nos dizeres de Carla, que o conteúdo desses suportes lhes dá uma visão mais ampliada do mundo, de *leituramundo* (Freire, 1988), que nem sempre ao longo de sua escolarização a palavra mundo não estava presente. Os seus dizeres

nos repassam que sua posição atual a faz reescrever uma história de leitura por meio de uma prática mais consciente, daí a elaboração do seu discurso.

3.2.4 CDs e DVDs

Nos dizeres dos ambulantes, há constância de CDs e DVDs no Centro comercial, como já havíamos identificado, inclusive como recurso didático, como, dicionários, cursos técnicos, etc., mostrados na figura 82, mas eles selecionam os de suas preferências:



Figura 82. DVDs de programas de computador e Bíblia.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2008.

Aqui, eu já vi DVD de geografia e português para vender. Tem muito DVD, de matérias do colégio e de outros filmes. Esses (filmes) eu compro e assisto, os do colégio eu não compro (Soares).

Observamos que os DVDs contendo conteúdos que envolvem filmes de maior “popularidade”, geralmente lançados há pouco tempo nos cinemas do Brasil, assim como CDs, também de sucessos nacionais e internacionais, são produtos abundantemente comercializados, principalmente na Rua João Alfredo. No entanto, parecem não fazer parte do repertório de leitura destes ambulantes, em particular, dos entrevistados, pois citam sua evidência no espaço, mas não confirmam interesse, como nos revela Tomázia, em conversa informal, antes da entrevista:



Figura 83. Cópias de DVDs e CDs evangélicos, à venda no Comércio.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

Gosto muito de escutar música acompanhando a letra. Tenho vários CDs. Agora, quero comprar o do Padre Fábio de Melo, mas o original. Esses daqui, não.

Ao preferir comprar DVDs voltados ao entretenimento e não os didáticos, Soares demonstra não se interessar por conteúdos relacionado a sua escolarização, a não ser sob a condição de tirar notas boas ou realizar um trabalho escolar, se considerarmos a mesma condição que lhe leva a estudar os conteúdos escolares. Porém, se tiver que investir, gastar algum dinheiro, que seja para ele se divertir, por isso, prefere os desse gênero.

Enquanto isso, o olhar crítico de Tomázia à falta de qualidade dos mesmos suportes vendidos no comércio - refere-se às cópias desses objetos comercializados no Centro comercial, como os da figura 83 -, nos remete o cuidado que ela demonstra ter com os seus investimentos, quando afirma esses *daqui, não*, ou seja, CDs e DVDs não originais.

Ao gostar de escutar a música acompanhando a letra, Tomázia nos revela, mais uma vez, a intensidade da leitura sobre o que lhe interessa ler. Nesse caso, por exemplo, adquirir o CD original do padre Fábio de Melo, cujos conteúdos das músicas dele estão relacionados à religião católica, pode ser uma forma de ela intensificar mais o seu conhecimento acerca da religião que segue, como diz:

Eu gosto de acompanhar a música, sem a letra eu não sei cantar. Eu quero ler lá na frente! Fazer a 1ª leitura, a 2ª leitura, fazer um salmo, sabe? Mas só gosto de comprar os originais (Tomázia).

A razão de Tomázia preferir o CD original e não a cópia deve-se ao fato de ser colecionadora desse gênero, e, geralmente, as pessoas que gostam de colecionar determinados objetos, preferem os originais, além de que, para Tomázia, a música lhe traz boas lembranças:

Na minha juventude gostava muito de copiar letras de música, aprender a cantar. Deitava na rede pra embalar meus irmãos e cantar. Ainda gosto muito de música, tanto as do passado como as da igreja. Tenho muitos CDs. [...] Estou aprendendo cada vez mais com as minhas leituras.

As práticas de leituras dessa trabalhadora, por delimitados que sejam seus objetos – jornal, revista, CDs, salmos -, são práticas intensas, significativas para a sua vida, e, ainda assim, é possível que não se reconheça como leitora, bem como os demais entrevistados.

3.2.5 Panfletos e letreiros

Os panfletos e letreiros (figuras 84 e 85), como nós já havíamos identificados fazem parte do dia – a – dia do ambulantes do centro comercial. Entretanto, como já havíamos suspeitado, os entrevistados não os elegem como objetos de leitura, provavelmente pelo discurso histórico que concebe leitura somente de livros.

Contudo, reforçamos a importância desses gêneros para o contexto social em que eles circulam, especificamente no espaço desta pesquisa. A presença marcante desses no neste cenário, se intensificou, principalmente com a chegada dos ambulantes no espaço, pois é como se existisse dois comércios: um dos lojistas e outro dos ambulantes, sendo que estes agrupam as barracas no centro da principal rua do comércio, a João Alfredo e formam uma espécie de corredor, enquanto as lojas funcionam nos prédios históricos do local.

Esse fato têm provocado em ambos, o sentimento de disputa pelos clientes que transitam diariamente pelas ruas do centro. Isso faz com que os lojistas se apropriem do recurso da propaganda, por meio de impressos (figura 85), os quais são distribuídos para as pessoas que por este espaço circulam. Por outro lado, os ambulantes oralizam suas propagandas, e, como já anunciamos, estes se sentem em desvantagens.

Ao pensar por esse lado, estamos confirmando a hipótese de que haja recusa por parte dos trabalhadores ambulantes em relação aos panfletos e



Figura 85. Panfleto com propagandas de confecções.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Julho/2009.



Figura 84. Letreiros com propagandas de serviços do mercado formal.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Setembro/2009.

letreiros espalhados pelas calçadas, em frente as lojas porque representam a concorrência para eles e, também, a marca da formalidade.

Portanto, esses objetos, não aparecem nos discursos dos ambulantes entrevistados, como podemos constatar no modo como Tomázia se refere a eles: [...] *é propaganda, não me interessa em ler as propagandas que passam dando por aqui.*

As palavras dessa trabalhadora nos confirma certo descaso para esses suportes. Entretanto, não se pensa o mesmo dos folhetos bíblicos, os quais também são distribuídos nas ruas do centro e, como os panfletos de propagandas, têm formatação pequena, fácil de serem descartados como os outros que aparecem jogados no chão. Sobre esse a opinião é diferente:

[...] *propaganda de lojas, de jóias, panfletos de tudo, folhetos bíblicos, muita coisa. Desses, eu só leio os folhetos bíblicos que o “irmão” passa dando* (Silva).

A interpretação em relação a possível distinção que os trabalhadores fazem entre os folhetos bíblicos e os de propaganda, não esgota outras possibilidades, pois, para a análise do discurso existe a incompletude no plano da linguagem e não daríamos conta de um arsenal de sentidos que os entrevistados poderiam atribuir quando por não lerem propagandas, como afirma Orlandi (1996, p. 22) “a ilusão de completude está ligada aos processos ideológicos que produzem o efeito de evidência”.

Há razões, ainda que a própria história da leitura explica, pois esta está inscrita em modelos de suportes delimitados, cujo livro, e, sobretudo o escolar, é mantido como legítimo suporte, enquanto outros não são recomendados e se submetem a “objetos cujas formas comandam se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis” (Chartier, 1996, p. 8).

Portanto, ao constatar a não presença dos objetos identificados nos discursos dos ambulantes entrevistados, embora confirmem as suas existências no espaço, procuramos compreender as razões desse contraste, tendo em vista que convivem diariamente com tais objetos. Inicialmente, ao identificá-los, dentro do que foi possível, e após verificarmos que não apareciam nos dizeres dos entrevistados, elaboramos outra possível interpretação, que, se ainda não reconhecidos é porque também, sua

comunicação decorre apenas sob o enfoque da informação. Entretanto, “na perspectiva da análise do discurso “[...] tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade etc.” (ORLANDI, 2006, p. 17).

Como podemos observar nos dizeres dos trabalhadores entrevistados, tais objetos mesmo que possam ser lidos por eles, e devem ser, pois estão expostos no mesmo espaço de trabalho, eles não os assumem nos seus repertórios.

Em relação aos letreiros, os quais ficam expostos nas calçadas, para atrair os clientes que passam pelo “corredor” dos ambulantes, acabam por fazer parte da mesma categoria quando são serviços pequenos. Entretanto, quando as propagandas são das lojas, elas não adentram o corredor, ficam, no máximo, na calçada da própria loja.

Os suportes contendo preços e tipos de lanches, ou comidas típicas da região, nos pareceram mais distantes de que esses possam ser reconhecidos como objetos de leitura, mesmo que não causem nenhum tipo de ameaça aos ambulantes, pois existem barracas de comidas nas esquinas das ruas que são freqüentados por deles.

Logo, as figuras que mostram panfletos diversos e letreiros fazem parte das relações que fazem do Centro comercial de Belém um cenário de objetos de leitura, que, no processo de transformação social ganham espaço nos contextos que demandam um meio de comunicação por eles propiciada.

Certamente, haveria muitas outras perspectivas de análise e variados caminhos teóricos para um aprofundamento dessa questão. No entanto, o que nos valeu para este estudo, foi o que nos afirma Thompson (1992, p. 145) “[...] todos estão sujeitos a pressões sociais do contexto em que são obtidos. Com essa forma de evidência, o que chega até nós é o significado social, e este é o que deve ser avaliado”.

Portanto, reconhecemos que outras abordagens, sobretudo nos interesses da Linguística Aplicada, estudos sobre os gêneros textuais e discursivos, possam melhor analisar esses fenômenos que já se tornaram triviais e, portanto, históricos, necessariamente vinculados à vida cultural e social.

Ao constataremos possíveis relações feitas aos objetos de leitura, ditos de margem, embora tenham sua função social nas práticas de letramento que acontecem no espaço do Centro comercial, percebemos a urgência em ampliar a discussão sobre gêneros textuais nas agências de letramento, sobretudo às institucionalizadas, posto que, embora se diferenciem do suporte livro, precisam ser inseridos nos contextos discursivos por terem, também uma função social.

Ao propor que a discussão a esse respeito seja ampliada, consiste em superar efeitos de concepções reducionistas de leitura, que privilegiam uns suportes e desprezam outros e que não reconhecem práticas de leituras, como mostra a figura 86. Isso, inclusive faz com que muitas pessoas separem as leituras que fazem na escola das produzidas em outros espaços, e disto os ambulantes não deixaram de ressaltar quando separam as práticas de leitura da escola e as de fora dela.



Figura 86. A concentração para ler as notícias.
Fonte. Arquivo pessoal S. Lima. Agosto/2009.

Ao separarem essas práticas, os trabalhadores as definem como as que lhes fazem sentido por interesse pessoal, vocação e as que reconhecem como necessárias, como podemos rever:

Atualmente, estou querendo fazer o vestibular e venho me interessando em ler livros de português, literatura, geografia, matemática (Andréa).

As revistas placar, agora não estou lendo porque tenho que estudar pra tirara uma boa nota no colégio (Soares).

Hoje, leio mais jornal, e pra minha formação leio livros. Quero ser engenheiro. Quando folgo, leio só o jornal (Cristiano).

Esses depoimentos nos mostram que a relação com objetos de leitura, tipicamente escolar, se presentifica na vida dos ambulantes apenas quando ainda têm vínculos com o saber institucional. Quando essa relação se desfaz, outros objetos se sobressaem em seus depoimentos, como podemos retomar os dizeres de Carla, para exemplificar:

Até hoje tenho os meus livros didáticos guardados, mas não leio mais. Depois que eu acabei o segundo grau, conheci a bíblia. Mas,

para compreender melhor, comecei a ler livros auto-reflexivos de autores como Max Lucado, Khaled Hosseini, Augusto Cury, entre outros. Comecei a gostar quando li Pais brilhantes professores fascinantes, O vendedor de sonhos [...] O Caçador de Pipas... Eu gosto de ler. Tenho um sonho de ter uma biblioteca em casa .

No depoimento de Carla se confirma a constatação de que, após o desfecho de uma vida escolar que priorizava os livros didáticos como suporte de leitura à formação acadêmica, ela passou a priorizar o que lhe fazia sentido para a vida, independente do objeto, mas carrega consigo as marcas de sua história de leitura, cujos livros didáticos e sua dedicação a eles impressionava o professor:

[...] queria impressionar o professor, mostrar que eu não estudava só pra tirar notas boas nas provas, mas porque eu era interessada, eu queria aprender mesmo.

Nos dizeres de Carla, quanto às condições que determinavam ler os livros didáticos, pois *“queria impressionar o professor”*, remonta o quanto poderoso era (ou é) a leitura recomendada pela escola, sobretudo, pelo discurso da moral, o que, nas palavras de Chartier (1990) a ordem almejada pelo olhar da autoridade, ou seja, o livro recomendado pelo professor, acentuado na posição dos livros didáticos no processo de ensino e, conseqüentemente, no seu controle.

Um texto, pensado amplamente como uma Grande Literatura (Abreu, 2003, 2005), ou seja, sem preconceitos de ser ou não o objeto livro, de ser ou não o leitor idealizado institucionalmente, mas por uma leitura pensada a partir do que, de fato, signifique para o leitor, aqui, em especial, para os trabalhadores ambulantes.

Se considerarmos que o mundo é um texto impresso em um conjunto de signos verbais e não verbais, imagens construídas, bem como linguagens que permeiam a realidade, o Centro comercial de Belém é uma linha dele, a ser reconhecido como importante para o leitor, seja vendedor ou cliente, mesmo que não se reconheçam como leitores nos eventos de leitura inseridos diariamente, embora reconheçam que, no movimentado espaço onde passam o dia trabalhando, circulam variados tipos de impressos:

Aqui no comércio, circula de tudo pra ler como : propaganda, jornal, folhetos bíblicos. Aquelas propagandas de ouro, da Mãe Delamari, também, mas não leio. Eu não tenho tempo pra ler, mas todos os dias leio o jornal e os folhetos bíblicos. Propagandas, às vezes. Acho importante, mesmo, ler o jornal e os folhetos bíblicos (Cristiano)

Ao afirmar que não tempo para ler, embora leia diariamente o jornal e os folhetos bíblicos, Cristiano retrata um perfil de leitor que só se reconhece leitor se ler livros. A isto, e a quem tira os leitores comuns de cena, como os aqui demonstrados, Certeau (2008, p. 269 - 70) pondera:

Os conhecimentos e os símbolos expostos são objetos de manipulação pelos praticantes que não são os fabricantes. A produção da literatura de cordel, as credences populares, as cantigas, os provérbios populares, os discursos e as leituras subvertem pelas “maneiras de usar” a linguagem, a fatalidade da ordem estabelecida. Mas para apreender essas maneiras de fazer, ou as maneiras de usar a linguagem e escrevê-la ou inscrevê-la no sistema lingüístico, é preciso analisar o discurso, os atos da fala, os atos de leitura, não descrevendo-os fora do seu contexto de uso atos de leitura, e das operações dos locutores em circunstâncias particulares, mas nas ligações com as circunstâncias, os lugares e o tempo histórico de que é feita a cotidianidade, indissociável da existência e da experiência dos sujeitos – onde são “atores e autores”.

As palavras desse autor ressoam ao reconhecimento da existência de práticas reais de leitura, em que leitores, inconscientes da regulação dogmáticas daqueles que oferecem resistências a questionamentos e modificações em favor de tais práticas, inscrevem-se e as escrevem dentro de seus contextos históricos, alheios a possíveis desqualificação que a eles é, tradicionalmente feita.

Além desses objetos identificados nas práticas de leitura dos ambulantes, aliados ao volume de impressos que se agrupam em várias categorias de gêneros é a realidade na ambiência do Centro comercial de Belém, como vimos, e isso possibilita a esses trabalhadores se incluírem nas mais variadas formas de comunicação.

Nesta abordagem, compreendemos que as razões para ler se ampliam e os gêneros textuais, seus usos e formas se multiplicam e se diversificam como materiais de leitura. Assim, cabe às instituições formais inseri-los em suas atividades de leitura, legitimá-los, também, como o livro, pois, como vimos, os leitores fazem distinção entre o que se lê na escola e o que se lê fora dela, como rememoram:

Não gostava de ler jornal nem revista, não achava importante, mas via o meu pai lendo e aprendi a gostar. Livro da escola era o que menos gostava de ler. Não tinha interesse, não achava interessante (Cristiano).

Na adolescência gostava de ler romances, poesias. Mexia com a gente o romance de amor. Era pra ver se eu tinha paixão, aprender a

me comunicar com as pessoas, impressionar, saber falar com o namorado. Mas lia também livros das aulas pra aprender a responder as provas (Tomázia).

Nos dizeres de Cristiano, a figura do pai lendo o jornal não lhe causava importância, possivelmente por não considerar o jornal uma leitura autorizada e nem o pai como exemplo de leitor, embora tenha aprendido a gostar de ler jornal porque, desde criança, o pai já era leitor desse suporte. Já, o livro da escola, por mais que não gostasse, até menos que o jornal, o fato de dizer que não o *achava interessante*, afirma que era importante.

A esta possibilidade de interpretação, segundo Orlandi, (2006, p. 11) “o que está dito, mas que, de certa forma, sustenta o que está dito; o que está suposto para que se entenda o que está dito; aquilo a que o que está dito se opõe”. Isto posto, Cristiano, no que disse de negativo sobre o livro, confirma positivamente, a sua tradicional importância, contudo, o que gosta mesmo de ler é o jornal.

A presença visível da divisão do que venha a ser leituras, constatamos nos dizeres de Tomázia, quando esta afirma que também lia livros, como se o que gostasse de ler (romances, poesias) não fosse leitura, talvez porque estivessem impressos em outros suportes.

Essa forte divisão que muitos fazem da leitura, em que os livros reconhecidos pela escola ficam de um lado, e, de outro, os suportes de margens, não autorizados, atravessa a história da leitura no Brasil, em especial, graças a uma política disciplinar e ao poder instituído, durante toda a história educacional do país. Portanto, é possível que as concepções, de fato se ampliem para que, objetos, leitores e práticas de produção de leitura que acontecem em outros espaços discursivos, possam ser incluídos.

Às escolas, cabem a função de fomentar práticas de leitura que insiram os alunos numa sociedade letrada, dado os bens materiais e imateriais que na sociedade brasileira são produzidos e difundidos, em especial por meio de impressos.

Pelas práticas de leituras que acontecem no Centro comercial e por entre os dizeres dos sujeitos entrevistados, desenha-se a figura de um leitor que só se interessa em ler o que, de fato, está relacionado ao seu contexto

social e histórico, sem a preocupação se as práticas de leitura que produzem os retratam como leitores e não leitores.

Quanto aos objetos de leitura, deixamos por conta do que nos dizem Certeau (2008, p. 226) e Chartier (1990, p. 127), quando afirmam:

[...] quer se trate do jornal ou de Proust, o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapa; não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor.

Com essas reflexões feitas por esses dois autores, o que vimos nos sujeitos desta pesquisa um certo distanciamento em relação a um modelo de leitor, pois embora leiam diariamente, não se reconhecem como tais. Na verdade, fora dos pressupostos pensados pela escola, esses sujeitos têm um convívio intenso com a leitura, em que para construírem sentidos, o que vale é a vida:

Porque se tira esses camelôs da rua e ele está trabalhando, encontrando uma maneira de sobreviver, a pessoa que não tem um bom pensamento, uma boa leitura, vai virar marginal (Marcos).

Se essas práticas de leituras demonstradas neste estudo são comuns, talvez tenhamos muito a lucrar se, ao invés de distingui-las das já estigmatizadas, se entendêssemos que diferença não precisa ser sinônimo de desigualdade, as tomássemos como o verdadeiro retrato da leitura no Brasil, retrato este amplamente considerado, em que objetos de leitura e tudo o que é dado a ler, inclusive o livro e não só o livro. Que isto possa reorientar as nossas intervenções rumo à construção de uma sociedade, de fato, letrada.

Para dizer é preciso não – dizer

*Toda história depende, basicamente, de sua
finalidade social.
Quando não existe história alguma disponível,
ela é criada.
(Paul Thompson)*

Estas palavras de Thompson (1982) soaram verdadeiras para a realização deste trabalho que iniciou timidamente, na procura de um referencial teórico que validasse a sua relevância para a educação. Sabemos que ele é apenas o primeiro fio de um grosso novelo a tecer uma outra história. Porém, as “táticas” que o fizeram caminhar na contramão do tradicional, foi fruto de uma história mal contada, e que, ao longo do tempo, não conseguiu inserir em seu enredo os personagens “ordinários” e nem as suas práticas.

De forma diferente, este estudo tenta (re) criar uma história de leitura, de homens e mulheres em um dado tempo e espaço, sem preconceitos, com finalidade social. Foi um desafio quanto ao seu percurso instigante, escorregadio e sem tradição no procedimento de pesquisa na área da temática leitura, principalmente porque me colocou diante da oportunidade de lançar um olhar, a mim mesma como educadora, formada por uma tradição acadêmica enraizada em regras e crenças, diferentes das que acontecem no contexto deste estudo.

Apesar dos desafios e, talvez, por causa deles, o fato é que este trabalho me pareceu, desde o início, tentador, sobretudo pelos leitores desconhecidos, pelas leituras que me aproximei e pela intensa convivência com as fontes que encaminharam a produção e a análise dos dados. Estavam certos os autores da nova história cultural: há heróis de verdade que precisam entrar para a história, e os que vivem no Centro comercial de Belém, fazem da leitura, a maior representação desse espaço.

As “táticas” que os levam a ler no barulho, no calor, sob a poluição sonora, no desconforto, no confronto diário com os que lhes querem longe do espaço, enfim, isso tudo, não deixa de ser condição para lerem o que lhes faz sentido. E a aos objetos que lêem, só constroem sentidos porque têm a ver com as condições sociais em que vivem.

Analisar os discursos dos ambulantes foi acima de tudo compreendê-los como práticas, como ações desses sujeitos sobre o mundo, que marca as

suas posições diante do que lê. Essa atitude me deu a impressão de tê-los resgatados como leitores implícitos e empíricos. Penso que isso seja o maior retorno que eu posso fazer para eles e para toda a categoria de trabalhadores. Mostrara para a sociedade que mais do que os bens materiais que lhes identificam, produzem intensamente bens culturais e imateriais por meio de leituras, produzidas nas relações entre eles e os outros.

As leituras que eu percorri durante a elaboração deste trabalho, me deixaram deslumbrada, não pelo que desconhecia de diferente da escola tradicional, mas, principalmente, por tudo o que eu aprendi. Cada pormenor me levava a outro; cada linha a outras linhas e cada palavra a outras. Assim fui tecendo a costura, até chegar aqui para e ter que dar um ponto final, mas considere um ponto em seguida.

Com este olhar mais alargado de onde brotou o fenômeno investigado, me propus a identificar os objetos que esse cenário comporta, seja para vender, comprar, se apropriar. São muitos, e dentro do que foi possível observar, todos, segundo os dados, são textos materializados, definidos por seu estilo e função. Suas características sócio - comunicativas os destinam para as relações de trabalho, como, por exemplo: panfletos com conteúdos que propagam produtos à venda, tanto no mercado formal, como as propagandas, como no informal, como panfletos anunciando tratamento espiritual.

De grande funcionalidade para o entretenimento da massa popular, os CDs e DVDs colocam os vendedores e clientes em constantes eventos de leitura. Inclusive são os objetos que mais participam desses eventos. Na linha da informação, jornais e revistas, sendo que o jornal com mais frequência em maior abundância faz parte do cotidiano dos ambulantes. Semelhante ao jornal, a Bíblia e os folhetos bíblicos, são objetos que se expandem nas cenas de leitura neste Centro.

Esse cenário, portanto, não há dúvida que é uma agência de letramento, principalmente para quem já se desfez dos vínculos escolares. E, talvez por isso, os ambulantes separem as leituras: as da escola e as da vida. As da vida lêem no presente; as da escola armazenam na memória, quando a elas têm acesso, quando não, a imagem como seriam.

Os objetos diversificados, convertidos em textos materializados, de vários formatos, servem como canal comunicativo entre as pessoas que

trafegam no local para comprar, vender, trabalhar, se entreter, disputar, rezar, anunciar, interpretar, sobreviver. Neste sentido, eles foram identificados.

Todavia, estes objetos presentes no cotidiano dos trabalhadores ambulantes, nem todos são eleitos como suporte de leitura pelos entrevistados. Como aparecem nos dados analisados, eles os selecionam de acordo com as condições que lhes impulsiona ler. Desses, o jornal, a bíblia, as revistas e os folhetos bíblicos compõem os seus repertórios de leitura.

Tais leituras, por serem significativas e intensas, representam um modo de construir uma identidade profissional a partir da importância que elas têm para esses ambulantes. Importante para se avaliarem e avaliarem o processo de luta pelo reconhecimento da categoria. Assim, eles vão se educando, se fortalecendo, se politizando e propondo alternativas, e encaminhando propostas de locação da categoria, tudo fruto de uma convivência coletiva e pacífica num cotidiano que é de todos.

Por fim, considerando que toda leitura está sujeita a uma condição, os entrevistados lêem a bíblia, os folhetos bíblicos, os livros auto-reflexivos, as revistas católicas, porque se sentem protegidos e fortalecidos perante a situação que demanda a sua sobrevivência, e por essas condições a esses objetos atribuem sentido. Contudo, embora tudo isso lhes faça sentido, não são reconhecidos institucionalmente e nem fazem parte do “Retrato da Leitura no Brasil”, nem os objetos e nem os leitores, ou “não leitores”, segundo a pesquisa.

Reconheço que isso se deva ao fato desses ambulantes não lêem os livros ‘autorizados’, os livros ‘certos’, os livros ‘positivamente’ avaliados pela escola, pela academia, por uma certa “tradição literária”, ainda que, em nenhum momento, a pesquisa que tomei como referência explique que critérios sustentam essa avaliação, mas é o fato também que ela os fazem crer sobre não serem leitores.

Quanto ao discurso de que os brasileiros não lêem, as cenas registradas neste trabalho, por meio de fotografias, depõem o contrário, no momento em que procurei dar à leitura um outro olhar, para além do pedagógico, no horizonte das relações estabelecidas humanas. O que me faz crer que é preciso rever o discurso ainda dominante do que lê e de quem é leitor no nosso país. E que bom que podemos começar a refletir sobre isso a

partir desses dados produzidos na Amazônia, que, aos olhos das pesquisas institucionais, o Pará, em particular, contribui com mais de 4% de toda a população adulta sem escolaridade no País.²⁷

Vejo que os dados aqui levantados nos colocam, como educadores, diante da possibilidade de adensar a compreensão da leitura em todos os ambientes discursivos. Não há mais como negar a presença de inúmeros gêneros textuais circulando nos meios sociais, e, se assim o fazem, é porque têm sua funcionalidade, suas características sócio- históricas, portanto, não podemos nos eximir de aceitá-los, bem como seus leitores, historicamente hostilizado pelo discurso dominante.

Gostaria ainda de lembrar, que, se toda a leitura tem sua história, a dos ambulantes, inicialmente, esteve condicionada às condições escolares, mesmo que não lhes agradassem, porém, à medida que foram se afastando desse vínculo, por necessidade de trabalhar, eles iniciaram cada um, outra história de leitura, mais precisamente a que lhes faz sentido, sob outras condições. Os que ainda estão vinculados à escola se esforçam para mostrar que, a dela, também é importante, o que significa que gostem, pois as condições se dão pela importância que demanda ser leitor para a escola.

Portanto, percebi que, diante das práticas de leitura produzidas no cotidiano do Centro comercial de Belém, posso afirmar que os ambulantes que trabalham nesse espaço são leitores assíduos de objetos que lhes fazem sentido, tendo em vista que os lêem intensamente, embora não sejam reconhecidos em favor da preservação da leitura mítica, que já não se define positivamente para as suas vidas.

Diante disso, vejo a importância de um outro olhar para as práticas de leitura veladas, desautorizadas e marginalizadas socialmente, que marcaram uma história de leitura cronometrada num tempo histórico que precisa ser revisado, pois é importante que seja superada a leitura como prática neutra e sim como uma prática cultural, política, histórica e social.

Nesta perspectiva, este estudo não se realizou com o intuito de encontrar culpados e sim colocar em evidência, leitores, objetos e práticas de leitura comuns, que acontecem fora do controle escolar, que mediante uma

²⁷ Fonte: Publicada no jornal O liberal, de 19/7/2009, Caderno Atualidades.

concepção elitista de leitura tornam-se invisíveis, embora definida importante para leitores silenciados que muitas vezes lêem para passar o tempo, para se informar, para descansar, para rezar, sozinhos ou em grupos, se apropriam de ambientes que são de todos:

Ler é um aprendizado pra pessoa. A pessoa tem que se dedicar mais à leitura pra ela ter conhecimento. Se ela não souber ler, acho que ela não é nada (Silva).

Com as palavras desse trabalhador ambulante, associadas às concepções de mundo de Morim (2002) e Freire (2005) que concebem que cada período histórico da humanidade é caracterizado por organizações sucessivas na maneira de pensar e agir, chego ao momento de por um ponto final neste trabalho, que o vejo justificado por haver feito vir à luz a relevância da presença do discurso do leitor real e a importância desse mesmo discurso como forma de contestação a representação do que seja leitura e da desconsideração dos objetos lidos fora da tradição letrada considerada importante.

Enfim, que essas considerações possam se acrescentar a muitas outras, como reflexivas a verificar, de fato, que fatores sociais, políticos, econômicos e culturais, implicam nas escolhas do que se deva ler, sabendo-se que essas implicações dos objetos, se consideradas desfavoráveis, desqualificam as pessoas e o que elas tomam para ler. Talvez, esse seja o ponto de partida para o debate franco e sem preconceitos sobre a democratização da leitura no Brasil e conseqüentemente a questão mal colocada do analfabetismo? Na verdade, somos um país de analfabetos letrados ou de letrados analfabetos. Ou ainda, de que analfabetismo estamos falando?

Penso que o retorno desse trabalho aos ambulantes é lhes qualificar como trabalhadores que, a exemplo do menino jornalista, sabem a notícia em 'primeira mão', pois enquanto no *outdoor* está a propaganda, ele já tem o produto nas 'mãos'.

Referências

ABREU, Márcia. (Org.). **Leituras no Brasil**: antologia comemorativa pelo 10º. COLE. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. (Org.) **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, FAPESP, 2001.

_____. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e navegar**: espaços e percursos da leitura. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

_____. Os números da cultura. In: MASAGÃO RIBEIRO, Vera (org.) **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001**. 2. ed. São Paulo: Global, 2004.

_____; SCHAPOCHNIK, N. (orgs.). **Cultura letrada no Brasil**: objetos e práticas. Campinas: Mercado das Letras, ALB, FAPESP, 2005

_____. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. 2 ed. Campinas/SP: Papyrus, 1995.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**, v. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, E. (1981). **Cultura de massa e cultura popular: leitura de operárias**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In Renato Ortiz, org. Pierre Bourdieu - **Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1983.

_____. O ponto de vista escolástico. In: _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sobre Teias e Tramas de Aprender e Ensinar**. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, v. 26, 2001.

_____. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

CAVALO, G.; CHARTIER, R. **História da leitura no mundo ocidental**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. In: **Revista Brasileira de Educação**. V. 11, n. 31. Jan./abr. 2000.

_____. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **Textos, impressões, leituras**. In: HUNT, Lynn (org.). A nova história cultural. São Paulo. Martins Fontes, 1993.

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priore, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____. **Cultura popular**: revisitando um conceito historiográfico. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.8, n. 16, 1995.

_____. (org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo. Estação Liberdade, 1996

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. **O mundo como representação**. São Paulo. Estudos Avançados, 2000.

_____. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

_____. **Leituras e leitores na França do antigo regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

DARNTON, Robert. A história da leitura. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FERREIRA, José Freire da Silva. *Cadernos NAEA*: rede urbana amazônica. Belém: UFPA: IPEA: INPES: Fundac: FORDSUBIN: SUDAM: BASA, 1977.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **A pesquisa sobre leitura no Brasil: 1980 – 1995**. Campinas/SP: Komed; Arte Escrita, 2001. (Coleção ALLE. Leitura e escrita).

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

_____. **Leitura: práticas, impressos e letramentos**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KLAIMAN, Ângela. O ensino da leitura: a relação entre modelo e aprendizagem. In: **Oficina de leitura: teoria e prática**, 3. Ed. Campinas: Pontes, 1995.

KLEIMAN, Ângela. Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever? Campinas: Cefiel - Unicamp; MEC, 2005.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

LACERDA, Lílian. **Álbum de leitura: memória de vida, histórias de leitores**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1984.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

MACHADO, A. **A Ilusão Especular: Introdução à Fotografia**. São Paulo, Brasiliense / FUNARTE / Inst.Nac. Fotografia, 1984.

MACLAREN, Peter. Multiculturalismo Revolucionário, Porto Alegre, Artmed Editora, 2000.

MANGUEL, Alberto. **Uma história de leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. Rio de Janeiro: MEC, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____ (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. O pensamento complexo: um pensamento que pensa. In: **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni. Segmentar ou recortar? In: GUIMARÃES, Eduardo (org.) **Linguística**: Questões e Controvérsias. Série Estudos, número 10, Uberaba, Fiube, 1984.

_____. **O que é discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo, Vigília, 1988.

_____. **Terra à vista** – discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas: Cortez editora e UNICAMP, 1990.

_____. **O método em análise do discurso**. Discurso, México, v. 6, 1991.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico. Petrópolis; Vozes, 1996.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2000.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas/SP, Pontes, 2001.

_____. **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas/SP: Pontes, 2003.

_____. **Discurso e leitura**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas/SP: Pontes, 2007.

_____. **As Formas do Silêncio**. Campinas, UNICAMP Editora, 2007.

Parâmetros Curriculares Nacionais – LDB nº 9394/96. Art. 32 I.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Tradução de Eni Orlandi. Campinas, UNICAMP Editora, 1988.

_____. **O discurso**. Estrutura ou acontecimento? Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

_____. **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. In: ACHARD, Pierre ET AL. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém do Para**: (estudo de geografia urbana). Belém: Ed. Da UFPA, 1968.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Tradução de Lólio Lourenço Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a *belle – époque* (1870/1912). Belém-Pa, Pak -Tatu, 2002.

SECON. **Desenho socioeconômico da população de ambulantes que praticam o comércio informal no Centro Histórico de Belém – 2006/2007**.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANNA, Heraldo Marelím. **Pesquisa em educação**: a observação. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1995.

Sites

<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewArticle/892>. Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Vol. 28, N. 1(2005). Acesso em 25/4/2008.

[www.http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sei_arttext&tlng](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sei_arttext&tlng).

Roger Chartier. Disponível em:

<http://fronteirasbackstagen.tempsite.ws/default>. Acesso em 29/4/2008.

<http://pphp.uol.com.br/tropico/htm/textos/2479,1.shl>. Michel de Certeau e a Pós-Modernidade: ensaio sobre pós-modernidade, história e impacto acadêmico. Acesso em 5/5/2008.

Diferentes *formas de ler*. Disponível em:

<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>. Acesso em 20/04/2008.

Retratos da Leitura no Brasil/2007. Disponível em: www.prolivro.org.br. Acesso em 22/5/2009.

IBGE–Cidades@ Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> . Acesso em 22/10/2009.

<http://www.belem.pa.gov.br/new/index.php> . Acesso em: 12/8/2009.

http://www.ufpa.br/beiradorio/novo/index.php?view=article%3B&catid=59%3Aeducacao-19&id=666%3Aestudo-propoe-insercao-dos-pregoes-na-formacao-academica&format=pdf&option=com_content&Itemid=27 Acesso em 17/9/2009.

Apêndice

Apêndice 1 – Roteiro de entrevistas

Este roteiro de entrevista foi produzido como base para a formulação das questões que foram ganhando configuração própria, à medida que as pessoas entrevistadas foram definindo seus objetos de leitura.

Equipamento de gravação: MP4 Sony – 1GB

Foram utilizados sinais convencionais de pontuação, bem como as convenções ortográficas do português nas transcrições das entrevistas.

QUESTÕES ORIENTADORAS DA ENTREVISTA

1. Você gosta de ler?
2. Como foram os seus primeiros contatos com a leitura, na infância?
3. Com quantos anos você aprendeu a ler? Como foi? O que você lia?
4. Quem ensinou você a ler? Em que espaços?
5. Na adolescência, o que você? Para quê? Qual era a importância dessas leituras para você? Lembra de alguma marcante? Comente.
6. Nessa época, o que circulava de impressos (suportes de leitura) nos espaços que você freqüentava?
7. Você lia algo escondido?
8. O que você mais gostava de ler, nessa época? Por quê? O que significava para você?
9. Existia algo que você lia, mas não gostava? Por quê?
10. Agora que você é adulto, o que lhe interessa ler? Por quê? E qual o significado dessa leitura pra você?
11. Existe alguma relação dessa leitura com a sua vida, com seus desejos, com seu trabalho?
12. Durante o tempo em que você trabalha no comércio, que tipos de impressos circulam diariamente nesse espaço?
13. Quais desse você lê? Por quê? Para quê?
14. Além desses objetos de leitura, existem outros que você lê, no comércio? Para quê?
15. Em que outros espaços você lê? O quê? Para quê?
16. Qual a importância da leitura na sua vida?
17. O que você não gosta de ler, mas precisa ler? E quando você faz essa(s) leitura(s)?
18. Existiu, na sua infância, na adolescência, ou adulto, alguma situação de leitura que você não tenha gostado? Se sim, você pode descrevê-la?
19. Existiram ou existem situações de leitura que tenha lhe dado prazer? Se sim, quando aconteceu? Onde? Como foi?
20. O que você gosta de ler, você lê em qualquer lugar ou existe lugares específicos? Dê um exemplo.
21. Como você tem acesso às leituras que você gosta?
22. Que objetos de leituras que você lê e que estão relacionados diretamente às coisas que você vivencia no dia-a-dia?
23. Ler é importante? Por quê?
24. Para concluir, defina exatamente o que você lê e para quê você lê.

Apêndice 2 - Termo de autorização e cedência dos dados dos sujeitos



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
PESQUISA: Práticas educativas na Amazônia: cenários, objetos e
leituras de ambulantes do Centro comercial de Belém/PA**

AUTORIZAÇÃO

Eu, -----
nº CPF (ou RG)-----, residente na (rua,
Travessa, av., nº, bairro, cidade) -----

AUTORIZO e CONCEDO os direitos autorais à Maria do Socorro Pereira Lima, mestranda em Educação da Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará, sob a orientação da Prof. Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva, a publicar os relatos orais (entrevistas) e imagens (apenas as que eu estiver lendo), na íntegra, ou em parte, por mim relatados em entrevista concedida no dia ----- de ----- de 2009, podendo utilizar o nome -----, escolhido por mim, para identificação das minhas falas na sua dissertação.

Belém, ----- de ----- de 2009.

Assinatura do entrevistado

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)